

Voices olhares

UMA GERAÇÃO
NAS CIDADES EM CONFLITO



instituto fonte
para o desenvolvimento social

Fundação

Telefônica

**Vozes
olhares**
UMA GERAÇÃO
NAS CIDADES EM CONFLITO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Vozes e olhares: uma geração nas cidades em conflito — São Paulo :
Fundação Telefônica, 2008

200p.

Parceria com o Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social

1. medidas socioeducativas 2. jovens infratores 3. liberdade
assistida 4. adolescentes 5. Estatuto da Criança e do Adolescente
I. Título

Vozes olhares

UMA GERAÇÃO
NAS CIDADES EM CONFLITO



instituto fonte
para o desenvolvimento social





Iniciativa Fundação Telefônica

Antonio Carlos Valente
Presidente do Grupo Telefônica no Brasil
Presidente do Conselho Curador

Sérgio Mindlin
Diretor Presidente

Maria Gabriella Biggetti
Gerente de Projetos

Maria Cristina Bôa Nova
Coordenadora de Projetos e
Coordenadora da Publicação

**AJAES – Associação Jandirense de
Apoio às Entidades Sociais**

ASBRAD – Projeto Gaia

**COMEC – Centro de Orientação ao
Adolescente de Campinas**

**Divisão de Medidas Sócio-Educativas,
Secretaria de Ação Social do Guarujá.**
Organizações parceiras



instituto fonte
para o desenvolvimento social

Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social

Rogério Renato Silva
Diretor Executivo
Daniel Brandão
Coordenação Geral da Pesquisa
Organizador da Publicação

Renata Codas
Assistente de Coordenação

Angela Leonardo

Lia Nasser

Rita Monte

Roniel Lopes
Equipe Administrativa

Bruno dos Santos Souza
Dayane Joice Barbosa da Silva
Gustavo Fernando Lima
Jéssica Aparecida Christovam

Juliano Gomes Boires

Natanael Silva Moura

Poliandra Rodrigues Neves

Wellington Pereira Muniz

Equipe de Pesquisadores

Anna Beatriz Bizarro Terra

Eduardo Khater

Patrícia Lancellotti

Valter Nogueira

Equipe de Monitores

José Henrique Pontes Camargo (Elite RH)

Apoio na seleção dos pesquisadores

José Vicente Vieira (Núcleo Maturi)

Apoio pedagógico

Rita Mariano – COMEC

Coordenação administrativa da contratação
dos pesquisadores

Júlio Boaro

Consultoria em Tecnologia da Informação

Graziela Castello

Análise estatística

Método QUADROS

Acácio Sebastião
Flávia Futata
Lucas Carvalho
Natália Noguchi
Equipe de Mediadores

Alexandre de Mayo
Ilustrações

Cristiane Barreto
Acompanhamento e Supervisão

Graziela Bedoian
Apoio

Ronaldo Bressane
Coordenação dos textos QUADROS

Ana Carolina Chasin
Daniel Adolpho Daltin Assis
Joachim Merklein
Juliana Brandão
Pesquisa sobre Municipalização de MSE-MA

Cleber Freitas
Lourdes Rocha
Pesquisa “O Olhar das Escolas”

Estúdio Girassol

Beth Kok
Esperanza Martin Sobral
Projeto Gráfico e Produção Editorial

Eliana Aloia Atihé
Revisão de Texto e Editorial

Agradecemos a inestimável colaboração das organizações parceiras do Programa:
COMEC – Centro de Orientação ao Adolescente de Campinas, ASBRAD - Projeto Gaia
AJAES – Associação Jandirense de Apoio às Entidades Sociais, Divisão de Medidas Sócio-Educativas,
Secretaria de Ação Social do Guarujá.

Aos amigos e colaboradores:

Dra. Adriana Marilda Negrão (Juíza da Comarca de Jandira), Dr. Mário Camargo Magano (Juiz da Comarca do Guarujá), Dr. Daniel Issler (Juiz da Comarca de Guarulhos), Dr. Richard Paulo Pae Kim, (Juiz da Comarca de Campinas), ao pessoal do Centro Paulus, Cezinha, Carolina Delboni, Daniel Maldaner, Daniel Adolpho Dalton Assis, Alexandre Randi, Antonio Hermes de Souza, Fabiana Carvalho (Bia), Lucínio de Souza Félix, Saulo Sordi, Guilherme Werneck, Flora Lovato, Thomas Chianca, Allan Kaplan, Martina Rillo Otero, Queli Aparecida Augusto (Fundação CASA), Vilcemar Viana Mattias Segato (Fundação CASA), Washington Luiz de Aguiar Jeremias, Michael dos Santos, Hélio Lopes Costa, Antonio Bonifácio da Silva, Graziela Bedoian, Gabriela Gramkow, Karyna Sposato, Paula Miraglia, Fabio Silvestre, Tatiana Filinto, Silvia Losaco, Heloisa Daniel, Maria de Lourdes Trassi Teixeira, Eduardo e todo o pessoal do MH2R, Jefferson Luiz Alves, Francisco Bodião (Chicão), Marcus Côes, Nelito Lopes, Adetilza B. Paulino (Deth), Paulo Fernando Pereira de Souza, Sergio Tonello, Fu Kei Lin, Lucas Pestalozzi, Mário José Freire, Carlos Augusto Pistoia.

TAMUJUNTO!



Uma das maiores lacunas do Estatuto da Criança e do Adolescente é, sem dúvidas, a implementação de políticas de atendimento ao adolescente em conflito com a lei. Mesmo com a vigência de 18 anos do ECA, persistem as marcas punitivas de controle e exclusão social, como atestam as graves violações de direitos nas instituições socioeducativas, a tendência ao crescimento das medidas privativas de liberdade, o perfil ainda predominante de delitos leves nas unidades de internação e a baixa implementação da municipalização de medidas socioeducativas em meio aberto, mesmo nas capitais brasileiras.

Por isso, na formulação do Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo (SINASE), foi proposta a necessária inversão de prioridades, afirmando a primazia na construção de programas municipais. A opção do Estado brasileiro por esse modelo veio suscitar mudanças culturais importantes, como a valorização de políticas inclusivas contrapondo-se a espaços sociais segregadores. Neste sentido, pensar o atendimento em meio aberto significa, antes de mais nada, “abrir a cidade” justamente ali onde ela tende a se mostrar cada vez mais “ghetificada”, tanto na periferia quanto nas áreas de convivência endógena das elites.

Esta abertura começa com o questionamento da paradoxal invisibilidade/visibilidade da adolescência em conflito com a lei no cenário urbano. Precisamos investir muito mais na investigação e na produção de informações sobre a realidade desses adolescentes e os impactos da medida socioeducativa em suas vidas. Também são urgentes o monitoramento e a avaliação dos programas de atendimento socioeducativo, muitas vezes executados com distintos parâmetros pedagógicos, modalidades de gestão e custos.

Tendo em vista tais aspectos, o estudo ora apresentado pelo Programa Pró-Menino: Jovens em Conflito com a Lei é de extrema relevância. Em primeiro lugar, porque seu ponto de partida é a experiência de responsabilidade social da Fundação Telefônica, o que reforça a diretriz do ECA no sentido do compromisso de todos, inclusive da iniciativa privada. Em segundo lugar, destaca-se a inovação metodológica e a perspectiva ética na pesquisa, marcas registradas do Instituto Fonte. De forma inédita, esse trabalho de investigação foi desenvolvido por quem participou ou participa, de alguma forma, dos programas de atendimento, o que lhe empresta um caráter testemunhal indiscutível.

Nessa obra, o leitor encontrará cartografias dos adolescentes que cumpriram medida socioeducativa de liberdade assistida, em quatro municípios pesquisados. Acreditamos que os percursos realizados por eles e pelas equipes, os espaços conquistados e os percalços vividos nestas trajetórias constituem-se indicativos valiosos para outras experiências que germinam no país. Acima de tudo, o que se espera a partir deste relato é que mais empresas, equipes e cidades sejam estimuladas a sedimentar os laços sociais para acolhimento das novas gerações, transformando seus problemas em prioridades.

Carmen Silveira de Oliveira

Subsecretária de Promoção dos Direitos da Criança e do Adolescente
Secretaria Especial dos Direitos Humanos

Fundação Telefônica

Todo menino e toda menina têm as mesmas vontades de aprender, experimentar, conhecer, descobrir, interagir com seus pares. Muito mais que vontades, esses são direitos que devem ser assegurados a todas as crianças e adolescentes. E defendê-los faz parte da missão da Telefônica em todos os países onde atua.

O Programa Proniño soma mais de 50 mil crianças e adolescentes beneficiados em suas atividades, atendidos em 13 países da América Latina. No Brasil, atualmente, sete mil são assistidos nos projetos desenvolvidos pela Fundação Telefônica, na versão nacional do programa, chamada Pró-Menino. Entre essas iniciativas, estão aquelas voltadas à qualificação das medidas socioeducativas em meio aberto, tema deste livro.

O consistente e inovador levantamento feito para esta publicação nos põe em contato com a realidade de meninos e meninas que cometeram infrações e passaram por programas de medidas socioeducativas no estado de São Paulo. Revela, porém, que a grande maioria deles já se encontrava e continua encarcerada em uma realidade de radical exclusão, a qual precisa ser revertida. A inserção na criminalidade é a pior de todas as formas de trabalho infantil e deve ser combatida por toda a sociedade, em benefício de cada um e de todos.

Este livro é o resultado de uma pesquisa que buscou avaliar os resultados do apoio a programas de medidas socioeducativas, realizados pela Fundação Telefônica ao longo de sete anos. Traz dados estatísticos e recortes biográficos que confirmam a importância desse investimento para a proteção integral dos direitos das crianças e dos adolescentes

brasileiros e, para além de seus objetivos iniciais, certamente, consiste em uma contribuição concreta ao trabalho de todos os que se dedicam à mesma causa.

Antonio Carlos Valente

Presidente do Grupo Telefônica no Brasil

Ousadias na avaliação

O livro que você tem em mãos é produto de uma parceria metodologicamente ousada e politicamente corajosa entre a Fundação Telefonica e o Instituto Fonte. Com a intenção de trazer à luz histórias e perguntas que ajudem a garantir e promover direitos de crianças e adolescentes, o material aqui apresentado privilegia os discursos. As vozes aqui depositadas são de jovens que experimentaram medidas socioeducativas, de pesquisadores e de atores vinculados ao tema da segurança pública.

Ao produzir palavras e apresentá-las nestas páginas, a ousadia está em permitir que os discursos possam parir realidades perdidas, passagens constantemente diluídas em extensas lacunas discursivas, éticas e políticas. Há discursos calados, há discursos execrados na periferia e escondidos nas sombras das cidades e da sociedade brasileira. O que se faz aqui é uma tentativa singela de ouvi-los.

Por isso o texto deve ser lido com uma poderosa chave de leitura, em forma de pergunta: algo é capaz de lhe surpreender? Porque o discurso com o qual nos encontramos aferroa e acaricia, entorpece e desperta, banaliza e singulariza; ele recusa alienações, toca nossa humanidade e evidencia nossos posicionamentos e escolhas. Recorro a Primo Levi para dizer que somos entre afogados e sobreviventes, e que não é possível pensar que a realidade ao nosso redor não aconteceu: escutemos as narrativas.

Ao dialogar com tais questões, é inevitável tocar também em outra pergunta: que papel cabe às avaliações no campo sócio-ambiental? Para além de qualquer tendência de controle e julgamento, aqui se descreve uma avaliação que enxerga lacunas abissais na

maneira como se percebe, se representa e se opera o cumprimento de medidas socioeducativas. Aqui, avaliar é observar, compreender e convidar a agir.

Por percorrer um caminho subjetivo e, por isso, delicado, que implica o sujeito em seu próprio discurso e o ajuda a produzir sentido e fazer escolhas, *Vozes e Olhares* apresenta uma avaliação que desconvida a aprendizagens superficiais e decisões-relâmpago. Tende a lançar raízes nos espaços em que for debatida e a produzir outro agenciamento entre causa e sujeitos: tratar o organismo jovem-Estado-empresa-OSC-família como portador de todas as possibilidades, até mesmo da des-confortável escolha pela cegueira.

Estamos no campo.

As vidas estão lançadas pelas cidades e, há tempos, já cruzamos a ponte que separava causas e conseqüências. Este é um texto que convida o leitor a observar o fenômeno e sua relação com ele. Conhecer o discurso para dele se impregnar. Trocar as lentes e trocar os olhos, na tentativa de aprender a amar aquilo que já matamos. Entre os princípios que sustentam *Vozes e Olhares*, saber que o desenho começa no olhar e que o ato de desenhar o futuro nasce da nossa relação com o presente. Não há atalhos.

Boa observação.

Rogério Renato da Silva

Diretor Executivo

Sumário

Um outro olhar para a avaliação	19
Jovens em conflito com a lei – Histórias – Estilhaços – Vidas	23
Tá osso	25
Doce de ladrão	28
Calado	42
Minha vida foi construída a cada minuto	48
Eu	58
Janaína quer chegar aos 19	66
Os sobrinhos de Larissa	74
Bicho acuado	78
A moral do pai	86
O lá daqui	96
Conjunto das pranchas do Método QUADROS	112
QUADROS – o método	117
Quadros: uma nova proposta	119
A invenção de um encontro	126
Os números: situação atual de jovens que cumpriram medida socioeducativas em meio aberto	141
Novas vozes, outros olhares: o adolescente na equipe de avaliação	143
Resultados	150
Lista de tabelas e quadros	188
Adolescência e violência	190
Referências	198

ADOLESCENTES



Um outro olhar para a avaliação

Por meio do Programa Pró-Menino: Jovens em Conflito com a Lei, a Fundação Telefônica investe em organizações que atendem adolescentes que cumprem medidas socioeducativas em meio aberto (MSE-MA), com o objetivo central de construir oportunidades que ajudem a romper a relação desses sujeitos com atos infracionais. O Programa reúne diversas possibilidades para a consecução dessa intencionalidade, todas articuladas ao redor de iniciativas de inclusão digital.

Após sete anos de investimentos, a Fundação Telefônica decidiu conhecer a situação de vida dos adolescentes que passaram pelas medidas e foram atendidos por algumas das organizações apoiadas pelo Programa. Sabe-se que tais informações são de suma importância, dando a conhecer os efeitos das MSE-MA nas vidas dos adolescentes atendidos, como também revelando um rico material que permite observar limites e pontos-chave a serem trabalhados em estratégias de intervenção futuras.

O Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social foi convidado a liderar o trabalho, chamado de Avaliação do Programa Pró-Menino, para o qual se definiu como recorte temporal o ano de 2005 e como territórios geográficos, os municípios de Campinas, Guarulhos, Guarujá e Jandira. Com isso, seriam abarcadas regiões metropolitanas expressivas para o estado de São Paulo, o que pode orientar, com consistência, a reflexão de políticas públicas que envolvem o tema. Para guiar o trabalho, as seguintes questões foram lançadas:

1. Qual a situação atual de adolescentes que cumpriram medidas socioeducativas em meio aberto?

2. Qual é o olhar que as escolas públicas lançam sobre adolescentes em conflito com a lei?
3. Qual é a dinâmica do processo de municipalização de medidas socioeducativas em meio aberto, nos referidos municípios?

Cada eixo de pesquisa exigiu uma estratégia específica de investigação. Esta publicação, entretanto, tratará apenas do estudo sobre a situação atual dos adolescentes que cumpriram medidas socioeducativas em meio aberto¹.

O trabalho realizado foi desafiador e inovador. As opções metodológicas adotadas trilharam caminhos raramente explorados, em busca de alcançar outra forma de entender e intervir no tema das medidas socioeducativas em meio aberto. Caminhou-se lado a lado com o risco, do mesmo modo como caminham os adolescentes que se buscava melhor compreender. A decisão pelo incerto, diante do repertório de métodos mais seguros e já consagrados, nasceu da necessidade de desbravar um novo campo ético, em que o sujeito com pouco acesso a recursos de toda sorte – o Outro – poderia estimular o surgimento de uma nova relação de poder.

Nesse sentido, duas estratégias foram utilizadas: os próprios adolescentes que cumpriram ou cumpriam medidas socioeducativas em meio aberto foram convidados a compor a equipe de avaliação; ao mesmo tempo, foi criado um novo método de investigação qualitativa, com o objetivo de compreender a trajetória de vida dos jovens, o qual foi denominado QUADROS.

A primeira parte deste livro traz o resultado do trabalho com o método QUADROS, composto por nove crônicas que relatam as trajetórias de alguns dos adolescentes e jovens que participaram de medidas socioeducativas em meio aberto em 2005. A opção por atuar com uma abordagem que permitisse levantar informações biográficas dessa população foi assumida por entendê-la como fundamental para observar a temática social em questão, de uma maneira compreensiva. Desta maneira, compreender o que está por trás dos dados quantitativos, as vidas que anteparam sua gênese, os fenômenos que se manifestam para além do que pode ser observado em tabelas, mostrou-se como um aspecto de grande importância para entendermos em profundidade a situação desses adolescentes e jovens. A concepção da pesquisa era que ficar apenas em análises quantitativas poderia levar a riscos de leituras apressadas e superficiais acerca de um tema extramente sensível em nossa sociedade.

¹ O estudo sobre o olhar das escolas foi analisado por Maria de Lourdes Trassi Teixeira e transformado em artigo disponível no site do Programa Pró-Menino (veja endereço nas referências bibliográficas). O trabalho sobre a municipalização das MSE-MA tem caráter restrito e foi enviado aos sujeitos envolvidos com esse processo em cada um dos quatro municípios participantes.

Para acompanhar o processo de criação de QUADROS, tendo como responsabilidade a crítica severa e rigorosa, foi convidada Cristiane Barreto, psicanalista, coordenadora do Programa de Liberdade Assistida de Belo Horizonte entre os anos de 1998 e 2006. Sua análise sobre essa proposta metodológica é apresentada no texto *QUADROS: a invenção de um encontro*.

A segunda parte do livro traz os resultados do estudo quantitativo realizado. O caminho ético e técnico pautado por convidar um grupo de adolescentes que cumpriram ou cumprem medidas socioeducativas em meio aberto para compor a equipe de avaliação tratava de uma escolha que traria novas possibilidades de inserir esses sujeitos nos debates sobre questões que dizem respeito diretamente às suas vidas. Com isso, demarcaríamos a construção de uma outra comunidade discursiva, que nos levaria a uma nova arquitetura ética. Ao mesmo tempo ganharíamos força técnica ao propiciar um encontro íntimo entre iguais. Com isso, sustentávamos que haveria menos chance de que as respostas se desviassem para o campo das afirmações socialmente desejáveis.

A experiência deste trabalho é descrita com detalhes no início da segunda parte do livro, e os dados que resultaram deste processo são analisados num texto de Denis Mizne (*Adolescência e Violência*).

Por fim, reafirmamos que a adequada compreensão do complexo fenômeno social com o qual lidamos só será possível a partir de uma leitura abrangente, que abarque tanto as informações quantitativas quanto as qualitativas. As conclusões e os juízos de valor a serem formados precisam sustentar-se no conjunto de dados, sendo de extremo risco construir conclusões meramente orientadas pela perspectiva oferecida por uma ou outra informação isolada.

Jovens em conflito com a lei

Histórias – Estilhaços – Vidas

Tá osso

Natália Noguchi

“Este é o fim de tudo”, diz, apontando para o Quadro 27. “Ainda bem que não cheguei lá, mas fui bem perto.”

Alexandre corre risco de morte. Quase foi assassinado, por conta de uma briga de biqueira. Nove da noite, quatro caras o pegaram, o levaram pro meio do mato. Com pedaços de pau, bateram muito – nas costas, na barriga, prensaram sua cabeça no chão com o pé. Doeu muito. Levanta a camisa, mostra as marcas. Muito machucado. Bateram muito, muitos hematomas. Depois, o colocaram de joelhos. Com armas nas mãos, dois dos caras começaram a discutir sobre quem ia matá-lo. “Vi a morte de perto. Ter certeza que você vai morrer daqui a pouco é muito ruim. Passa um filme da vida, sabe, como falam. Você lembra da sua família, da sua vida, da sua mãe – porque é ela que vai sofrer. O morto não sente mais nada. Mas a mãe fica. E sofre”, lembra.

Durante a discussão, pulou, rolou morro abaixo, foi se batendo todo, entrou no mato e conseguiu fugir: “De noite, no mato, ninguém enxerga nada.” Ficou perdido até meia noite e meia, foi para a casa da tia, chegou arreventado. “Foi isso que me fez mudar de vida: você percebe que tem coisas que valem mais a pena”, afirma.

Foi obrigado a fugir para a casa do pai, que mora isolado em um sítio. Há um mês, passa lá os dias. Preso. “É sensação de preso mesmo, não posso sair”, explica. “Se me encontrarem, morro. Passo o dia com medo. Hoje foi o primeiro dia que saí, até estranhei. Passei lá onde eu morava, fiquei cabreiro, todo acelerado, atento, pra ninguém me ver. Dá mó medo, porque eles sabem onde eu moro, sabem onde está minha irmã. E se resolvem pegar ela, pra ela levar até onde eu tô? Dá medo de fazerem alguma coisa com seu familiar. Mexe com seu psicológico,

sabe? E agora tô preso lá. Escondido, isolado.” Alexandre treme enquanto fala. Assustado, olha a janela o tempo todo. Na casa do pai, só vê TV: “Mas, vixe... Já tô entediado, já tô de saco cheio”, diz. “Porque você não pode sair, fazer nada. Quero voltar pra escola, arrumar um trabalho, construir uma vida nova longe daqui.”

Outro desenho que lhe chama a atenção é o 9. “Vixe, igual... Vixe... Me lembra um sonho que eu tive na noite antes de ser preso”, diz, balançando a cabeça, olhando para baixo, incomodado. “Sonhei que estava numa caixa, tipo essa, vixe... Com medo. Escuro, frio. Chamava todo mundo, chamava minha mãe e nada. Daí, no outro dia, fui preso. Tinha acordado mesmo com mau pressentimento, já devia saber. No corró² é que fui lembrar.” Traficava, era “do movimento”. Já viu muita gente morrer, passar necessidade, querer a droga de qualquer jeito. Como é conviver com todas essas mortes? “Antes eles do que eu.”

Usava cocaína só de vez em quando. “Mas, graças a Deus, não cheguei a me viciar, porque tem cara que entra no tráfico pra poder usar a droga; daí fica nóia, começar a vender panela, roubar pessoa só porque tem que cheirar, fica doidão. Isso afeta até o psicológico, a mente”, analisa. O tráfico dá muito dinheiro. Já gastou R\$ 1200,00 numa noite. “Vem fácil, vai fácil. Não é que nem se você trabalha o mês inteiro e, no final, tem seu dinheiro que, pra gastar um real, até dói. O que você ganha num mês, eu ganhava num dia”, afirma. Mas, segundo ele, essa vida não vale a pena; ver a morte de perto o fez perceber. “Você vê, agora tô como preso de novo.” Aponta o Quadro 9 outra vez: “Como eu tinha sonhado mesmo, sozinho, com medo, preso. Ou fugido pro resto da vida.” ■

2 Cela



quadro 1

Doce de ladrão

Natália Noguchi

Nilson nunca teve pai. Sempre morou com os avós no interior de São Paulo, perto de uma represa. Um sítio onde os avós, aposentados, criavam animais. Hoje ele se lembra com saudade da comida, da ordem, do carinho. Foi deixado lá por sua mãe, aos dois anos. Ela o visitava uma vez por semana. Ele sempre deixava sua malinha arrumada para ir embora com ela. Passado o tempo, já não se importava mais com a mãe, nem ligava mais para sua ausência.

Os avós – principalmente a avó – costumavam bater nele com corda e cinta. Aos dez anos, estava em casa com uma prima, dia de frio. Ela não queria tomar banho, ele brincou: “Sua porquinha”. A avó: “Você xingou a menina?” Ameaçou bater. Ele seguiu na direção da avó, fechou os punhos: “Vem.” A cinta foi arremessada na direção dele, Nilson a segurou. Seu avô veio por trás, lhe deu uma rasteira, segurou seu braço, bateu em seu rosto até sangrar. Nilson levou pontos no queixo. Ao se lembrar disso, Nilson faz um esgar de ódio. “Na hora, quis sair de lá. Chorava, mas não era de dor, era de raiva. Como ele pôde encostar a mão em mim? Bater de cinta, não tem tanto problema, mas soco com a mão? Só porque eu brinquei que minha prima era porquinha?”

Inconformado, parou de falar com os avós, chamou sua mãe para buscá-lo. Hoje seus avós moram na casa de trás. Diz não guardar rancor. “Mas não é como antes.” A avó, ele só cumprimenta. O avô veio pedir desculpas. “Não é fácil de perdoar. Não guardo rancor, mas não vai mais ser igual. Lembro como se fosse hoje.”

Nilson foi internado³ um mês antes de nascer sua filha. Ficou um mês e pouco na delegacia: “Era suave.” Maiores separados de adolescentes, vinte e um em uma cela pequena. Preso com três amigos, foi recebido com perguntas de inti-

3 Restrição da liberdade: preso.



midação: “Tem que ser firme nas respostas, não pode falar mentira, tem que ter o ‘proceder do ladrão.’” Falar menos e ouvir mais, ter jeito de bandido, ser humilde, não se impor, fazer os outros te respeitarem. Em seguida, surgiu outro adolescente preso por tráfico. Estava com drogas, a polícia chegou, ele jogou tudo num terreno ao lado, a polícia invadiu o lugar, lá morava um foragido que acabou preso na ação. Cagüeta⁴. Na cela, o garoto é abordado, desconversa, fala mentira. Toma muita pancada, é humilhado, maltratado.

O chuveiro da cela (um cano atrelado a uma garrafa pet, num buraco minúsculo, com água muito gelada) não pára de pingar. Nilson chama o cagüeta para consertar o chuveiro e pega um chinelo Rider: “Porque é mais grosso que Havaianas”, diz. Dá uma chinelada na bunda do moleque. Quando este vira pra tirar satisfação, leva um soco e cai. “Era bem louco, o cara era pilantra⁵. Desconversou, é pilantra”, afirma.

Todo mundo da cela começa a bater no cara, abafam seus gritos com as mantas onde dormem – e quanto mais ele grita, mais apanha. Os gritos acordam os policiais. “Vocês acordaram a tropa toda, o que está acontecendo aqui?” Os policiais identificam o pilantra, o levam para outra cela, cobrem o garoto de porrada. “Agora chega, todo mundo quieto! Se acordarem a tropa de novo, todo mundo leva porrada.” Chega o delegado, “na estica, cheio de pose”, se dirige até o pilantra, apanha uma lavadora WAP, atira o jato de água fria no garoto, gritando, ameaçador: “Seu pilantra, por que bateram em você? Pra quem tanto barulho? Vai dizer o que aconteceu?” Ao ver que o menino não vai abrir a boca, o delegado o larga, molhado e machucado. Dirige-se, então, à cela dos adolescentes: “Alguém

4 Dedo duro, aquele que informa a polícia.

5 Adolescente que fica excluído do grupo, por infringir as regras do mundo do crime.



quadro 2



pode me dizer por que acordaram a minha tropa?” Nada. Jato d’água em todos eles, machucando, molhando as mantas.

Aquela noite, todos passam muito frio. A noite mais fria da vida de Nilson – a cela é escura e úmida, não pega sol, e as mantas onde dormem (não há colchões) estão totalmente molhadas. No entanto, Nilson não achou a delegacia horrível. “É suave.” A mãe nunca foi visitá-lo na DP. “Se você for preso, não quero te ver nunca mais.” Só foi vê-la de novo na UIP (Unidade de Internação Provisória).

Nilson e os amigos são transferidos para a UAI (Unidade de Atendimento Inicial) – segundo ele, o pior lugar em que já ficou na vida. Na chegada, é levado a um quartinho bem pequeno, onde tem um “negão viado” grande, musculoso e alto que, só de olhar, intimida. Ao lado do Negão, um taco de beisebol. Olha o taco, pensa que vai apanhar, se borra de medo, tremendo, com a boca seca, mal consegue falar: “Era tanto medo que a minha voz não saía.” O Negão grita: “Descasca, menor.” Nilson não entende. O Negão repete, mais alto: “Não tá ouvindo? Descasca, moleque!” Nilson continua sem entender. O Negão pega o taco de beisebol, encosta na barriga de Nilson, puxa sua camiseta pra cima. Nilson deduz: tirar a blusa. Tira. O Negão fala: “Tudo, até a coruja⁶” (cueca).” Nu, de frente para o Negão, outra ordem: “Agora, paga três cangurus.” Mais uma vez ele não entende. Apavorado, não consegue perguntar. Novo grito: “Moleque, três cangurus.” Posiciona o taco sobre a cabeça de Nilson, fazendo força para que seu corpo abaixe. Ele compreende: abaixar três vezes.

Acabada a recepção – “pra mostrar autoridade, impor respeito” – tem seu cabelo cortado, retiram sua roupa e lhe dão o uniforme. É levado à psicóloga, que

6 Cueca.

tem cara de terror. “Eles escolhem a dedo só os mal-humorados, que metem medo.” A psicóloga apresenta as regras da casa. “Você tá entendendo?”. Ele diz: “Estou.” Ela: “Está nada, porque senão já tinha respondido: entendi, sim, senhora.” A regra: dizer “senhor” e “senhora” a todo momento: “licença, senhor”, “licença, senhora”, a cada funcionário que passar na frente. “Se tiver 4000 funcionários enfileirados, você vai falar 4000 ‘licença, senhor’”, conta. Andar com a mão pra trás e a cabeça baixa, na sala, só ver TV, não falar, não se mexer... desobedeceu, os funcionários batem. Antes de ele sair da sala, a psicóloga emenda: “Acho bom você se comportar, seu parrudo, que eu não quero te ver nunca mais.” Ele: “Sim senhora”. Com raiva, pensou: “Eu é que não quero te ver nunca mais, filha da puta.”

Levado à sala da tela⁷, com meninos quietos enfileirados, senta, pernas dobradas, mãos em torno do joelho – “posição que você agüenta quieto um filme inteiro, mas depois dói a bunda, porque pressiona o osso”. E na UAI só há três filmes – quando acaba, passam o mesmo de novo. Quem tentar se mexer, é logo chamado: “Destaca.” Levanta, vai até a parede e toma porrada do funcionário. Não pode nem mexer o lábio.

Fila para a escovação, fila para tomar café. Topa com seu parceiro: muda de fila, rápido, conseguem se ver e se falar; na medida do possível, ninguém percebe. Mas ao ver Nilson ser chamado para transferência, seu amigo diz, alto “Boa sorte.” Destaca e é espancado. “Nem olhei pra trás... ele tá louco?”

Foi então para a UIP, bem mais tranqüila. “Só não dá pra fumar, mas os funcionários não espancam toda hora, só se precisar, se der motivo”. E o que é dar motivo? Desobedecer mais de uma vez. Conta da rotina rígida, embora existam

7 Televisão.



curso e escola. Pensou em fugir, mas era muito difícil – só um menino fugiu, cortando a rede de pano, descendo pela caixa d'água. Foi pego logo em seguida.

Um dia, descendo a escada, foi chamado. “Transferência para a UI (Unidade de Internação) – Tatuapé”, ouvi. Na perua, o funcionário deu a dica: “Fica tranquilo, não dá de medo, porque lá não é brincadeira”. Chegou apavorado: “O Tatuapé é um complexo cheio de ruazinhas por dentro. A porta da minha unidade tava toda queimada, e eu pensei: osso.” De entrada, já deu de cara com uma quadra enorme, os 98 adolescentes o cercam, começam o processo de intimidação, muitas perguntas. Quando disse que vinha de Guarulhos, foi logo chamado por meninos da sua região. “Passam a assistência da casa.” Gostava muito da UI 20 – muitos cursos, quase não ficava no pátio. Fez curso de panificação, funilaria, computação; engatava um no outro, as técnicas gostavam dele. Era quieto no pátio, respeitado pelos adolescentes. Apanhou de funcionário uma vez e foi logo fazer o BO com a psicóloga, em quem confiava. Quando ameaçavam, dizia: “Bate, que eu faço outro BO.” Assim impôs respeito.

Nunca arrumou briga, não dava trabalho, sempre ficava de boa. Gostava de ajudar, ia à escola. Presenciou mais de 16 rebeliões. Na hora, representava com os moleques; eram rebeliões grandes, do complexo, adolescentes vinham tomando conta desde outras unidades, corria todo mundo pro portão. Nesse dia, “o Choquinho⁸ abriu o portão e falou: ‘Foge quem quer, mas foge logo.’” A cavalaria do Choque se aproximava e ele decidiu não fugir. Pensou na mãe, que já tinha muita vergonha dele, e em ter que viver foragido. Entrou na unidade de novo, ficou na administração vendo TV com os funcionários, nada violento – refém era

⁸ Funcionários designados para fazer a contenção nas unidades, por se vestirem de preto são também chamados de MIB.



quadro 3



só pra fazer acordo e não para apanhar. Na hora da revista, ficava perto dos bonzinhos da unidade e as técnicas registravam que ele não tinha participado da rebelião. Todos acreditavam.

Foi “sentinela na unidade”: estrategicamente posicionado, anunciava a chegada da Tropa de Choque. Foi também faxina⁹: tinha conceito entre os caras. Numa das rebeliões, entrou na administração, fez telefonemas para a mãe e amigos, olhou as gavetas. Achou R\$ 50,00, deixou com um funcionário, a Tropa de Choque entrou, bateu e revistou; depois o funcionário devolveu a ele o dinheiro, que foi dado à sua mãe. Muita malandragem...

Nessa época, os meninos dominavam a unidade. Era “pique mundão¹⁰”: usavam roupa do mundão, andavam com drogas, viviam normalmente – mas presos. Nilson não entendia porque queriam fazer rebelião: “Se já têm tudo, vivem como no mundão, pra quê?” Ficou mais de um ano internado.

Pergunto: mas qual foi o seu BO? Ele pára, me olha e diz: “Vixe... Vou contar como aprendi o crime. Você tem tempo?” Tenho o dia todo. Aí...

Correrias

Aos 12 anos, Nilson trabalhava em um lava-rápido com Hermes, que bolou um plano e roubou as duas lavadoras WAP do lugar. O dono foi à falência. Nilson nunca denunciou. Os dois amigos freqüentavam um bar próximo, para jogar fliperama. Hermes, alguns anos mais velho, cuidava dele, dava ficha de fliperama, pagava coca-cola, lanche. Tratava-o com carinho, foi se tornando uma referência.

⁹ Função desempenhada na cadeia que dá ao sujeito posição de liderança.

¹⁰ Mundão é usado para designar o mundo fora da cadeia, o espaço da liberdade. Pique mundão significa ser igual ao mundo fora da unidade de internação.

Um dia, faltavam R\$ 30,00 para sua mãe conseguir pagar a conta de telefone da casa. Nilson chegou ao bar, comentou isso e Hermes deu as notas. Uma forma de cuidado.

Dias depois, Hermes perguntou a Nilson se tinha vontade de ter dinheiro. “Não tenho apetite pra roubar”, esquivou-se. Hermes o convidou para um rolê, ele recusou várias vezes – enganava, marcava e não aparecia. “Aquilo não era para mim”, explica. Hermes intimidou: é a última vez que chamava – um assalto a ônibus. Nilson foi. Hermes deu a voz de assalto, pegaram o dinheiro e fugiram. Deveriam andar devagar, para ninguém desconfiar. Entraram em um shopping próximo para trocar as moedas, foram a um supermercado. Hermes aconselhou que comprassem um refrigerante, para dar um tempo: “Agora vai começar a aparecer a polícia, procurando o ladrão do ônibus.” Melhor fazer hora, escapar dos policiais que ficavam nas saídas, preparados para pegar os ladrões em fuga.

Subiram até a praça de alimentação – Nilson tinha tanto dinheiro que resolveu comprar um McLanche Feliz: “Eu sempre quis aquilo e nunca ia ter; eu nunca ia gastar meu dinheiro nisso pra ganhar a lembrancinha. Mas fiquei tão feliz...”, justifica. Aproveitou também para pedir sobremesas, milk shake... Foram ao cinema, jogaram fliperama – lembra como se fosse hoje de um jogo de helicóptero. “Depois, cada vez que eu roubava doceria, enchia a mochila de chocolate. Adoro Diamante Negro e Prestígio, é o meu preferido... e o Talento, então? Levava bala, doce, uma delícia! Enchia a casa!” De volta, dividiram o dinheiro. “Aí, vê como é? Se fosse hoje, que eu tenho mais cabeça, não ia ter coragem. Imagina se no caminho passa uma viatura e o motorista do ônibus dá um farol?”



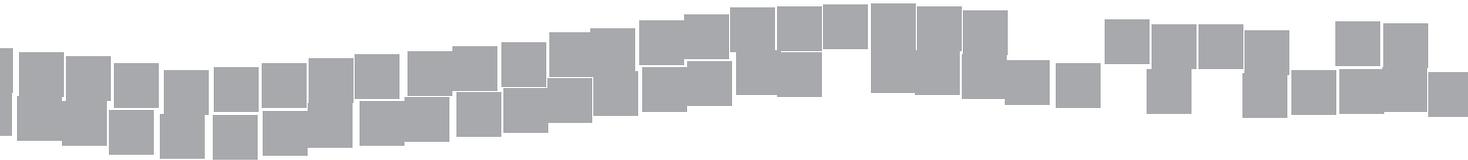
quadro 4

Foi convidado a fazer um roubo sozinho. Hermes tinha trabalhado num açougue e conhecia todo o funcionamento: local das chaves e do dinheiro, o dono, a rotina. Explicou tudo a Nilson, deu uma arma a ele: “Vai lá, rouba a bolsa preta que o dono vai entregar ao motoboy, prende todo mundo no banheiro, pega os celulares pra ninguém telefonar e sai. Se quiser levar a moto, pode.” Mas ele não sabia pilotar. “Sai devagar, anda normalmente, que eu vou estar aqui perto.”

Nervoso, Nilson duvidou que fosse conseguir. Na hora, as palavras saíram de sua boca: “Todo mundo quieto! Isso é um assalto, não quero nada, só o dinheiro. Mas se alguém reagir, eu atiro e mato!”, recorda. Roubaram mais de R\$ 4 mil. Sobre desconfianças de sua mãe: “Do dinheiro, ela gostava, mas não de como ele vinha”, diz. Sempre trazia doces para sua irmã mais nova: “No recreio, não tinha essa de chupar bala; é só chocolate. Namorada minha também: só Diamante Negro, Prestígio, só chocolate”, conta, orgulhoso.

Começaram a se envolver com tráfico de armas: “Isso é que dá dinheiro, viu?”, afirma. O pai de Valdo, vizinho de Hermes, tinha contatos no Amapá. “O crime é uma máfia. Tem gente que só faz tráfico de armas, outro de drogas, um grupo só rouba celulares, outro só faz ‘diretinho’” – que é clonar o celular alheio, “como fazer ‘gato de luz’ no poste”. Nunca fez nada disso, cabe a outro grupo. Mas dá muito dinheiro também - nos presídios, sempre há encomendas.

Ganharam dinheiro com o tráfico até a Polícia Federal “fechar a fonte”. Depois, voltaram a roubar. Um dia, deu vontade de ver um DVD e foram assaltar uma locadora na Vila Guilherme. Fim do assalto, Hermes mandou Nilson seguir na frente. Brigaram: Nilson queria ir junto. Hermes apontou a arma para ele e o man-



dou embora. Ele foi, se perdeu na região, não sabia andar sozinho. Encontrou “cinco caras grandes, bem estranhos”, pediu informação para eles; eles desconfiaram, perguntaram se ele estava sozinho. Disse que sim. Chegou a Guarulhos e ficou dias sem ver Valdo e Hermes, pensava que eles haviam sido presos. Depois de um tempo, foi à casa da ex-mulher de Valdo e o encontrou lá. Valdo contou: Hermes foi espancado por cinco caras que apareceram na locadora (provavelmente os mesmos que Nilson encontrou no caminho) e estava no hospital. Depois foi para a FEBEM.

Nilson voltou a roubar. Conheceu uns meninos na rua – “esses que falei logo no começo, os parceiros que foram presos comigo” – e os ensinou a roubar. Começaram por uma doceria, onde faturaram R\$ 70,00 (mixaria), mas Nilson saiu com a sacola cheia de doces.

Falando da abordagem no momento do assalto, Nilson afirma: “Não tenho dó de ninguém.” Na hora é o que tem que fazer; depois do primeiro, repetia sempre as mesmas frases. Estar armado dava segurança. Mas nunca usou a arma; só no Ano Novo, para dar tiros para o alto. Acredita que não conseguiria, porque uma vez viu um cara rasgar o pescoço do outro e ficou dias pensando nisso, sonhando: “Não tenho apetite para isso, tenho medo de sangue.” Hoje, parou. E a adrenalina do roubo? “Acho que essa parte, em mim, morreu.” ■



quadro 5



quadro 6

– Gostou dos quadros?

Nada.

– Algum tem a ver com você?

– Não.

– E esse? – mostrei o quadro preto.

Nada.

– Sua vida não tem nada?

– Não.

– Ou você não tá a fim?

Ele não respondia. Pensei algumas vezes em falar pra ele ir embora, mas achei que seria frustrante para nós dois. Ele não era claro.

– Você é sempre calado?

– Não.

– Tá incomodado então?

– Não.

Pedi para Gil separar alguns quadros que achava que não tinham a ver com sua história. Separou o Quadro 1.

– E por que não tem a ver?

– Porque eles são folgados e já tomei uns tapas deles.

A cada quadro, a brecha era muito pequena. Uma frase, apenas para cumprir o protocolo e eu parar de encher o saco. Separou o Quadro 23.

– Porque não tem essas coisas lá em casa...

– Nunca presenciou uma cena dessas, nem quando você era moleque?



– Não.

O Quadro 9.

– Porque eu não ia ficar sozinho no escuro...

– Por que não?

– Porque não gosto, não quero.

– O que você imagina vendo esse quadro?

– Um cara sem família.

Tentei caminhar por aí, novo vácuo. Silêncio.

Separou mais um: o Quadro 4.

– Desse eu não gosto.

– Por quê?

– Não gosto.

– Sente alguma coisa?

– Não.

Revi com ele os quadros que escolheu. Sobre o Quadro 1, complementou que, às vezes, passam uns encapuzados em sua rua. São policiais, e só nessa semana tinham matado seis. “Chegam de moto, em dois.” Perguntei como ele sabia que eram policiais. “Porque estavam encapuzados. Todo mundo sabe. Ameaçam e depois voltam, mas aí estão de capuz e ninguém pode provar nada.”

Pulou para outro, motivado pelo da polícia, que achou que também não tinha nada a ver. Era o Quadro 10. “Nunca tive uma arma.” Perguntei se ele gostaria de ter. Ele disse que não, não tinha vontade nenhuma, só pra se defender. Perguntei se achava perigoso ter uma arma para se defender e se, na febre, ele

não podia dar um tiro em alguém facinho, facinho. “Não, todo mundo tem, só pra se sentir melhor, mais seguro”, disse.

Separou o Quadro 11, emendando a frase protocolo:

– Nunca usei nenhuma droga, só bebi algumas vezes. Não gosto.

Ficamos em silêncio.

Ele olhava para os quadros.

Ele olhava para baixo.

Ele olhava para os quadros.

– Você já me falou sobre o que não é, sobre o que não gosta. Nenhum desses quadros te serve? Nenhum você acha bonito?

Novo silêncio.

Começou a ficar incomodado, mas também não queria ir embora.

Falou sobre alguns que ele achava que tinham a ver com ele:

– A molecada da rua... (Quadro 13)

– Você tem muitos amigos?

– Sim. Também essa balada... (Quadro 3.) Saio direto, viu? Vou pra praia...

Também queria mostrar que ele era interessante.

– O da escola (Quadro 18) também tem a ver.

– Por quê?

– Pra aprender.

– Aprender o quê?

– A lição.

– Só?



Disse que, pela cara dele, não estava parecendo que ele gostava de uma praia, da molecada, da balada e que ele tava todo escondido. Perguntei se era só ali, comigo.

– Eu gosto de adrenalina. Roubava mesmo era pra bagunçar. Eu também precisava do dinheiro, mas gostava mesmo era da adrenalina.

Olhando pra baixo, ele disse que queria ser da SWAT.

– Então você quer ser policial? Você falou que aquele quadro (01) não tinha nada a ver com você...

– Mas aquele eu falei que era bonito. – explicou, apontando pro Quadro 24.

Me lembrei de que, no início, quando perguntei se gostou dos quadros, ele apontou esse, dizendo que era bonito.

– Aquele cara parece da SWAT, então?

Concordou, falou que gostava daquela roupa, achava bonita.

Surgiu um fiapo de conversa. Perguntei sobre o exército, ele contou que não serviu, ficou triste pra caramba, mas que tava se preparando pra fazer o cursinho e entrar lá. Depois de dispensado, foi se informar. O soldado disse que ele só entraria se prestasse o exame e tivesse colegial completo. Perguntei se era por isso que ele estava estudando. Ele falou que sim. Estava se preparando. “Eu gosto da adrenalina, da roupa, da selva.” Perguntei qual era a diferença entre ser do exército ou da SWAT e ser policial. “Os policiais são bandidos, matam. Os outros não são, os outros correm atrás de bandido.”

– E você, se considera bandido? Um dia já correram atrás de você...

“Bandido é quem mata” e ele não mata, ele gosta é de correr atrás de



quadro 7



bandido. Conversamos sobre arma, a hora H, sobre matar. Eu disse que soube pouco da vida dele. Sabia que ele era um cara que estava se esforçando para ir à escola e se preparar para o exame do Exército. Que gostava da adrenalina que devia ser correr atrás de bandido e que por isso tinha o sonho de ser do exército ou da SWAT.

– Tô certa?

Envergonhado, falou que sim.

– Todo mundo sabe disso? Já contou esse sonho para alguém?

Não, ninguém sabia.

– E que título você daria pra essa sua história?

A timidez e o silêncio voltaram brutais.

– Acho que já tô aqui há umas duas horas...

Nos despedimos. ■

Minha vida foi construída a cada minuto¹¹

Flávia Futata

O encontro com esse garoto revela que não existe nada de tão profundo que supere a beleza e a força que podem morar na simplicidade do cotidiano. É justamente nesse lugar que reside a potência desta história. A aplicação foi tão humana que me mobilizou; saí completamente transformada por esse encontro, com um sorriso largo na cara. Ao final, nos abraçamos.

Hugo é bem poético, mobiliza isso nas relações que estabelece. Carismático, falou sobre coisas cotidianas com uma beleza imensa; conhece as pessoas na rua, cumprimenta os velhos; brincou comigo o tempo todo. Demos boas risadas. É um sedutor sem trejeitos, feio, magro demais, mal vestido e completamente ciente de seu valor como ser humano. Impressionava o amor que sentia por ele mesmo e sua capacidade de amar a mulher, o filho, o irmão, a vida. A profundidade que ele atingia era maior do que a das suas histórias. Curioso como aquele jovem conseguia estar tão erguido e bem consigo mesmo.

Durante as duas horas em que estivemos juntos, falou sobre alguns quadros apenas ao final. Não se deteve em nenhum. Exceto o 21: “Esse aqui sou eu todinho”, afirmou.

Os quadros serviram como pano de fundo. Ele mesmo os arrumou nas prateleiras, preocupado com que ficassem bonitos e fáceis de visualizar: “São lindos, esses quadros”, deslumbrou-se. Mas quis mesmo conversar sobre o que o estava angustiando: o irmão. Falamos um bom tempo sobre ele. Ao redor do irmão, a família toda aparece. Conta que sua mãe foi tratar de uma doença em São Paulo e que o irmão tinha tentado se matar. Desde então, a família está buscando alguma ajuda, uma internação.

¹¹ Título sugerido pelo próprio adolescente para sua história.



Passou a detalhar a história do irmão, que tinha tomado um chifre. “Flávia, meu irmão dizendo que ia se matar e eu e meu pai amarramos ele. Só que ele queria tanto aquilo, estava tão fora de si, desesperado, triste, sem saída, que, numa hora, eu realmente acreditei. Não agüentei, saí do quarto. Fui pra rua, chamei meu pai: ‘Pai, o Franciel vai se matar!’. Entramos, eu tive medo de entrar, escutei a faca na garganta, ele cheio de sangue, eu cheio de sangue também. Ele passou a faca na garganta, mas não deu certo. Depois tentou enfiar no coração e a faca deslizou.”

Disse que o irmão acreditava que já havia perdido tudo. Um dia, perguntou a Hugo como era o amor de pai; como era amar um filho. Não conseguia compreender o irmão. “Como é que pode? Ele tem duas filhas! Como eu vou explicar isso pra ele? O cara perdeu o amor por ele, não consegue amar ninguém... Eu não sei como é, só sei que amo, não tem explicação.”

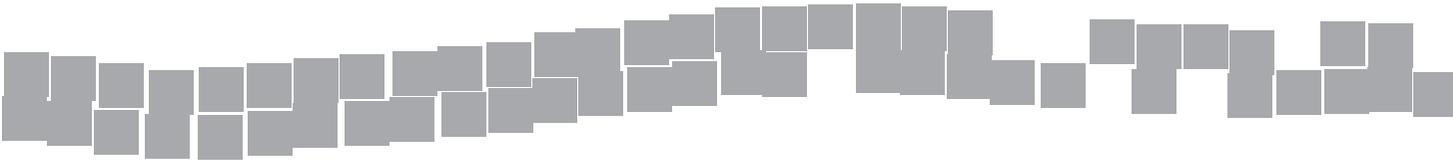
Em sua paternidade, completamente vinculada a sua mulher, Hugo era o avesso da história do irmão. Falava da mulher com o maior amor: eram namorados “desde quando ela não sabia beijar”. Ensinou tudo a ela. A mãe dele nem acredita como ele deixou a vida de galinha, telefone tocando a cada cinco minutos com as garotas o procurando, para gostar só dela, bobinha. Ele também não sabe e disse que nem a mulher sabe.

“Depois que a gente faz amor e troca aquela conversa profunda, ela me pergunta:

- Porque eu tô com você, tão feinho desse jeito?
- É porque eu sou assim desse jeito e você é assim do seu jeito. É porque é bom, não tem explicação.”



quadro 8



Contou que a vida dele teria tudo para ser uma merda – são feios, são pobres de doer, moram no mangue, vivem alagados, mas são felizes. Na casa dele, por exemplo, ele colocou vários tapetes. “Não tem pra ninguém. Meu barraco...” – Hugo comprou um barraco do irmão por R\$ 800,00 que está pagando em prestações: É muito caprichado. A gente é muito criativo e o pior é que eu não troco por nada. Acho que tem a nossa cara. Tudo acarpetado. Meu filho adora. Pus tapete até no banheiro. Eu sou muito feliz, dou risada o dia todo, me acho tão caprichoso, criativo.

Quando a namorada engravidou, foram morar juntos porque a mãe a expulsou de casa. A garota tinha 14 anos; quando ele soube, ficou “suspenso no ar”. Disse: “Vamos ter, é isso aí!” Lutou pela vida do menino porque todo mundo queria que ela tirasse. A mãe da garota já tinha gastado R\$ 240,00 com Cytotec¹². Hugo afirma que não teve dúvida: foi conversar com ela, ameaçando denunciá-la. “Esse filho é meu, não se meta!” Levou a namorada pra morar com ele.

– Nessa época, eu já não tava mais roubando.

– Por que, se justamente nesse momento é que você tava precisando de grana?

– Depois que saí da Febem, não fiz mais nenhuma fita. É uma vida medíocre.

– Qual era a vida medíocre, a do crime ou a das drogas?

– As duas são a mesma, sem dignidade. Não queria mais me esconder. Não tinha muito no que pensar. É assim mesmo. A vida do bom e a do mau caminho. É simples assim: se você tem uma filha que você ama, vai querer que ela namore com algum traficante? Não. É isso, simples desse jeito.

12 Remédio abortivo

Conversamos sobre grana. Ele veio com o papo de que dinheiro que vem fácil, vai fácil. Quis entender o porquê, já que nos dois casos é a mesma pessoa que gasta:

– Não é mesma pessoa que gasta. Quando você trabalha 30 dias agüentando a reclamação das pessoas num banco, você divide essa grana por 30, lembra do que você passou em cada dia para ter aquela grana, pensa 30 vezes antes de gastar.

– Essa é a lógica do dinheiro suado...

– Mais do que isso. Que me perdoe esse serzinho que está aí na sua barriga... – eu estava grávida de 6 meses, barrigão exposto, impossível dissociar daquele contexto –, mas eu vou falar o que eu acho mesmo e que é mais que isso. Acredito que o mesmo diabo que te acompanha no assalto ainda fica com você até a hora do dinheiro ir todo embora. Eu pelo menos fico cego. Cego! Por isso que você não tem liberdade, parece que sua mente não pensa por si. Você fica meio adrenado, querendo acabar logo com aquela grana, com aquela situação.

Em vários momentos, Hugo falou de doença ou de sujeira, de fedor, de sangue, do irmão. Devolvi isso. Perguntei se desde pequeno ele convivia com essas situações. Respondeu que sim. Mas parece não se identificar. Fala que tem motivo de sobra para ser infeliz, mas não é.

– Sou muito diferente do meu irmão. Gosto de mim, acho que sou criativo, inteligente, gosto de viver...

No final, quando lembrou dos quadros, quis falar sobre cada um. Disse-lhe que não precisava, bastava escolher alguns e comentar. Pegou o 11 e contou do irmão que se acabou na farinha. Lembra de um vizinho que vendeu até os brincos



quadro 9



quadro 10



da mulher para comprar crack. Disse que fuma maconha e acredita que nunca lhe fez mal. Fumava todo dia, não entendia em que aquilo podia prejudicar.

– Só me ajuda, adoro refletir quando eu fumo. É o meu momento, quando tenho força, quando lembro que tenho que comprar fralda pro meu filho. Eu não fico doidão, fico consciente, tenho idéias. Passou a brisa, já tô saindo pra fazer minhas correrias, pra dar conta do recado. Pede pra que eu não conte para as técnicas, pois teme que não entendam isso.

No Quadro 8, comentou que sentiu falta de um pai mais presente. Quando fez 14 anos, passou o dia limpando o aterro da casa dos pais. O pai passou, não deu parabéns, nem sequer agradeceu. Contou que isso está melhorando a cada dia. Que o pai está cada vez mais presente por causa da doença da mãe, que agora está se tratando em São Paulo, e por causa do irmão, já que ele não está dando conta de si.

Ao comentar o Quadro 9, lembrou dos dias de tranca¹³ que passou na Febem. Contou que tinha uma máquina de lavar roupa enorme, “fazia o maior barulho”. Que ficou ouvindo aquilo por cinco dias. Relata que, naquela ocasião, muitas imagens passavam na frente dele, até que percebeu que se misturavam com sonho pois, ao acordar, constatava que estava dormindo no chão. Não sabia de onde tirou forças para não enlouquecer.

– Nesses dias, eu comecei a dar valor à minha liberdade. Pegou o Quadro 15, representando sua fala. Comenta que parece ele na ponta da praia, quando olha o mar e se sente livre. Perguntei o que era liberdade pra ele, se era estar desinternado.

¹³ Punição ao adolescente na FEBEM composta pela total restrição a sua circulação na unidade por meio do o seu encarceramento (sozinho ou em grupo).



quadro 11



– Não. É mais que isso... Meu irmão não está livre, está amarrado...
Liberdade é sentir que eu tenho o direito de viver.

Por fim, pegou o Quadro 24. Um dia sonhou em ser do Exército. Hoje sonha em trabalhar na TV. Já fez comercial e a mãe ficava toda prosa.

– Você sonhava ser policial?

– Não. Queria ser do exército.

– Por quê?

– Porque lá sinto que as pessoas não são tão falsas e têm uns valores.

– Quais?

– Respeito, verdade. Na polícia não tem. Tenho vontade de salvar vidas...

Acho isso bonito! ■

Ivan chegou com pressa, falando atropelado. Movimentava-se muito e rápido, deu várias informações ao mesmo tempo: de onde vinha, aonde ia, quanto tempo podia ficar, que morava em abrigo etc. Disposto, queria me conhecer, saber do trabalho, dos quadros. Só precisava se desfazer de sua pressa.

Falou de São Paulo, das visitas que havia feito à cidade, das gírias... Levantou e foi escolhendo os quadros:

– Este, este, este.

Eu quase não conseguia entender o que ele falava: muito apressado, engolia as palavras. Contou que falava rápido porque era gago; se falasse devagar, tropeçava. Falei que eu não me incomodava se ele gaguejasse.

– E você, se incomoda?

Olhando pra mim, rindo:

– Tá bom, deixa eu chegar.

A pressa ainda não tinha ido embora, apesar de a fala estar mais lenta. Tratei os primeiros quadros como um reconhecimento inicial, deixando que ele vazasse suas impressões. Perguntou o que era o quadro branco. Respondi que poderia ser o que ele quisesse.

– Então separa, que eu já sei.

Parou no Quadro 9:

– Solidão.

Até hoje passa por isso. Aquele quadro, aquela impressão fazia parte da vida dele. Desde os 11 anos está num abrigo. Foi para lá quando a mãe morreu.

– Como ela morreu?

¹⁴ Título sugerido pelo próprio adolescente para sua história.



Tinha o vírus, mas não morreu por causa do HIV. Ficou deprimida ao saber do vírus. Sua irmã nasceu com HIV e morreu com três meses, nem saiu do hospital. A mãe se sentiu muito culpada.

O pai também tem o vírus. E 15 filhos – seis só com a mãe dele. O pai ainda não manifestou a doença. Ivan sabe que não tem o vírus. Aos 11 anos, só sabia que AIDS podia matar. O começo foi assustador. A mãe soube, a irmã faleceu, a mãe voltou para casa sem ela. O clima na casa estava estranho. Foi entender melhor depois que a mãe morreu. O pessoal enrolou bastante antes de contar que ela tinha morrido. Ele lembra muito bem da dor ao ver a mãe no caixão. De lá pra cá, muita coisa desmoronou.

Ivan defende o pai, apesar de achar, às vezes, como os irmãos, que o pai poderia ter dado um pouco mais de si. Mas entende que ele ficou muito fraco com tudo o que aconteceu: atrapalhou-se, fez o possível. Disse: “Imagine um cara que acabou de perder a mulher, estava sabendo que tinha uma doença, não sabia se ele é que tinha passado pra ela ou não, se sentindo culpado por ter transmitido o vírus pra filha que morreu e tendo que cuidar de dez filhos.”

Os irmãos se separaram quando, depois de um ano, a família foi desfeita. Tinha um outro irmão que, depois que a mãe faleceu, foi preso. Dos filhos por parte de pai, dois são do crime e têm uma biqueira. Esse irmão que foi preso estava vendendo drogas. Perguntei se o pai sabia. Sim, mas na época estava preocupado com os pequenos, não podia perder tempo com os grandes. Admira o pai, mesmo achando que ele poderia fazer mais.

– Mas o cara tava afundado...

Perguntei como era morar num abrigo. Lá ele vive com Joana, uma das irmãs, hoje com 15 anos.

– É diferente, você fica meio frustrado.

– Com o quê?

Diz que sabe que vai fazer 18 anos e depois vai andar como um mendigo. Tem medo, porque não sabe com quem vai ficar.

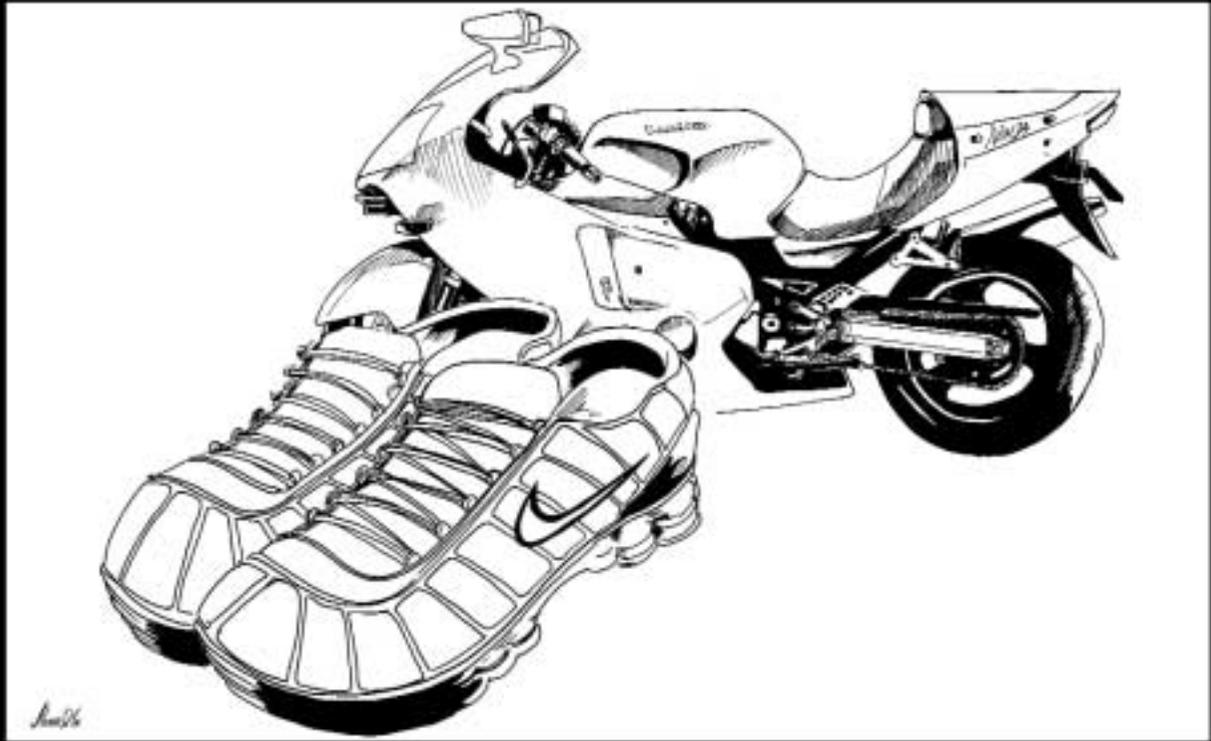
– É horrível crescer vendo todo mundo que já saiu de lá voltando todo mês, pra pegar uma cesta básica. Eles ficam com umas caras de coitados, por isso as pessoas acabam tendo pena de quem mora em abrigo. Ou têm pena ou acham que é bandido. É o famoso pré-julgamento.

Ivan aprontou muito lá no abrigo. Está até respondendo a um processo: quebrou a clavícula de um funcionário. Aprontou mais do que ninguém. Está lá desde os 11 – tempo suficiente para se sentir um pouco dono do lugar. As outras pessoas estão de passagem.

Por um lado, acha bom morar em um abrigo: a estrutura é excelente, tem capacidade pra dez pessoas, tem educadores e monitores controlando as pessoas, como babás. Mas, paradoxalmente, o ruim é justamente isso:

– Você não faz nada sozinho, não aprende a correr atrás de suas próprias coisas, tem tudo na mão. Comida, roupa lavada, atividades propostas, é um mundo irreal.

Não por acaso, o que o frustra são as pessoas que voltam ao abrigo até hoje pra pegar a sua cesta básica: ele tem o espírito liberto, não aceita isso tão facilmente. Da mesma forma, esse seu espírito livre o fez buscar a vida lá fora. Já fugiu algumas vezes e até hoje dá os seus rolês.



quadro 12



quadro 13



– Você pode levar garotas?

Não. Namora na casa da namorada. Estão juntos há um ano e oito meses. Também tem um filho. Tirou da carteira a foto do menino. A última vez que o viu, foi na Páscoa. A mãe dele mora com outro cara. Perguntei como foi a relação dos dois, se é que existiu.

– Foi completamente por acaso, uma transa mesmo.

Conheceu a mãe do filho dele quando traficava na favela São Jorge.

– Ela sabia que você traficava?

– Ela ficou comigo por causa disso.

Disse que ela já não era mais uma menina, tinha 22 anos e um filho.

– Foi uma historinha bem pornográfica.

Na época, estava evadido do abrigo. Às vezes, ficava três meses desaparecido, queria saber de zoeira e depois voltava. Disse que hoje não usa mais nenhuma droga. “Droga nunca colou muito em mim. Sempre tive chance de usar, mas nunca tive muita vontade.” Droga para ele não era uma novidade: tinha convivido bastante com os baseados do pai. Mas contou de um apuro que passou por causa de cocaína. Nunca imaginou que pudesse passar por aquilo, se recuperou há pouco tempo.

Uns meses atrás, começou a colar na biqueira do irmão mais velho, porque tinha um pessoal que ele conhecia. Se empolgou com a cocaína: quando viu, já estava cheirando todo dia. Foi muito estranho, porque se via fazendo coisas que sempre achou deselegante, coisas de que, achava, estava a salvo, não aconteceriam com ele nunca.

– Como o quê, por exemplo?

Amanheceu várias vezes ao lado da biqueira, vendo o pessoal sair pra trabalhar. Se escondia do sogro, achava isso muito constrangedor. Sabia que estava perdendo o controle, vivia chorando. Perguntei se alguém pôde ajudá-lo na época: não, todos da família são muito distantes. Mas sabia que havia algo errado no fato de ninguém nunca perguntar se estava precisando de ajuda – referia-se aos irmãos, donos da biqueira, que viram tudo acontecer.

– No meio da rua, eu brigava comigo mesmo.

Falava sozinho. O dia-limite foi quando pegou um papelzinho e anotou o nome de um monte de mulheres que conhecia. Tinha certeza de que ia ficar louco ou morrer. Caso alguém o achasse, poderia ligar para uma delas. Na nóia, andou de Santos a Cubatão. Era uma sensação estranha: “Já não sabia o que era a droga e o que era eu”, diz. Só sabia que precisava sair dali. E andou.

– E você pediu a ajuda de alguém?

Tinha vergonha. E o que poderia fazer? Mas houve uma pessoa que o ajudou bastante. Esse reconhecimento foi um momento especial da aplicação: foi elaborado ali, na minha frente. Ele ficou bastante emocionado – foi um privilégio participar disso. Joana, a irmã que também mora no abrigo, não saía da mente dele. Sabia que precisava andar e voltar porque ele só tinha a ela e ela só tinha a ele. Então andava pensando nela, como se fosse uma direção para toda a confusão que vivia. Porém nunca contou isso a ela.

Voltou à sua cidade depois de três meses. Passou por abrigos, projetos sociais, cidades. Tinha medo de voltar. Mas foi tudo na boa, como sempre. Agora, voltou pra escola, e é acompanhado por uma técnica.

- 
- E o quadro branco?
 - Ah, esse é a maior viagem...
 - Por quê?
 - Porque eu posso fazer o que eu quiser com ele. É a liberdade.
 - Um título?
 - Eu.
- 

Janaina quer chegar aos 19

Lucas Carvalho

Pergunto a sua idade.

“Dezoito.”

Me pergunta quantos filhos eu acho que ela tem. “É muito ou pouco?” “Mais ou menos”, diz. “Três?” Ela: “Nem tanto! Duas, uma de seis e outra de três anos.” Conversamos sobre como sua aparência não denuncia essa idade; parece ser mais nova.

Mora com os avós. Seus pais se separaram logo que nasceu. Tem três irmãs, é a filha mais velha do mesmo pai. Foi a única não criada pela mãe. Só a conheceu quando já tinha dez anos. “Nesse dia, minha mãe me contou que, quando nasci, ela ficou com vontade de me jogar no córrego, de me deixar na rua.” Tem algumas irmãs que estão começando a aprontar e sua mãe a culpa por isso. “Minha mãe acha que meus irmãos seguem meu exemplo, por isso estão indo pro caminho errado. Quer que eu cuide deles, mas... E quem cuida de mim?”

Pega o Quadro X¹⁵.

“Este tem muito a ver comigo, trabalho fazendo isso... Tudo a ver. Este também (Quadro 11), uso isso (maconha), isso (crack) e isso (cocaína). Só bebo cerveja. Não fumo assim não, fumo na lata. Deveria desenhar uma lata, o pessoal fuma bastante assim.” Eu: “Desde quando você usa?” Ela: “Ah... desde os dez, onze. Esse tem muito a ver também (Quadro 9). Me sinto assim... Sempre me senti muito só. Conheço várias pessoas que usam junto comigo, mas não são amigos de verdade. Me sinto só desde pequena. Esse aqui (Quadro Y)¹⁶ é porque eu faço bastante. Sempre que preciso de dinheiro. Adoro assaltar lotérica, faço muito mesmo! É... Esse da morte também (Quadro 27), já perdi muitos amigos...”

¹⁵ O encontro com Janaina ocorreu na fase de pré-teste do método QUADROS, quando existia um desenho que remetia a uma situação de tráfico de drogas. Essa cena foi excluída dos desenhos finais. Janaina se refere a esse quadro nessa fala.

¹⁶ Quadro que remetia a uma cena de assalto à mão armada, que também foi excluída dos desenhos finais.



Tinha amigos antes, então?

“Tinha. Mataram uma amiga minha porque ela tava levando uma menina - que tinha terminado com um cara do outro lado do córrego - pra passear lá perto de casa. Aí essa menina começou a ficar com um cara. Um dia, os amigos do ex mataram minha amiga só porque ela tinha levado a outra. No dia do enterro dela, eles foram lá e ficaram rindo da nossa cara... No final das contas o cara que beijou não morreu, a menina voltou pro namorado e minha amiga, que não tinha nada a ver, morreu. Deve tá no céu... Não fazia nada de errado... Eu vou pro inferno! Já matei muita gente! Pra me defender, mas matei. Matei um que tentou me estuprar. Nem relou a mão em mim, mas matei. Outro que me bateu, tava em casa, ele veio comprar pedra¹⁷ falou alguma coisa mandei tomar naquele lugar, não gostou e sentou a mão em mim, apanhei pra caramba! Na mesma noite. ele tava voltando pra pegar mais, esperei ele na viela e matei. Ninguém desconfia que fui eu, só uma menina que ele estuprou, sabe... Ele tinha cinco filhos, os meninos tão crescendo. Preciso sair de lá, se descobrirem que fui eu que matei o pai deles... Já tão ficando do mau, os dois menores já tão roubando. Eu preciso parar com isso...”

Apanha o Quadro 1.

“Eles querem me pegar, esses são complicados na minha vida. Tem uns que me conhecem, que querem me matar, outros já me bateram, sempre tô fugindo, se moscar, já era. Esse também tem a ver (Quadro 23)... Brigava muito com meu marido, as crianças viam tudo. Um dia, quando tava grávida e dei meu lugar na boca pra ele, peguei ele com aquelas mulheres que não valem nada, fazem tudo por cinco

¹⁷ Crack.

reais. Briguei com ele na rua, disse que não poderia me defender ali, mas quando ele voltasse pra casa já era! Ele chegou, saquei minha arma e ele a dele. Minha filha, vendo aquilo, pediu para que eu não matasse o pai. Ela sempre defendia ele, larguei minha arma e disse pra ela: 'Agora manda ele não me matar!' Saímos na mão, quando ele foi dormir, cortei os dois pulsos dele! Acho que sou meio psicopata. Agora ele tá preso, só vou visitar por causa da minha reputação, senão vão falar por aí que eu deixei ele falando, já falei pra ele que, quando sair, não moramos mais juntos... Depois dessa briga, nos separamos de quarto, só éramos amigos, fumava junto, cheirava, roubava, sem relação, só como amigo mesmo...

Desde quando ele está preso?

“Desde maio. Eu fui presa com ele, fiquei até agosto.”

Já vai fazer um ano.

“É, mas tem dois meses que não vou visitar ele por causa de dinheiro, até vendi meu celular, porque ele ficava me ligando, me cobrando visita, domingo me ligava quatro da manhã! Vendi mesmo, não quero falar com ele. Acho que é isso, essa é minha vida, já fiz de tudo na minha vida...”

Talvez não, você ainda não fez de tudo, por exemplo, você ainda não nadou até o fundo do mar e ficou por ali, boiando (Janaína já havia me dito que não sabia nadar).

“É mesmo! Cê tem razão.” Sorrimos. “Um dia eu fui pra praia, a polícia queria me pegar, então descii pra lá, ficar um final de semana com uma amiga e o namorado, fui de vela!”

Quantos anos você tinha?



quadro 14



quadro 15



“Dez, onze anos.”

E sua amiga?

“Vinte e um. Quando cheguei lá, ele pediu pra eu pegar uma coisa no portamalas e vi a farda dele! Era polícia! Imagina se os caras sabem que passei o final de semana com um polícia! Mas nadei na praia, claro que só no rasiño, porque não sei nadar! Mesmo assim, quase me afoguei! Acho que é por isso que eu não gosto de praia, também toda vez que eu vou chove... Já fui onze vezes, toda vez ou chove ou tá nublado, me convidaram pra ir sábado agora.”

Puxa, bem com esse tempo? (Estava chovendo, fazia muito frio.)

“Cê vê?! Sou muito azarada...”

Bom, então, pensando que tem algumas coisas que não têm nos quadros, você quer usar mais algum? O branco, o preto?

“Não. O preto significa coisa ruim, solidão... Já tem no outro.”

Algum que você desejasse que tivesse aqui? De futuro, de infância?

“Eu quero viver pelo menos até os 20, até os 19 vai, faço daqui a quatro meses...”

Você pensa assim, um ano de cada vez?

“É. Uma vez um pastor me falou que, nesta vida, eu não passava dos 18, tô querendo chegar aos 19, depois aos 20...”

Então entre 18 e 20 anos, tem algum desejo no meio desses quadros?

“Bom... Tem um sim... Que eu reparei desde o início... É este aqui (Quadro 7). Sou eu com minhas filhas. Queria poder cuidar mais delas. Dou tudo que elas querem, elas são muito mimadas por mim, dou do bom e do melhor, bolacha cara,



quadro 16



roupa de marca, não compro para mim... Acho nada a ver comprar um tênis de 150 reais, mas para elas eu dou. Não saio com elas, não, trabalho à noite e durmo durante o dia... Elas reclamam de boca cheia, não entendo!”

Será que não é outra barriga que está vazia? Janaína então relata o quanto não consegue se relacionar com as filhas; tenta “comprá-las”, pagando para o avô e para amigas levá-las pra passear. Diz não ter muita vontade de sair com as crianças. Comenta que queria um futuro diferente pras elas.

“Queria que com 10, 11 anos elas pudessem completar os estudos, tentar outras coisas.”

Janaína teve a primeira filha aos doze... Antes de se levantar, comenta que tinha achado boa nossa conversa: foi bom eu não ter me assustado com suas histórias.

“Da última vez que fizeram uma atividade comigo, falei minha vida para uma tiazinha e ela ficou toda assustada! Acho que não fez mais entrevista nenhuma... Legal que você não se assustou!

O que é do humano deveria assustar?

“Eu me assusto sim... Às vezes, acho que a morte tá me rondando...” ■

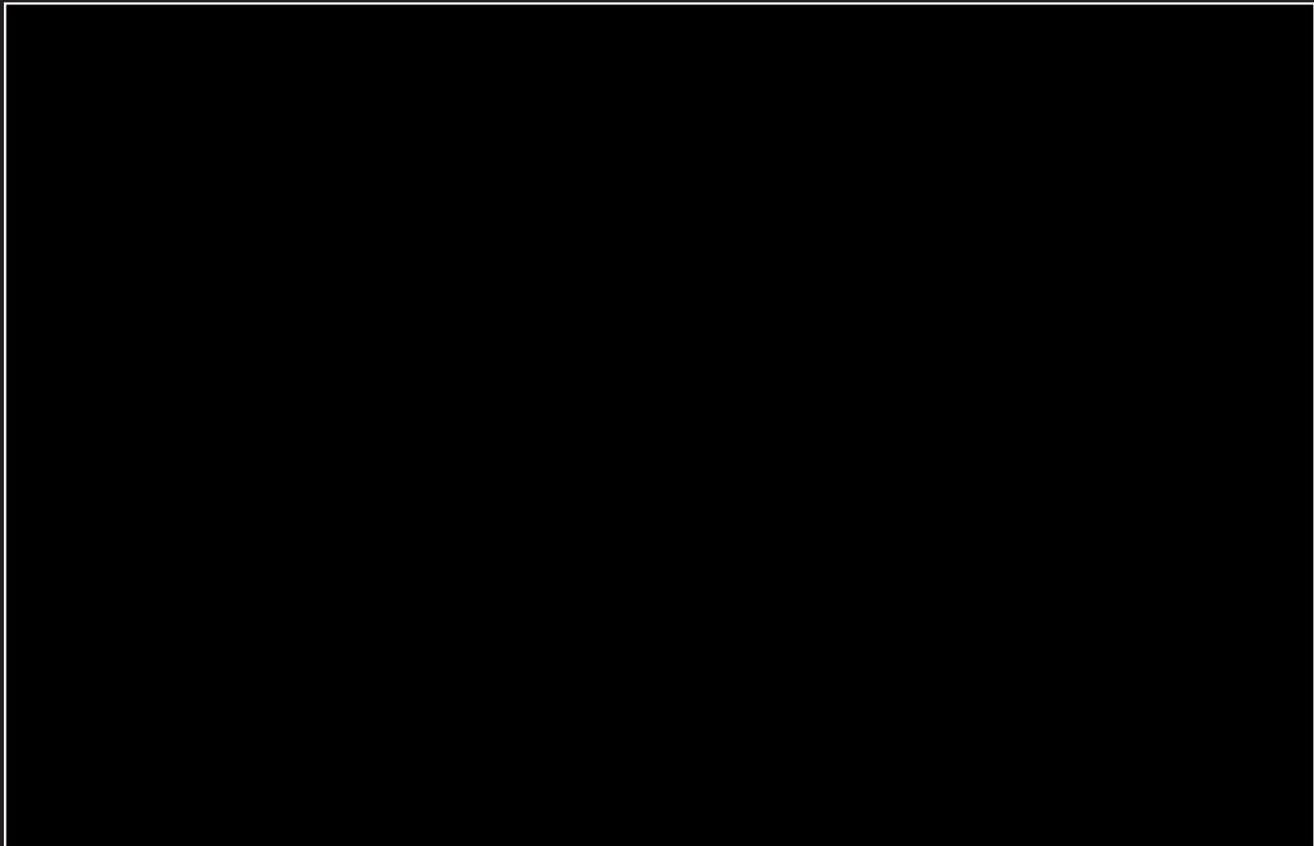
Os sobrinhos de Larissa

Lucas Carvalho

Larissa é uma menina muito bonita e bem arrumada. Filha caçula, tem três irmãos, mora com a mãe, irmã, sobrinha e tem uma filha de quase 2 anos. “Não me dava muito bem com minha mãe, Eu era tipo a ovelha negra da família, sabe?” Pergunto sua idade. “Tenho 17.” Fez esse ano? “Fiz. Não! tô viajando!”, ri. “Faço 18! Não gosto de ficar velha.” Não gosta do marco dos 18? “Não só, qualquer idade, não quero envelhecer.”

Pega os quadros 7 e 8. Sente falta do pai, que se separou da mãe quando ela nasceu. Larissa tinha 11 anos quando ele morreu. “As pessoas dizem que, se ele tivesse vivo, eu não teria feito as coisas ruins que fiz, ele não deixaria.” Mesmo não morando com você? “Mesmo assim! Ele vinha me visitar, ele não ia me deixar fazer o que quisesse, não.” Ela fala da relação de proximidade que tem com a mãe, do quanto divide tudo que acontece com ela e do afeto que ambas compartilham. No Quadro 11, relata que as drogas marcaram sua vida. Agora não usa mais.

Usava o quê? “Maconha, cola.” Faz tempo? “Ah, um tempo, viu! Eu tinha uns 13 anos...” Você consegue pensar aqui como estava sua vida nessa época? “Ah, eu sentia muita falta da minha mãe, porque éramos muito unidas, contava tudo pra ela, sempre dividia minha vida com ela, então nasceram no mesmo ano três sobrinhos!” Três? Eram gêmeos?! “Não, um de cada irmão, acredita? Na mesma semana, eles ficaram sabendo que teriam.” Então aquela menininha caçula da família teria que dividir atenção com mais três caçulinhas? “É!”, ri-se toda. “Não coloco a culpa em ninguém por ter entrado nas drogas, amo muito meus sobrinhos e minha mãe, mas foi uma fase ruim, me senti deixada de lado, minha mãe não dava mais importância às coisas que eu contava pra ela, acho que isso influenciou muito...”



Larissa conta: no “mundo das drogas”, como diz, conheceu um menino que também usava e que roubava. Começou a namorá-lo aos 15 anos e, três meses depois, foram morar juntos. Ambos foram presos num assalto. Foi solta dezessete dias depois e voltou a morar com a mãe. Quando ele saiu, foram morar juntos. Brigavam... Ela decidiu retornar à casa da mãe e foi aí que descobriu estar grávida. Parou de usar drogas, continuou namorando, mas cada um em sua casa. Tempos depois, o pai de sua filha morreu.

A garota bonita fica bem triste nessa parte da conversa. Rola um silêncio angustiante. E um choro mudo. Conversamos sobre esse luto: ela diz que o amava e que ainda o ama. Mas prefere assim, sem ele: pode seguir sua vida e dar um futuro digno a sua filha. “O pai de minha filha era ladrão. Não quero que ela cresça num ambiente assim, quero que ela me veja suando pra lhe dar as coisas...”

Diz que era isso que tinha para falar. Convido-a a olhar outros quadros. Dirige-se ao 13. “É a melhor fase da vida!” Quer trazer para a mesa? “Não! Não tenho mais tempo pra amigos, trabalho o dia inteiro, à noite vou para a escola e no fim de semana tenho que cuidar de minha filha.” Você já viveu uma cena assim, com muitos amigos rindo juntos? Ela abre um sorriso. “Já! Eu brincava bastante, tinha muitos amigos, meninas e meninos, adorava fazer brincadeiras de menino, meus irmãos me chamavam de macho-fêmea”, ri bastante. E como estão essas pessoas hoje? “Ah, eu me afastei. Quando comecei a usar droga, parei de andar com eles... Só andava com gente ruim. Hoje tenho mais inimigos que amigos... Sabe aqueles (gesticula abrindo aspas) amigos que quando você usa estão sempre junto? Agora sei que são inimigos, porque ninguém quer ver você crescer...”



Bom, mas pensando desse jeito, que o movimento de afastamento partiu dela, será que não dá para pra reviver essa amizade? “É! Eu tô fazendo isso aqui, agora... Revivendo aquela fase, mas não dá pra ser mais igual não...” Igual nunca, mas pode ser gostoso de um jeito diferente, concorda? “É, dá mesmo!...” Então, será que cabe trazer esse quadro pra mesa? “Cabe, tem a ver sim!” Larissa abre um largo sorriso.

Ao retomar os quadros na mesma ordem em que os escolheu e recontar sua história, mais informações emergem. Conversamos sobre os dois falecimentos marcantes que havia trazido. Seu pai e o pai de sua filha. Sua referência paterna e o homem que ama. Faz muito tempo que o pai de sua filha faleceu? “Depois de amanhã fará dois anos...” Então ele nem chegou a ver a filha dele nascer? “É...”

Pergunto como ela está saindo depois desse nosso encontro. Larissa responde que bem: fazia tempo que não falava do pai, do pai da filha, que não lembrava de sua infância. Agradeço por compartilhar comigo suas histórias, mexer em coisas dolorosas e alegres. “Obrigada a você por ter escutado uma louca!” O privilégio foi meu. Quem não for louco... que atire a primeira pedra! ■

Bicho acuado

Natália Noguchi

Na sala de espera, um moço de camisa branca e calça jeans, cabelo disciplinado com gel, enquadrado, cabisbaixo, se dirige com voz baixa e delicada à senhora que cuida da casa onde estamos: “A senhora também é evangélica?” Conversam um pouco. Penso: se ele topar, faço os quadros com ele. Vai ser fácil: é evangélico, vai olhar o da igreja e pronto.

Ratinho coloca lentamente os quadros na sala, olha, olha e escolhe dois: 2 e 10. “Só”. Logo penso: esse cara não vai dar em nada. Estigmatizo, certa de que já sei identificar os garotos. Azar o meu. Está na sala o menino que mais vai mexer comigo entre todas as aplicações. Detonará meus estereótipos e preconceitos, me deixará pensando nele por dias...

Na escola, era o popular da galera. Usava roupas largas, andava com todo mundo, todos lhe pediam favor. Quando precisavam de ajuda, recorriam a ele. Não deixava pendências: se alguém mexesse com um amigo seu, ia lá e resolvia – no papo ou na porrada. Quando tinha assalto, era ele quem planejava tudo: “Só analisava as coisas, e os outros iam”. Todos o respeitavam. “Quando a gente tá por cima, todo mundo é amigo. Na hora que precisei, não tinha ninguém pra me ajudar. Hoje, escolho melhor meus amigos”, diz. Quando ficou preso, só sua mãe o visitava. Um amigo da rua mandou dinheiro e comida. Valoriza esse amigo.

A conversa demora a aquecer. Volto, então, à história que ele contou. “Você tinha muitos amigos, era popular, todo mundo te deixou na mão porque você foi preso. E aí...” Ele se abre. Fala quase o tempo todo cabisbaixo, meio tremendo. Sorrisos nervosos entrecortam suas falas. Ratinho nunca traficou. Mandante de muitos assaltos, era “tipo chefe de galera” – muita gente se dirigia a ele, o pro-

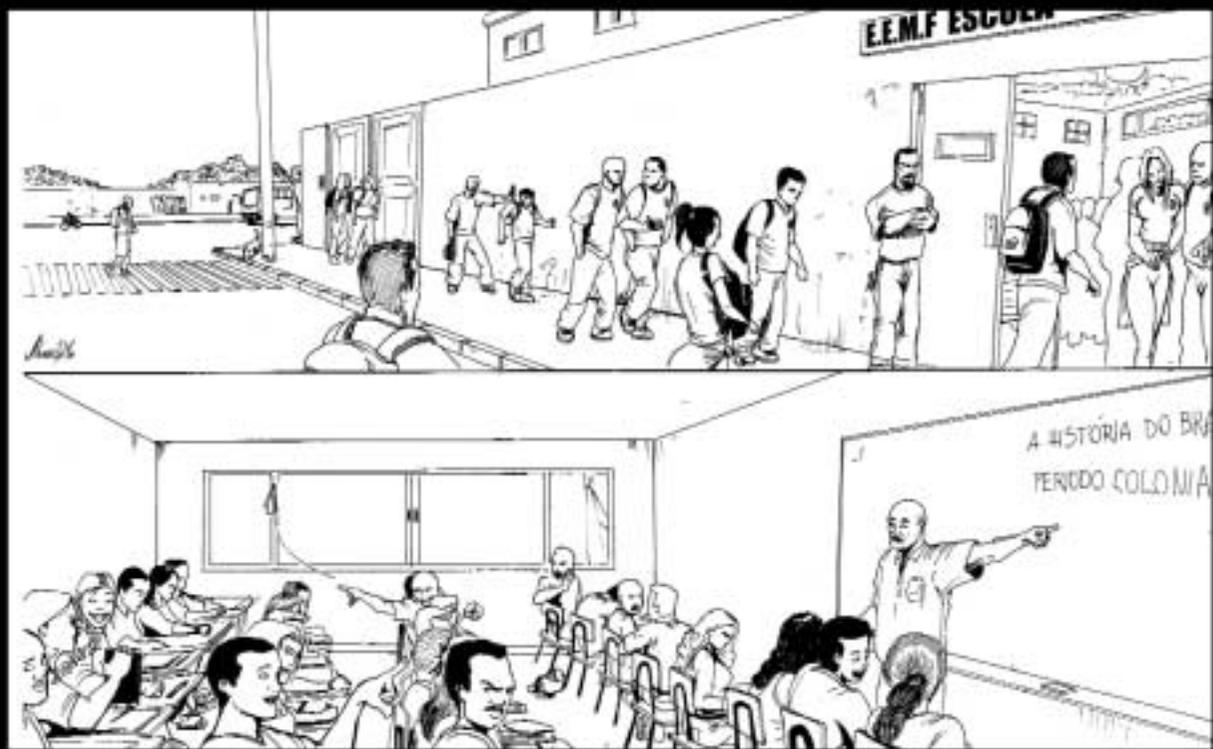


curava. Numa dessas galeras, uns garotos de 11 anos, mais ou menos, começaram a transar com meninas mais novas. Contaram para ele. Ratinho mandou pararem: “Um dia vocês podem se complicar.”

O pai de uma das meninas, um dos bandidões da cidade, descobriu. Acusou o garotinho de ter estuprado sua filha. Disseram ao delegado que Ratinho era o chefe, o mandante da ação (aqui Ratinho deixa escapar um sorriso). Ele sentiu muita raiva, mas manteve a postura: “Chama ela, quero ver se me reconhece.” Ninguém chamou. Ratinho foi acusado de estuprador (sorriso). Recorreu a um tio, delegado na região, que o aconselhou a fugir. Seu tio não acreditou nele. O bandidão fez acordos com policiais e chamou Ratinho para ir a sua casa. Ele pediu para o pai chamar a menina. Mas ninguém chamou; o bandidão não acreditou nele. Manteve a acusação e Ratinho foi preso. Hoje todos os garotos estão presos ou mortos. Ninguém pode confirmar a sua história. Nem mesmo seus pais acreditam nele.

Nessa hora, eu mal me lembrava dos quadros. Esse menino me passou todo o seu desamparo: ninguém acredita nele.

Na delegacia, preso, abandonado, sentiu muita solidão; foi acusado por todos. Na época, tinha acabado de acontecer o assassinato de um casal de namorados em Juquitiba (SP), e um dos acusados era um adolescente que estava na mídia. “Nisso começaram a procurar todos os estupradores menores de idade”, conta Ratinho. A TV foi até sua casa, entrevistou sua mãe. Resultado: sua acusação ficou pública. Todo mundo na cidade e região o acusava de “estuprador de criancinhas”. Sorriso. Ficou estigmatizado pela população, que o via na rua e o acusava. Ameaçado de morte, fugiu para o interior, onde ficou escondido no sítio



quadro 18



de um tio até as coisas se acalmarem. Lá foi bem recebido – diz até ter começado uma vida nova.

Quando voltou à sua cidade, foi procurado pelos colegas, que começaram a acreditar nele. Impuseram uma condição: “ou você mata o molequinho que te cagüetou ou a gente mata você”. Entre matar ou morrer, escolheu matar (sorriso). O molequinho fugiu, a dívida ficou quitada: ele tentou matar, mas ninguém achou o cara. “O crime tem umas regras bobas, mas, na hora que você tá nelas, tem que obedecer.” Sorriso. Olha para o Quadro 10. Voltou a ser aceito pelos colegas, mas não queria mais saber deles, nem de ser popular: “De que me adiantou? Quando precisei deles, ninguém me ajudou.” Silêncio na sala. Essa fala foi muito doída. Na rua, todos o apontam quando passa; sente muita vergonha e raiva: “Não fiz nada, quem são eles para ficar me acusando? Um dia eles vão saber a verdade.” Sorriso.

Depois da tentativa frustrada de matar o moleque que o cagüetou, sentiu muita raiva. Ficou revoltado: começou a sair, beber, ir pra balada. Sorri e mexe a cabeça, de um lado para o outro, como que dizendo “não”: “Eu pensava: já que posso morrer amanhã, vou aproveitar enquanto é tempo”. Depois disso, entrou em depressão, não saía de casa, não tinha forças pra nada. Foi aí que decidiu experimentar a igreja. A família reprovou essa nova conduta: seu avô era pernambucano, matador. Sorriso. Seu pai sempre dizia, orgulhoso, se referindo a Ratinho: “Esse tem meu sangue, puxou meu pai.” Suas atitudes anteriores, agressivas e de enfrentamento, o faziam popular também na família. Com a entrada na igreja, passou a manear seu comportamento: parou de ir à balada, não cobrava mais nada de ninguém. Seu pai, hoje, sente vergonha dele. Como ele se sente com isso? “Ah, um dia ele vai perceber.”

Sorriso. Para o pai, Ratinho está na igreja para se esconder. “Fugir de quê? Você acha que eu tô fugindo?” Do que você teria que fugir? “Pois é... Já sofri muito.”

Todos o aconselham a voltar a ser parecido com o que era antes, reconquistar o respeito que tinha, inclusive sua técnica da liberdade assistida¹⁸: voltar a se vestir como antes, a falar com seus amigos (sorri e diz: “Que amigos?”), fazer com que sua família o respeite e pare de humilhá-lo. Ele diz: “Como?” Eu digo: Para quê? Diz não se reconhecer: “Morri, tô tentando nascer de novo.”

Vou além. Você diz não ter amigos, diz que seu pai tem vergonha de você. Com quem pode contar? Silêncio pesado, sorriso nervoso: “Ninguém me entende.” Seus olhos, cheios de lágrimas. Quase choro, quase me arrependo do que fiz. Pra que essa pergunta, se não estamos em atendimento? Não sei mais ao certo a seqüência das coisas que ele falou.

Ratinho conta que nem na igreja pode confiar em todo mundo: é um lugar que tem gente boa e ruim. Lá, ele toca flauta transversal. Um dia, um dos garotinhos do grupo pediu ajuda a ele num trabalho da escola. Ele topou, convidou-o para ir à sua casa e depois descobriu que o molequinho roubou R\$ 50,00 da carteira do seu irmão. Sorriso. Ficou muito decepcionado: seu irmão é portador de deficiência, não tem movimentos do lado direito do corpo. Mais novo que ele, Ratinho o ama muito: “Como alguém pôde fazer isso com meu irmão?” Comenta com um colega da igreja, que o aconselha a falar com o cooperador¹⁹: “Eu não, o menino ia ser acusado por todo mundo, quem sabe expulso da igreja.” Como aconteceu com você? Ele pára, pensa, sorri nervoso: “É, nem tinha pensado. Não quero nunca isso pra ninguém.”

¹⁸ Quando em liberdade assistida o adolescente é acompanhado, individualmente, por um profissional (psicólogo, educador, assistente social, etc) da organização de atendimento, denominado de técnico.

¹⁹ Membro da igreja que frequenta.

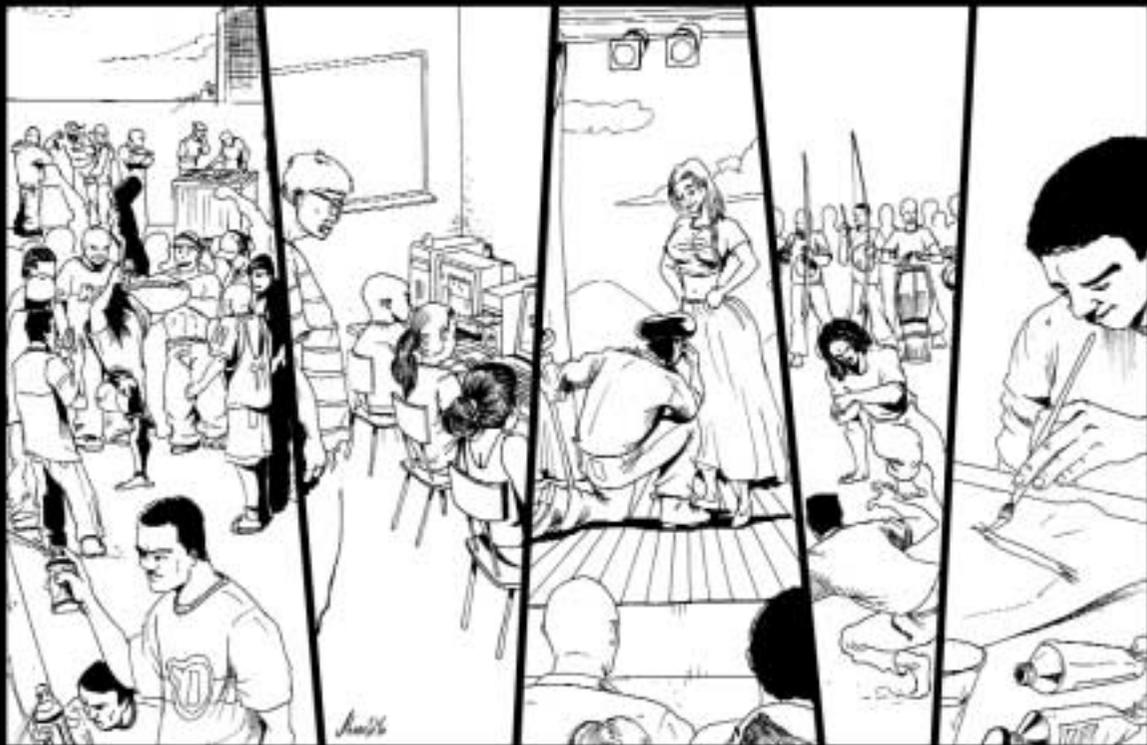


Conta uma cena de família. Um dia, foi com um primo à casa de um tio. Sentia um pouco de dor no braço. Comentou da dor com o parente, que diz: “É de tão pesada que tá sua Bíblia, que você fica carregando pra lá e prá cá.” Na hora, penso que isso é um cuidado. Mesmo assim, insisto. Pesada? “É, de tanto pecado que eu tenho.” O tio lhe disse que não adiantava fazer o que fez e agora se fingir de bonzinho. Sinto muita raiva, não me conformo. Mas me mantenho no meu papel. E como foi ouvir isso? Como você se sentiu? “Ah, com raiva. Peguei minhas coisas e fui embora. Quem é ele pra saber o que eu fiz?” Sorriso. Parece que todos insistem em te lembrar de uma coisa que você quer esquecer. “Pois é, e eu nem fiz. Mas ninguém acredita”.

Chegou em casa, comentou com os pais. Eles o repreenderam: não pode guardar rancor ou ter raiva. “Mas onde você vai guardar o que sente?” Repete: seus pais não acreditam nele, também o estigmatizam, tratam mal, ignoram. “Eles me humilhavam.” Sorriso. Não conseguia deixar de sentir que podia chorar a qualquer momento – eu ou ele.

O clima na sala está pesado, não consigo nem imaginar como esse encontro vai se encerrar. Não consigo acreditar na vida desse menino! “Você já me disse que não pode contar com ninguém aqui, que já teve depressão, que já quis morrer... O que te segura? O que te mantém aqui? “Eu faço tudo tentando esquecer o que aconteceu”. E dá? A lembrança o incomoda sempre quando vai dormir. Sabe que, ao acordar, vai passar na sua rua e todos vão mexer com ele: chamar de estuprador, dizer que vai pra igreja se esconder ou fugir. E tem algum lugar onde você se sente bem? “A igreja.”

A igreja é o lugar onde se sente em paz. Seu sonho é arrumar um trabalho, juntar dinheiro para a passagem, mudar-se para o interior. Começar uma vida



quadro 19



nova, sem ninguém para encher o saco. “Mas se todo mundo te trata mal aqui, é fácil arrumar um trabalho?” Uma vez arrumou um de atendente numa lanchonete de um cara que não o conhecia. Um freguês o reconheceu e logo falou para o dono: “Você tá dando emprego pro estuprador da cidade?” Ele: “Fui demitido logo depois.” Sorriso. Mas volta a dizer que acredita que vai conseguir.

Cuidadosa, pergunto: se você não gosta muito de falar sobre isso, como está sendo contar isso pra mim agora? “Estou acostumado.” Eu: “Acostumado?” Sorriso. Sentiu que pode confiar em mim: eu o tratei diferente. Pergunta se pode pedir um conselho. Claro. “Você acha que eu devo fazer terapia?” Você quer? “Pra voltar a ser o que eu era, não.” Mas por que você tem que voltar a ser o que era? “Minha técnica disse pra eu fazer terapia, pra voltar devagar a conquistar o respeito dos caras e da minha família.” E de que esse respeito te valeu? “De nada.”

Também não quer vir toda semana. “Se fosse conversar assim, com uma psicóloga como você, aí, eu até vinha uma vez”, afirma. Como você sabe que eu sou psicóloga, se eu não falei nada disso? Diz que eu o entendi, fui a única pessoa que acreditou que ele não está na igreja para fugir, que entende que sentir raiva é normal e que acredita que não tem com quem contar. Comento que há psicólogos que poderiam atendê-lo, e não precisaria ser toda semana. Pergunto se ele teria vontade de voltar outra vez, para continuar o papo. Ele se anima. Ofereço um retorno, como um plantão, para saber dele como nosso encontro reverberou, e para pensar se ele quer experimentar uma terapia. Pergunta: “Se eu arranjar dinheiro, venho sim. Posso mesmo?”²⁰ Sorriso. Claro que pode. Nos despedimos. E saímos, ambos tatuados um pelo outro. ■

²⁰ A coordenação desta avaliação ofereceu-se para pagar os custos de transporte de Ratinho para a realização de uma nova conversa. Entretanto, após ter sido informado disso, ele não mais manifestou interesse e o segundo encontro não foi realizado.

A moral do pai

Flávia Futata

Wesley chegou tarde. Eu já estava pronta pra voltar pra São Paulo. Propus que conversássemos, ele titubeou: estava com uma amiga. Ela topou esperar. “Mas não demora”, pedi. Gostou bastante dos quadros. Enquanto os via, pedi que separasse alguns, sem pressa: os que tivessem a ver com a vida dele, os de que gostasse, os de que não gostasse, à vontade. Mesmo com a amiga esperando, não mostrou pressa alguma.

Wesley era do interior, lá foi preso, ficou na cadeia.

– Cadeia?

Os adolescentes, por falta de uma instituição, ficam na cadeia, mas sob outro tratamento, e separados dos maiores. Quando começou a cumprir liberdade assistida, veio pro Guarujá.

O primeiro quadro que separou foi o 26. Lembrou da infância. A família toda é evangélica. “Fui criado dentro da igreja.” Achava o maior tédio. Gostava das atividades, quando juntavam um monte de crianças pra cantar e participar das gincanas. Quando cresceu, a família sempre o levava pra Igreja. “Queriam que eu tomasse jeito.”

Perguntei se ele alguma vez sentiu o que chamam de Deus ou de Espírito Santo na Igreja. Acha que não, mas que a família sente.

– São bem religiosos, têm fé... Eu já não... Tenho irmão, na Igreja, evangélico e desandado também... Na minha casa eu, meu irmão e meu pai somos desandados. Meu pai é um homem honesto mas é desandado, porque é sem futuro.

– O que é um homem sem futuro?

– Muito diferente da minha mãe. É largado, não pensa no futuro, não



quadro 20



quadro 21



faz planos. Só pensa no agora e se contenta com muito pouco. Pra ele, se tem comida, tá bom.

O pai nunca foi preso, mas tinha arma e guardava droga em casa, para os outros. Lembra perfeitamente. Perguntei se, quando era pequeno, essa situação o incomodava, se entendia alguma coisa. Antes achava que o pai devia saber o que estava fazendo. Hoje não. Pensa que isso só o aproximou do crime.

– Meu pai era um cara tipo liberal. Às vezes, chegava um amigo dele, eles entravam no quarto e fechavam a porta. Eu ficava olhando pela fechadura e via um monte de armas. Não tenho nada pra esconder dele, ele não tem moral pra falar comigo. Uma vez dei uma facada em um moleque e meu pai me bateu. Lembrei pra ele que, quando eu era pequeno, ele me falou que, se alguém me batesse, era pra eu dar uma tijolada na cara e correr pra ele.

– E o que ele te falou?

– Falou que só era pra eu fazer isso se o cara fosse adulto. Quando é tudo criança, da mesma idade, o melhor é resolver no braço, não na faca.

O pai, um dia, deu um murro na mãe. Ele teve que se meter para defendê-la. Naquele dia, o pai passou dos limites. Mas ele ressalta: foi uma briga fora do comum. Ainda no tempo da infância, pega o Quadro 13.

– Foi uma fase muito boa no interior, quando todos os amigos voltavam juntos da escola. Depois que todos, meninos e meninas, saíam da aula, a gente ia em bando até o ponto e esperava juntos o ônibus. Depois a gente caminhava a pé, um bando de moleques, até em casa!

O Quadro 7 o fez lembrar que todo dia eles também iam buscar a mãe no trabalho.

– Ela não gostava de voltar sozinha? Tinha medo?

– Não... Era saudade mesmo. Era a maior farrá... Minha mãe adorava. Ela estava sempre cansada, sempre com as pernas pro alto, descansando da caminhada. Sempre trabalhou muito.

Perguntei sobre seu pai. Pegou o Quadro 8: o pai também trabalhava e, por isso, achava que ele não era do crime. Quando o pai chegava do trabalho de vigia noturno da madrugada, o acordava para fazerem caminhada.

– Meu pai queria emagrecer e ficar bonitão. Ele é gordão e tem uma hérnia. A barriga dele é inchada e tem uns caroços.

Aquele era o tempo que tinha pra ficar com o pai. Questionei se já havia conversado alguma vez com seu pai sobre o crime; se achava que o pai pudesse estar envolvido.

– Eu sei que ele não é.

– Como você sabe?

– Dá pra saber só de olho. Não é o jeito dele, ele é calmo. Meu pai sempre me disse que, assim como não gostaria que roubassem ele, ele não queria roubar ninguém.

– E você concorda?

Anda pensando muito sobre isso. Até então, só tinha assaltado molecada e, na primeira vez em que foi fazer um assalto de verdade, rodou. “A mulher ficou com muito medo de a gente ser bem louco”, diz. Não eram bem loucos não, combinavam tudo antes. “Tudo é bem discutido: se vamos puxar ou não o gatilho, se vamos fugir ou não, se vamos ameaçar ou não.” Disse que nem ia se não concor-



dasse com o esquema. E o esquema dele sempre era pegar a grana e ir embora. Falou que via muito assalto na televisão. “A gente estudava o assalto...”

No Quadro 10, lembrou-se da primeira arma, bem parecida com a desenhada. Emprestou para uns caras; a arma rodou com eles. Depois os caras a pagaram em dinheiro. Gostava dela. Era como um brinquedo pra ele, ia com ela pra todo canto. Falou que o pai viu a arma dele uma vez e deu o maior esculacho.

– Mesmo sem moral, eu entendo ele. Ele queria meu bem, porque era perigoso.

– E por que você parou? Não consegui entender por que você está pensando diferente.

– Tem uma cena que não sai da minha cabeça. Acho que foi uma das coisas que me fez parar.

Foi assaltar uns moleques, que se assustaram e saíram correndo, pedindo ajuda. Correram até uma senhora, que ficou com medo e começou a correr também. Ele não sabia o que fazer. No começo, achou engraçado a coroa correndo, mas começou a se sentir mal. Ficou atrapalhado, não podia parar, então continuou atrás da senhora. “Fiquei sem jeito, com dó da mulher desesperada”, lembra. Enquanto corria, pensava na mãe, na vida dele, naquela cena sem sentido... Não sabia por que estava correndo, não sabia se queria aquela bolsa realmente. Ficou tudo vazio. Parou de correr e se escondeu. No dia seguinte, os amigos o ficaram chamando de laranja: “Te juro que, depois disso, eu bodeei dessas histórias”, afirma.

O Quadro 2 o faz lembrar da galera antes do Guarujá.

– Os moleques da pracinha não gostavam da zoeira.



quadro 22



– Eles gostavam de quê?

– De churrasco.

Falou que já fazia umas fitas²¹, mas só um deles sabia. Não queria que ninguém soubesse, nem na escola. Pega o Quadro 18. Lá conheceu a Crislaine, a namorada atual.

– Ela não sabe nem que eu fumo cigarro. Nem que eu fui preso.

Contou que gosta mais ou menos dela.

– Mas ela representa uma fase boa, de firmeza.

– É essa menina que está esperando por você?

– Não. É a mulher de um amigo que tá viciado em crack. Falei pra ela vir aqui pra conversar com alguma técnica, tentar uma internação. Ela é amiga da menina que eu fico.

– A namorada do interior?

– Não! Essa é amiga da que eu fico, aqui no Guarujá.

Conversamos sobre fidelidade. Wesley contou que a namorada não se importa: ela tem medo mesmo que ele volte com a mãe da filha dele.

– Você tem uma filha? Nem falou dela...

– Não tenho muito contato com ela, mas, quando penso em maldade, lembro dela. Não quero que ela cresça vendo um pai cheio de maldade.

– Você se acha cheio de maldade?

– Antes sim, agora não...

Repetiu que anda pensando muito sobre essa vida e que (faz uma cara de desprezo indescritível) hoje vê esses caras que nem ele era como uns zés-ninguém.

²¹ Ato infracional.



quadro 23



“Quem tem grana mesmo é o traficante lá em cima”, analisa. “Deixava de dormir sossegado por uma merdinha. Esses caras não dormem, preocupados se vai sumir uma arminha, uma droguinha, coisas pequenas.” Hoje jura se arrepender de tudo; se acha um idiota. “Eu tenho vergonha! Pras pessoas que eu ando hoje eu minto, não conto nada do passado.” ■

Este texto descreve a experiência da aplicação do método QUADROS em uma comunidade de Campinas.

Acordo bem cedo, preguiça de levantar. Frio da porra lá fora. Banho quente, tempo gélido, cabeça na quebrada. Visto-me. Tudo normal. Calça desbotada, camisa sobreposta, barba cheia. Tudo normal, exceto por um detalhe: escolhi me vestir assim, escolhi não diminuir a barba que já me incomodava, escolhi a calça desbotada, o tênis por lavar. Concluí que era assim que queria me apresentar na quebrada. Cara de louco, como se fosse me dar alguma segurança, um jeito de me esconder ou me proteger nessa caracterização.

Cochilo no ônibus. Uma hora e meia de pensamento no trabalho. Como estar na quebrada dos outros? Qual postura? Qual gingado no andar? Chego no COMEC²², encontro o Eduardo²³. O pessoal está atrasado. Beleza, dá pra tomar um cafezinho.

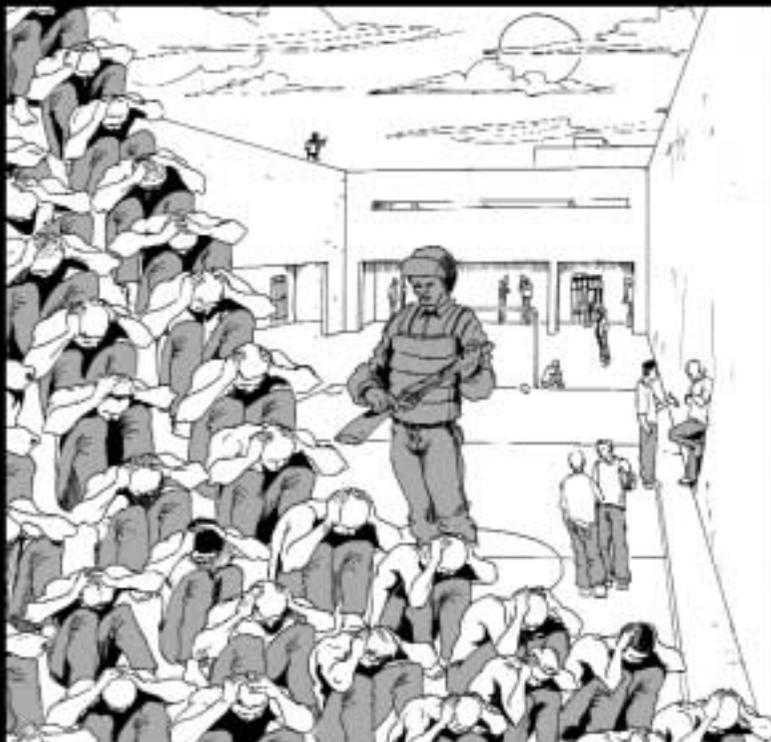
Fomos no carro do Duda. Preocupações dele: “Será que não é perigoso? É tranqüilo levar a carteira?” Esboço um sorriso: “Fica tranqüilo que, se pegarem sua carteira aqui na quebrada, é porque cê já foi há tempo...” E dou uma risada sem sal: na noite anterior, havia feito os mesmos questionamentos.

Na entrada da quebrada, uma primeira visão, já por mim conhecida: chão de barro, alternância de barracos de madeira e de concreto dos dois lados, rua larga, esgoto aberto. Poli²⁴ tem uma presença que me oprime. Fala alto, canta alto, reclama alto do cheiro do esgoto... Inicialmente meu incômodo se localiza no que

²² Centro de Orientação ao Adolescente. Organização não governamental que atua com atendimento a adolescentes que cumprem medida socioeducativa em meio aberto e compôs a parceira que permitiu viabilizar esta avaliação em Campinas.

²³ Eduardo Khater, monitor desta avaliação, responsável por acompanhar a equipe de pesquisadores de Campinas. Também chamado de Duda.

²⁴ Poliandra R. Neves, pesquisadora.

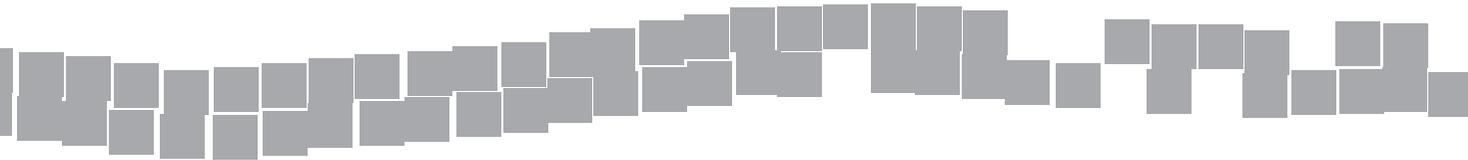


quadro 24

encaro como inconveniência. Percebo que não é isso. O desconforto é de outra ordem. O jeito de estar da Poli escancara o meu desalojamento; explicita o estrangeiro que ali eu sou. Olho pro Eduardo. Alemão dos olhos claros. “Coloca seu celular pra vibrar!” Imagino a cena do telefone dele tocando e ele tendo que atender no meio da viela. Numeração completamente maluca, à direita vinte e dois, trinta e quatro, dezoito... À esquerda duzentos e trinta e um trezentos e treze, quarenta e sete, quatrocentos... “Que porra é essa?! Como as cartas chegam?” Uma luz brilha no meio da confusão: “Número duzentos, é este!”

Um casal, vizinho ao duzentos, arruma material reciclado. Sacos e mais sacos formam uma pilha que ultrapassa o muro do quintal. A mulher, baixa, gorda, estranha, toda encapuzada até a cabeça, descontextualizada do calor que faz, rosna alguma coisa. “Sai daqui!” Ao se virar, se despe pelo rosto. Aparenta ter alguma deficiência metal, olhos puxados, língua grossa extrapolando a boca. Associo com Síndrome de Down. Lembra minha tia. Outra mulher nos orienta: “Fernando mora aí mesmo, é só chamar... Fernando!” Vem um jovem arrumado, cabelo penteado com gel. Na cintura, um puta celular que desbanca o aparelho novo do Eduardo. Me envergonho pelo medo anterior, pela preocupação com a posse, com o celular do Duda. Fernando não quer responder a pesquisa naquela hora, precisa fazer umas compras para a irmã, pede para voltarmos mais tarde. Perguntamos se conhece o Fumaça, outro garoto daquela quebrada. “Conheço, mora ali numa viela; mais pra frente tem um bar, o dono é parente dele; pergunta lá.”

Continuamos a andança. Do lado direito, é um barranco. As construções mais altas, pessoas sentadas nos olham, alguns fazem gestos de cumprimento.



No bar, um cara bem estranho pára na nossa frente e nos encara: cara de louco ou de chapado? Talvez os dois. Bar pequeno, cheio de troféus. Lembro de várias histórias de troca de tiros e acertos de conta em bares, imagino se ali acontecia o mesmo. Um senhor mais velho vem em nossa direção. Ficamos calados, ninguém toma a iniciativa. Começamos a falar todos ao mesmo tempo. Paramos, novamente ao mesmo tempo. Duda recomeça, pergunta do Fumaça. O senhor indica apontando pra uma goiabeira. “Quebra aqui e entra na viela.”

Prosseguimos, um cara de bicicleta nos visita. Marcha leve, trinta pedaladas, trinta centímetros. Encontramos uma casa e uma mulher com uma criança na calçada, perto da porta. Ninguém atende, estamos saindo e resolvemos perguntar pra mulher, que quer saber do que se trata. Explicamos. “Ah, é meu irmão, mora ali, mas agora ele não tá não. Acabou de passar por vocês, mas a mulher dele tá lá.” Pergunto: “E o Luis? Você conhece?” É um outro garoto que também está em nossa lista. “É meu primo! Deve tá chegando”, diz. Vamos na porta do Fumaça, chamamos mas ninguém atende. O vizinho sai, olha o movimento e, sem falar nada, retorna à casa sem portão. Chamo-o de volta:

– Por favor, você conhece o Fumaça?

– Não.

– Ele não mora aqui?

– Não.

Explico o porquê da minha procura e ele fica mais tranquilo.

– Tem um cara que mora aí também, mas não sei o nome dele não, pode ser quem você tá procurando.



quadro 25



Retorno para a mulher, que saiu da calçada e agora vem vindo com outra: a mulher do Fumaça. Garota jovem, vinte e poucos anos. Explico-lhe o motivo da minha busca, ela diz que ele está na outra rua. Vai até lá, volta e pede para que eu vá lá com ela. Um carro passa em nossa frente, cantando pneu. Vai até o final da rua, volta chumbado na marcha ré. Nosso anfitrião da marcha lenta continua suas pedaladas no nosso entorno. No caminho, vamos conversando. Mãe de dois filhos pequenos, estavam todos na casa de um amigo que estava preso. Como este retornou, precisavam desocupar a propriedade. Estão construído uma casinha.

- Precisa ser rápido?
- Não, ele nos deixou à vontade.
- Mas vai ficar pronto por agora?
- Ah, vai sim, se Deus quiser, vai sim....

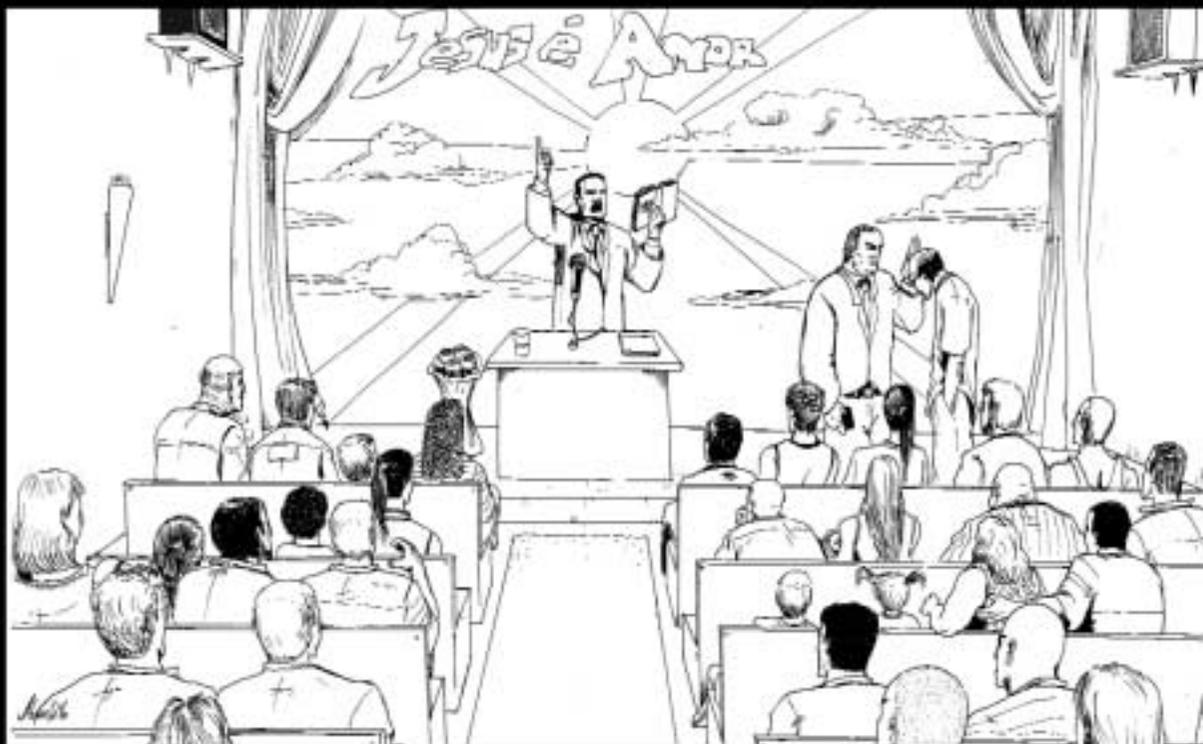
Fumaça está numa esquina, fumando um cigarro. Olhar de desconfiado. Apresso o passo pra diminuir as inquietações. Sinto um incômodo temeroso por estar ao lado de sua mulher. Apresento-me. Fumaça está com aparência de muito chapado. Olho de dragão, sangrando. Estava no batente, trabalhando na construção de sua nova casa. Peço pra ir a algum lugar com ele, pra lhe apresentar os quadros. “Qualquer lugar, naquela pracinha ali em frente ao bar...”, sugiro. “Ali não! Vamos na casa de minha mãe...” Chegamos à casa. Indago: “Será que não vai incomodar ela?” Ele: “Vamos ver...” Entro: sua mãe é uma senhora que já estava na rua antes, já havia notado que ela nos espreitava curiosa. Fumaça arruma os sofás: são três, dois lugares cada, preenchem toda a sala. Bate para tirar a

poeira, arruma as almofadas. Gesto de hospitalidade. Espero em pé. “Fica à vontade, pode sentar!”

Uma TV ligada no noticiário esportivo. Comentários de futebol pra desbaratar. Uma senhora, gorda, de andar curvo, trejeitos que provocam um estranhamento, sinalizando uma deficiência mental, entra na sala. O largo sorriso faz saltar a imagem da falta dos dentes da frente. Põe-se a falar de suas dores, com o sorriso sempre estampado. Entre outras coisas, relata que passou a noite toda com a boca sangrando. “Deve estar com a garganta doendo então, né?”, comento. “O sangue que seca na garganta não arranha?” Ela: “Tá doendo sim!” Sugiro: “A senhora vai no posto ver isso?” Ela: “Vou sim!” Entra uma mulher, percebendo a interrupção desta e a chama. Peço para desligar a TV. Chapado, Fumaça aperta o botão do canal três vezes antes de perceber que não desligaria ali; tenta o do som, aumenta, diminui, aumenta. Por fim, desiste de procurar o liga/desliga escancarado à sua frente e diminui o som por completo.

Durante a re-explicação do meu trabalho, de um dos cômodos sai um cara alto, Valter. Jovem, bonito, com uma postura que chama atenção. Oferece água, suco, refrigerante. “Obrigado, agora não, mas depois eu vou aceitar sim!”, agradeço. Retorno a tarefa e peço para Fumaça olhar os quadros. Um a um, ele olha, finaliza o mapeamento dos desenhos.

– Não quero falar nada não! – ele avisa. – Tem pessoas que gostam de falar de suas coisas, eu não... Lá no COMEC, a gente fazia grupo com as mulher de lá, alguns falavam, mas eu não queria falar não, não gosto... A vida de todo mundo é assim: pobre, rico, tanto faz; todo mundo passa por coisa ruim e coisa boa... Eu



quadro 26

também sou assim... Tô tentando aí fazer diferente, construindo minha casa... Mas é isso, todo mundo tem seus problemas!

Fumaça se agita, parece que vai se ejetar do sofá, bate as mãos no encosto, parece pipoca estourando, fica mudando de posição. Penso: “Putz... roubei a brisa do cara! Tava de boa, no sossego do trampo, agora tá todo agoniado.”

– É, tem coisa aí que traz lembranças difíceis, são essas que você não quer falar?

– É.

– E coisas boas também incomodam?

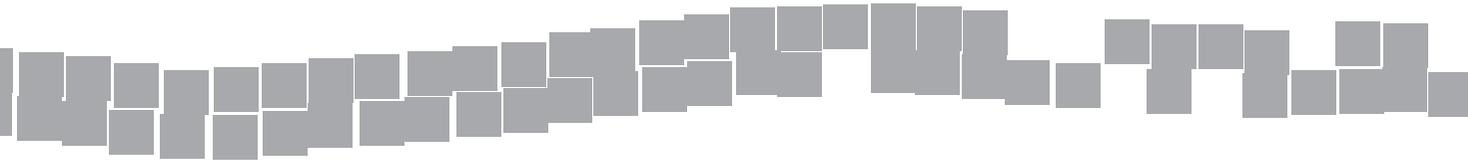
– Eu não gosto de falar de nada... Principalmente sobre aquilo que eu deixei no chão... Cê viu, né, que eu deixei no chão algumas?

Tinha até visto, mas achei que ele fosse retomar. Tinha a imagem da polícia no meio. Fumaça interrompe: “É Valter! traz aí então o suco, cê oferece aí a parada e depois deixa nós falando!” Com cara de orgulho pelo feito do parente que dá aula de Educação Física, ele aponta: “Esse daí é professor... Dá aula na faculdade”. Arrependo-me de não ter perguntado o grau de parentesco. Na hora, não queria perguntar mais nada. Tomo o suco, de frutas vermelhas. Quente, bem doce, artificial, mas com gosto único: gosto de cordialidade, de hospitalidade, de dignidade.

Fumaça começa a falar que joga bola no bairro, que seu time foi pra primeira série do campeonato; foi artilheiro.

– Ah! aqueles troféus no bar ali em cima são de vocês?

– São! Tem até o de artilheiro que eu ganhei, vem aí jogar com a gente qualquer dia!



Agradeço o suco, as gentilezas, cumprimento a todos e saímos da casa. Eduardo chega.

– A Poli tá aplicando (o questionário) naquela menina; faz lá, depois, os Quadros.

– Não vou aplicar não, cara, não vou ficar sozinho num canto com mulher aqui na quebrada...

Fico pensando em quantas pessoas só naquela rua já tinham cumprido medida, quantos amigos, vizinhos, parentes já haviam rodado...

Retornamos à casa de Fernando que, para minha surpresa, nos atende. Acreditei que havia apenas armado uma desculpa, por não ter se interessado na pesquisa. Poli pede água. Ele vai buscar, volta com uma garrafa gelada, me oferece.

– Não, valeu. Já tomei um suco lá no Fumaça.

– Ah! Cê foi lá na casa do Fumaça?

É, ficamos na casa da mãe dele..

Ponto pra mim! Entrei na casa de um deles, motivo a mais para valer confiança. Sentamos numa sombra, na rua, na casa em frente à dele.

– Pode ser aqui? Tem algum problema?

– Só se tiver pra você...

– Não, problema nenhum!

E iniciamos a conversa. Ao encerrar, saímos de lá e vamos para outro bairro. Rodamos dentro do carro preto filmado, nada à vontade. Na primeira casa, Juliano²⁵ grita o nome do garoto. Vem um cara mais velho. Juliano, escorado no portão dele, fuma um cigarro. Pergunta se é ele o Zé. O cara fica calado, olhando

²⁵ Juliano Gomes Boires, pesquisador.

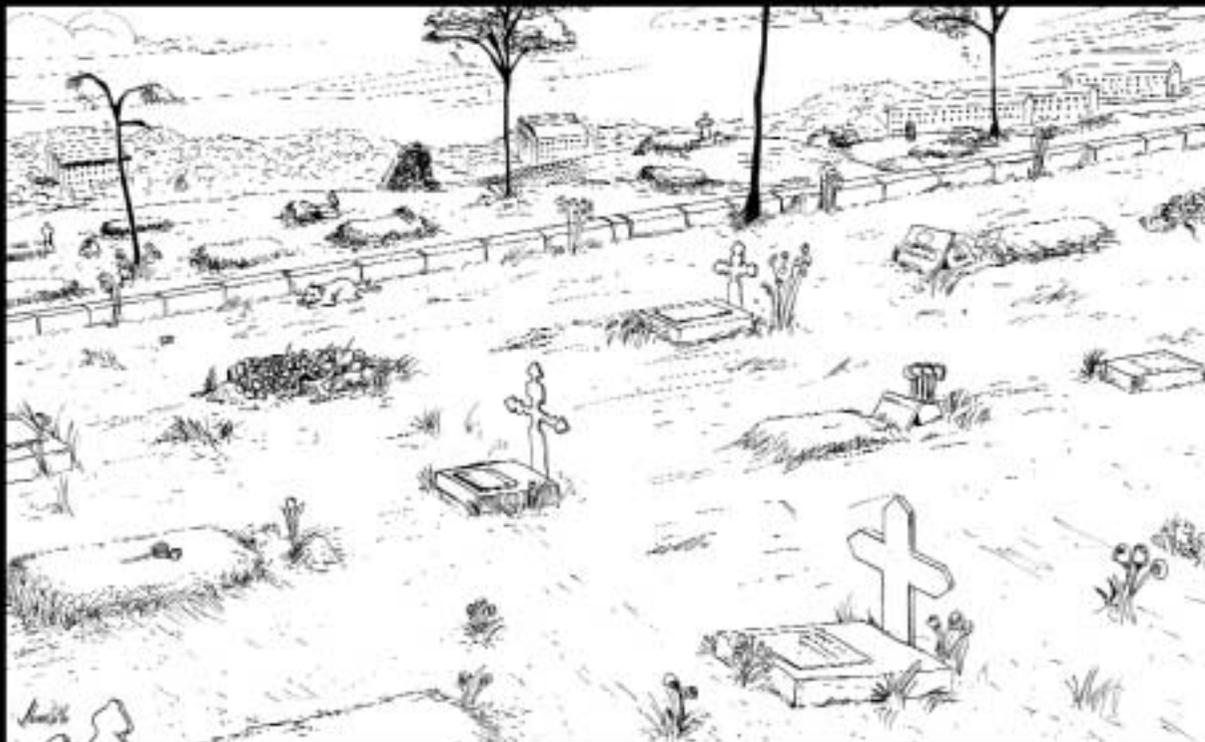
pro Juliano. Tomo a frente e inicio a conversa com minhas referências. Boa tarde, me chamo assim, faço assado, por isso estou aqui, blá , blá, blá... “O Zé não tá.” Sai uma mulher grávida, que passa na nossa frente. Dou boa tarde, não responde. Fica do lado de fora querendo saber o que tá acontecendo. O cara é o pai do Zé, disse que o filho arrumou um bico a noite e que deve tá na rua. Pede para voltarmos mais tarde. Irá procurá-lo. Não prometo o retorno, pois ainda tem muito chão, volto pro carro e seguimos. Paramos em frente a uma loja.

- Por favor, onde que é tal rua?
- Onde cê que ir?
- Em tal rua...
- Qual número?
- 216.
- Tem dois 216. Vocês vão na casa do Tonho?
- É isso mesmo.
- É só descer ali...

Começo a perceber que o endereço não é a melhor forma de encontrar nossos sujeitos. O GPS aqui é a vizinhança... Pego as pastas²⁶. O clima do carro tá tenso. Poli diz que ali é a biqueira. Dois caras mal-encarados sem camisa nos olhando, um forte e outro mais gordo, uma mulher e umas crianças empinando pipa. Vou lá com o material, procuro o número, me sinto um bobo. No nervosismo, esqueço que não se localiza pelo número. Pergunto para o cara mais forte:

- Por favor, onde fica o 216? A casa do Tonho?
- Qual Tonho?

²⁶ Utilizadas para guardar e transportar os Quadros.



quadro 27

– O Tonho do 216.

– Aqui tem vários Tonhos – e aponta três moleques empinando pipa, todos me olhando.

A mulher fala pra um dos garotos:

– Tonho, leva ele na sua casa!

Me antecipo:

– Então, era com você que eu queria falar mesmo.

Ele não era o Tonho... Me fizeram de tonto. O outro cara mais gordo, de óculos escuros, se aproxima. Espicha o pescoço. Braços abertos, peito para frente. Fala alto e grosso.

– Qual a fita?!

– Então... Eu... Eu sou de uma ONG... – Foi o que me veio à cabeça: a palavra ONG geralmente é associada com aquele que cuida de gente. Talvez aliviasse... – Tô fazendo uma pesquisa com o pessoal que passou pelo COMEC, fiz em alguns bairros...

– Você tá naquele carro ali? – Olho pra trás e vejo o carro preto filmado.

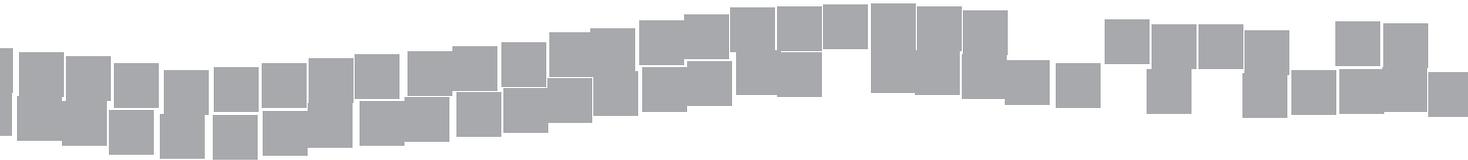
– É... Tô sim...

– Você parou ali na outra casa antes?

– Foi, então... Parei pra falar com o... o... – me fugiu o nome do outro menino, o Zé. Se bobear, esqueci até o meu!

– Relaxa! – ele interrompe. – Não preciso saber o nome de ninguém, não! Você é carioca? - ele investiga a origem de meu sotaque.

– Não, de Salvador...



– Soteropolitano! – ele sorri. Faço o mesmo, aliviando em mim um peso de meia tonelada. – O Tonho é aquele ali atrás de você, de vermelho.

Me viro e vejo um garoto num portão me olhando assustado, sem saber se corre pra dentro ou pra fora. O medo dele estranhamente me tranquiliza. Tonho está desconfiado. Apresento-lhe a pesquisa, mas parece não escutar. Na primeira brecha, exclama: “Não posso! Não posso sair daqui!” A inquietação aumenta a cada insistida. Penso que talvez ele esteja no corre do tráfico. Tranqüilizo-o e agradeço, convido-o para ir ao COMEC, caso queira. Envergonhado por ter ficado seguro com a fragilidade dele, vou embora...

No carro, um clima pesado. Quero ir embora dali. Eduardo quer procurar mais um menino, precisa do maior número possível de questionários. Não me sinto seguro. Esbravejo se é muito importante um a mais. Por fim, vamos. Perguntamos a localização, damos de cara com a entrada de uma quebrada bem sinistra. Resolvemos não entrar. Ficamos impacientes uns com os outros. Erramos entradas. Rodamos duas vezes a mesma rua. Caímos em outro endereço da lista. Um menino na esquina parado no poste. A casa atrás dele indica a numeração da menina que procuramos. Pergunto para o garoto se a conhece. Assustado, diz que não, não conhece ninguém. Saio puto. “Vamos sair daqui, porra! Esse carro filmado é mó pala!”

Vamos finalmente para outro bairro. Encontramos a casa de outro menino; uma mulher desconfiada nos atende, eu e Juliano. Me incomodo pela minha apresentação. Percebo que os parentes desses meninos naturalmente ficam assustados com uma pessoa estranha perguntando do paradeiro deles. Assumo outra

postura: fala articulada, educada, acolhedora. A mulher sorri, diz que é a mãe do menino, que ele tá trabalhando. Entrego o convite de ida ao COMEC. Percebo ali que, no artifício caricato de me fazer parecer daquele lugar, torno-me mais estrangeiro ainda. Essa é a beleza da aceitação: ser acolhido na diferença. Recompuesto do estresse, visitamos mais uma casa, atendidos pela avó do menino que nos informa da ausência do neto, por estar trabalhando na Telefônica. Agora chega. Simbora comer, já são quatro horas.

Banho tomado, barba aparada. É assim que escrevo este diário. Reflexivo, elaborando o que aconteceu. Confrontando meus a priori com a experiência in loco. Lembrando da minha área em Itapuã, uma rua atrás da invasão do Abaeté. Arquitetura parecida, molecada diferente. Dez anos atrás. Menos apelo de consumo. A mesma cabreragem inicial com o estranho, seja visitante ou morador novo. A mesma ambigüidade hostilidade/hospitalidade. O incômodo e a vergonha me acompanham. Trabalho nessa área social há um tempo: por que ainda me visto de conceitos antecipados e vou a campo fantasiado? Por que subestimo o olhar do outro e incorporo mimetismos de fala e andar que julgo serem próprias de lá? Onde é esse lá que me coloca aqui? Só sei que, agora, o lá, aqui, tatuado está. ■

Flavia Pimentel Lopes Futata

Cientista social, mestranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. Pesquisa o imaginário da liberdade entre jovens internos da Fundação Casa. Participou do Projeto Quixote como pesquisadora e mediadora do grupo de ex internos da FEBEM que realizou o documentário *Exilados do Mundo*.

Lucas Souza de Carvalho

Psicólogo do Instituto de Psicologia da USP. Acompanhante Terapêutico da Clínica de Acompanhamento Terapêutico Céu Aberto. Educador Terapêutico de crianças e adolescentes em situação de risco pelo Projeto Quixote.

Natália Felix de Carvalho Noguchi

Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP com dissertação intitulada *Seguro na FEBEM-SP: universo moral e relações de poder entre adolescentes internos*. Pesquisadora do Cenpec (Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária) e co-coordenadora do projeto *Em defesa do adolescente: protagonismos das famílias na defesa dos direitos dos adolescentes em cumprimento de medidas sócio-educativas*, parceria entre UNICEF, AMAR, CEDECA, Mônica Paião Trevisan, Ilanud e Conectas Direitos Humanos.

Conjunto das pranchas do Método QUADROS

quadro 1



quadro 2



quadro 3



quadro 4



quadro 5



quadro 6



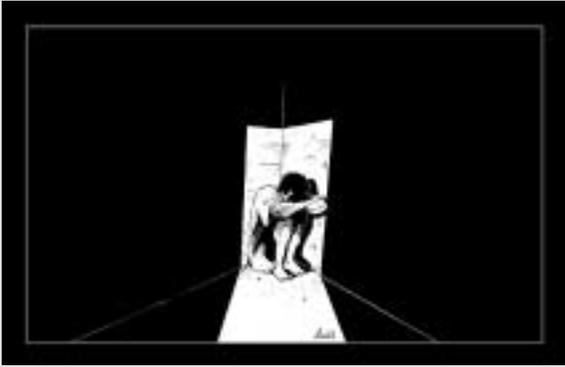
quadro 7 ■



quadro 8 ■



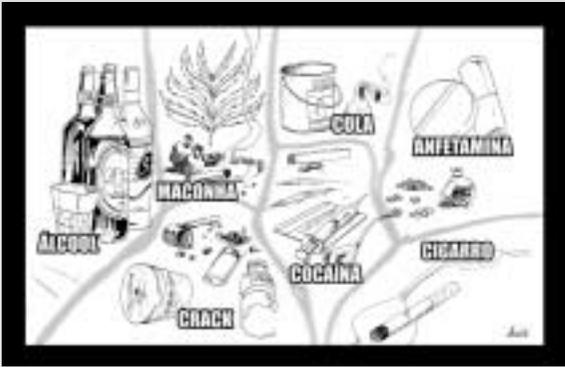
quadro 9 ■



quadro 10 ■



quadro 11 ■



quadro 12 ■



Conjunto das pranchas do Método QUADROS

quadro 13



quadro 14



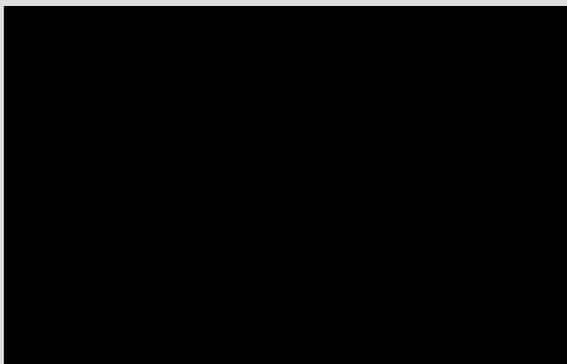
quadro 15



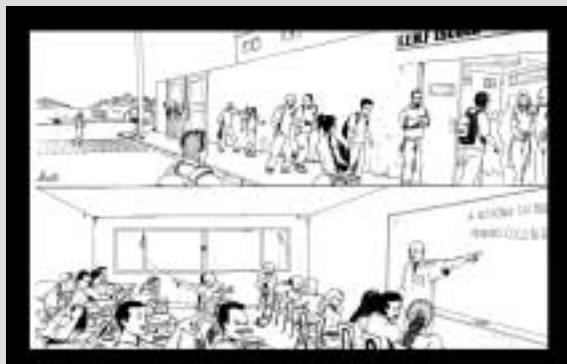
quadro 16



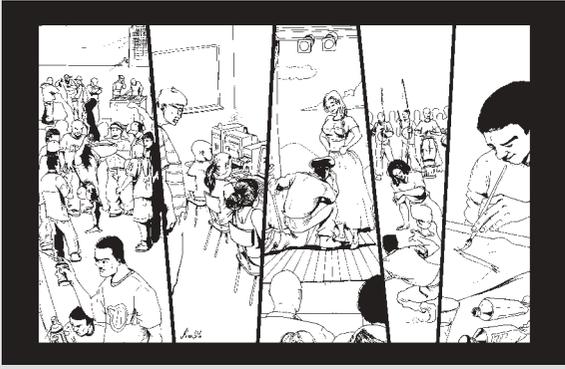
quadro 17



quadro 18



quadro 19



quadro 20



quadro 21



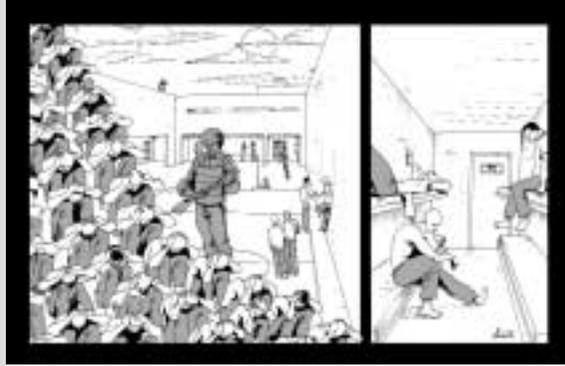
quadro 22



quadro 23



quadro 24

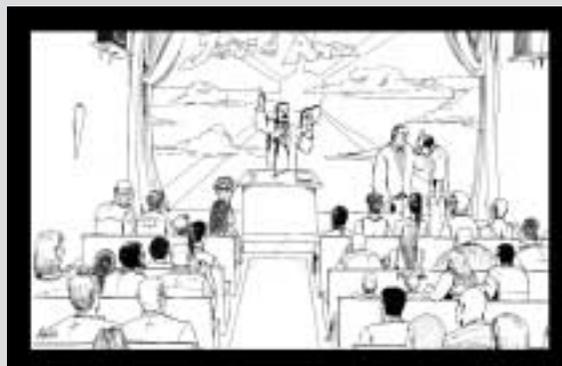


Conjunto das pranchas do Método QUADROS

quadro 25 ■



quadro 26 ■



quadro 27 ■



QUADROS – o método



QUADROS: uma nova proposta

Daniel Brandão

Entender a situação atual de jovens que cometeram atos infracionais significa conhecer vidas. E vidas não se revelam em números. Que bom. São mais sedutoras e poéticas. São políticas. Trazem no corpo as consequências da sua existência. São as vidas o sentido de tudo. São muitas e plenas. Geram os números que apresentamos em tabelas, mas não se prendem a eles. Usam vestido vermelho e perfume de gardênia. Desnudá-las é tarefa impossível. Parece até que fizeram votos. E isso nos inquieta. Suados, temos febre. Fazem ferver a imaginação. O que nos traz riscos, por vivermos em fantasias e soltarmos nosso pé do chão. Arrastados pelas correntes que passam, ruidosas, afundamos de perder o ar. Raros sobem à tona para respirar e assim ver. O céu. Azul. Diferente da água verde que nos

afoga. Porque perdemos o pé. Porque não entendemos. Porque deixamos a força da correnteza nos levar.

Não podemos ser simples assim. Não é tão banal. Seria bom se fosse. Assim julgaríamos certos.

Ela me pediu para acender seu cigarro.

E eu fiz isso, achando que tinha chances. Ela estava cansada da minha conversa.

Assim, algo novo era preciso. Sim. Os números nos dão força. Nos permitem ver muitos cômodos e generalizar para as casas vizinhas. Eles nos ajudaram a desenhar uma cartografia de nossa questão. Mas para entender melhor a terra explorada, era necessário andar na praia. Com o pé descalço. E se cortar nos mariscos.

Enfim. Não tem fim.

Olhamos o mapa de meninos e meninas. E nos perguntamos:

Quem é esse menino ou menina que, na tabela, é um quatro ou um três?

Por que ele é quatro ou é três?

O que a faz ser quatro?

O que ele é?

O que ela já experimentou?

Em que ele crê?

Claro estava que, para entender e assim poder julgar, era necessário ir além. Romper a barreira do dado duro e frio (significante e importante e tão merecedor de outros créditos). Quem és tu, ó jovem? Quem és? Se me falas de ti, eu também posso saber mais de mim.

Assim partimos pro rosário metodológico que nos permitiria responder a essas perguntas. E encontramos o assunto que ela não quer mais ouvir. Poderíamos tentar entrevistas com eles. Poderíamos agendar um grupo focal. E os meninos e meninas falariam e falariam. Assim como falam, sempre. Para despistar. Como ela fez comigo, quando se cansou. Como eles já falaram ao policial, ao delegado, ao advogado, ao promotor, ao juiz, à técnica, à professora, a um parente, ao pastor da igreja. Somos todos inocentes. Até eu, que naquele dia quis roubar aquela menina que andava cansada de minha conversa. Que atirem a primeira pedra.

Seríamos mais alguns a escutar. O que a conversa racional produziu e cristalizou. O que é desejável que se ouça, para que você não se encrenque. O que é mais fácil ser dito, porque não é meu. Fica em minha periferia. Meu centro está protegido. Minha caverna é guardada por um dragão. E ela não se abre a mais uma pergunta.

Precisávamos romper essa barreira. Quebrar o protocolo. Rasgar fantasias. Arrebetar a cristaleira. Tal qual um adolescente, não se conformar. Sem perder a ternura. Mas era arte de garimpeiro. Quebrar para encontrar, descer a picareta para fazer saltar a pedra da busca. Sem isso, não haveria sentido. Seria inseqüente. E nesse campo das vidas de meninos e meninas, não se pode ser inseqüente. Pois se morre de verdade.

Assim nascia o método QUADROS.

Descrição da proposta

A proposta consistiu em elaborar cenas ou situações que tendem a se apresentar na vida de adolescentes em situação de risco social, público-alvo desta avaliação, e usá-las como elementos disparadores de um diálogo. As cenas e situações se caracte-

rizariam como instrumento de mediação no encontro entre um jovem e um “aplicador(a)” do método (também chamado de mediador), que estimularia o primeiro a conhecer os desenhos e a relacioná-los com passagens de sua própria história.

O trabalho era inédito, o que exigiu um cuidadoso amadurecimento, para o qual contamos com imprescindível apoio crítico de diversas pessoas¹. Ao encontrarmos profissionais do campo da psicologia, uma marcação ficou clara: o intuito do método era conhecer trajetórias de vidas, o que lhe permitia um forte potencial de uso no campo pedagógico, possível de ser aplicado por educadores e educadoras que trabalham com jovens cumpridores de medidas socio-educativas em meio aberto. Importante: QUADROS não almeja ser um teste psicológico. Não foi assim concebido ou desenvolvido. Faz-se necessário deixar claro este ponto, para evitar possíveis confusões ou debates infrutíferos sobre seu uso nessa área.

Tomada a decisão de nos arriscarmos por um novo caminho, em busca de responder à pergunta sobre *as marcas na trajetória de vida de jovens que cometeram atos infracionais*, emergiu o desafio de definir quais seriam as cenas ou situações retratadas nos desenhos, aspecto determinante para o

sucesso da proposta. A fim de garantir a qualidade desta etapa, convidamos a antropóloga Flavia Futata – de larga experiência com ex-internos da FEBEM – para realizar um conjunto de encontros com educadores MSE-MA e com jovens que cumprem MSE-MA, bem como para realizar estudos documentais acerca da questão. Ao mesmo tempo, foi formada uma equipe de quatro mediadores, orientada por três premissas em sua composição: (1) equilíbrio de gênero; (2) equilíbrio entre formações no campo da psicologia e ciências sociais – aspecto importante, por se tratar de um momento de exploração e construção de nova possibilidade de atuação metodológica, ou seja, a diversidade de perspectivas sobre este processo ampliaria o repertório de análises possíveis, oriundas de distintos campos do saber; (3) experiência prévia com adolescentes em situação de risco².

O conjunto de informações resultante dos diálogos realizados e materiais analisados foi levado ao debate junto à equipe de mediadores, que indicou um grupo de cenas a ser inicialmente retratada. As orientações dos desenhos sugeridos foram levadas a Alexandre de Mayo, o ilustrador escolhido para retratar as situações. A escolha de De Mayo foi orientada tanto por seu excelente

¹ Agradecimentos especiais à Graziela Bedoian, que acompanhou a proposta desde seu início. A Cristiane Barreto que se enfileirou com a equipe, para nos manter sempre atentos e provocados. A Paulo Fernando Pereira de Souza e Sergio Tonello, generosos ao escutar e comentar a proposta que apresentávamos.

² A equipe foi composta por Acácio Sebastião, cientista social, Flávia Futata, antropóloga, Lucas Carvalho, psicólogo e Natalia Noguchi, psicóloga.

traço, associado a uma longa trajetória nas periferias de grandes cidades, marcadamente São Paulo, em função de seu engajamento no Movimento Hip Hop, quanto por suas experiências junto a adolescentes internos na Fundação CASA. Sua arte é, então, marcada por um olhar super-realista da situação de jovens que cometeram atos infracionais³.

A composição dos desenhos obedeceu a algumas premissas. Essencialmente buscava-se construir imagens que fossem *disparadoras de múltiplas possibilidades interpretativas* – ou seja, que não encerrassem em si uma concepção prévia ou um apontamento específico claramente pré-determinado. Como exemplo dessa dinâmica, pode-se observar o Quadro 1, que se refere à polícia. Sua presença era marcante na fala de todos os jovens com quem conversamos para elaborar as cenas; no entanto, sua descrição estava sempre associada à repressão, violência e desrespeito. Se o retrato da polícia trouxesse o exercício desse papel coercivo, a ótica com a qual seria visto remeteria diretamente a questões de agressões, limitando a exploração de seus outros sentidos – por exemplo, a tênue admiração e o forte desejo que muitos jovens guardam pelo poder e autoridade que a polícia simboliza, o que os remete, em alguns casos, a sonhar

em ser policial ou servir ao exército.

Esta premissa trazia a necessidade de atuar com uma imagem que abarcasse as polaridades do concreto e do simbólico. Ou seja, os desenhos que remetiam a questões materiais e concretas (arma, polícia, escola) seriam simbólicos ao permitir uma variedade de leituras ao seu redor.

Outra tese foi a adoção do gênero masculino como eixo central dos desenhos – opção tomada em função desse gênero predominar no cumprimento de medidas socioeducativas (o público masculino representa 88% do universo⁴). Entretanto, o método também se mostrou eficiente ao ser testado com meninas. A terceira premissa assumida referia-se ao cuidado para que o conjunto de quadros permitisse fazer referências a diferentes momentos da vida do jovem, tanto atuais quanto passados.

Assim foram elaboradas 27 imagens iniciais, que serviram de base a um pré-teste, realizado com oito jovens que atualmente cumprem MSE-MA nos quatro municípios- foco desta avaliação. O resultado do pré-teste trouxe a clara necessidade de uma profunda revisão nas situações escolhidas, uma vez que se observava uma densidade significativa de cenas violentas, o que tendia a uniformizar todos os discursos ao

3 O trabalho do ilustrador pode ser visto na obra *Os inimigos não mandam flores*, realizada em parceria com Ferréz.

4 Este universo refere-se aos adolescentes que cumpriram MSE-MA em 2005 em Campinas, Guarulhos, Guarujá e Jandira.

redor dessa questão. Ao mesmo tempo em que se discutiam as ilustrações, as possibilidades de formas de aplicação do método foram afinadas pela equipe.

A revisão das cenas possibilitou a composição do conjunto final de QUADROS a ser aplicado, também constituída por 27 imagens. Entre essas, encontram-se dois quadros denominados de “coringas”, sendo um totalmente branco e o outro preto⁵. Estes permitem criar espaços para que experiências vividas pelos adolescentes e não retratadas nas cenas possam emergir na conversa. Todos os desenhos foram numerados (entre 1 e 27) para permitir uma melhor organização interna do próprio trabalho e também para dispor a possibilidade de uma análise da recorrência de cada quadro no total de aplicações. O resultado mostrou que todos os desenhos apresentaram alguma frequência e que as conversas forma dinamizadas a partir da utilização mínima de dois quadros (Bicho Acuado) até o máximo de dezesseis (narrativa não disponível neste livro). Qualquer outra análise de natureza numérica não nos pareceu significativa.

Para a aplicação com os adolescentes, as imagens foram impressas em tamanho A3. O processo de aplicação carregava uma determinante fundamental: os quadros de-

veriam atuar como mediadores de um diálogo a ser travado entre o adolescente e o mediador. Ou seja: o foco central dessa experiência está no encontro entre duas pessoas e na conversa dele resultante, jamais nos quadros em si. A idéia é que as imagens atuem na aproximação entre os sujeitos, estimulando a fala do adolescente. Aqui se afirma que *a intencionalidade principal do método é criar uma possibilidade para que o adolescente conte a sua própria história, que ele diga sobre si por si*. É inegável, no entanto, que o sujeito mediador influencia de maneira determinante esse discurso – afinal é ele o interlocutor, o destinatário da fala do jovem. Orientados por uma sugestão de procedimento geral que era ajustado a cada aplicação, os mediadores atuaram de formas próximas, mas não idênticas.

Neste sentido, a aplicação do Método QUADROS constituía-se como um espaço de escuta do adolescente, onde ele poderia elaborar sua própria história de uma outra maneira, com novos significantes. Tal aspecto apresentava grande potência mobilizadora, o que exigia o cuidado dos mediadores se colocarem totalmente disponíveis para um eventual retorno do adolescente e uma segunda conversa. Esse novo encontro não ocorreu em nenhum caso – apenas houve

5 Quadros 16 e 17.

uma ligeira aproximação com Ratinho, que acabou por não se concretizar⁶. Entretanto ficou bem definido que a aplicação não se confundia com um atendimento ao jovem, o que reverberou na condução da conversa e na natureza das perguntas.

As aplicações foram realizadas em duas etapas, acompanhando a estratégia dos questionários que também faziam parte dessa avaliação. A primeira ocorreu nas próprias organizações onde os jovens cumpriram MSE-MA, dando-se sempre em um recinto privado, para permitir uma conversa sem observação externa ou interrupção. A segunda etapa de aplicação ocorreu nas comunidades onde vivem os adolescentes. A dinâmica, neste momento, era completamente diferente, uma vez que a equipe não tinha nenhuma governabilidade sobre o ambiente de trabalho que encontraria. Foram realizadas aplicações prioritariamente na casa dos jovens, acompanhados ou não por familiares e amigos; em um caso, entretanto, a aplicação se deu num bar que funcionava como ponto de vendas de drogas. É possível acompanhar a entrada dos mediadores na comunidade no texto *O lá daqui*.

As aplicações tiveram duração que variou entre quarenta minutos e quatro horas (sempre sem interrupções). O conteú-

do do diálogo era sistematizado em um diário do aplicador, no qual este registrava a conversa, a dinâmica utilizada e suas reflexões. Esses diários forneceriam a base para os textos apresentados nesta publicação.

Foram realizadas trinta aplicações de QUADROS⁷, das quais nove foram selecionadas, por nelas se reconhecer em histórias que tocam diretamente em questões de violência, relações familiares, denúncia, interação, moralidades, resiliência, liberdade, alegria e tristeza, desejos e memórias. As histórias selecionadas foram analisadas por Cristiane Barreto e resultaram no artigo que fecha este capítulo.

A análise de cada caso trata de singularidades absolutas, únicas e plenas, ao mesmo tempo em que o conjunto revela possibilidades de leituras próximas ao universal. Esse universo está muito além dos sujeitos encarcerados em um cenário de radical exclusão social, como está muito além da objetividade que os números possam representar. Tratam-se pura e simplesmente de aspectos humanos, que dizem respeito a todos nós.

As pranchas e orientações de uso de QUADROS estão disponíveis no portal do Programa Pró-Menino (www.promenino.org.br) e do Instituto Fonte (www.fonte.org.br).

6 O Instituto Fonte ofereceu a Ratinho apoio para custeio de seu transporte caso quisesse retornar, uma vez que ele apontou problemas de recursos para um segundo encontro.

7 Aqui não se consideram as aplicações do pré teste (n=8).

Daniel Brandão

Consultor associado ao Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social. Mestre em Educação pela PUC-SP, onde estudou a relação entre avaliação de projetos sociais e a aprendizagem. É consultor em avaliação para organizações não governamentais e empresas, onde procura privilegiar abordagens participativas em seu trabalho. Em 2003 foi contemplado com o Prêmio da Associação Americana de Avaliação para participar de sua conferência anual. É autor de artigos sobre avaliação. Atua também com planejamento estratégico e mediação de grupos. Bloga no www.beradero.blogspot.com.

A invenção de um encontro

Cristiane Barreto

As cenas da cidade, o adolescente e a lei: preâmbulo

Turbilhão de sujeitos anônimos, amontoados de situações banais, corriqueiros acontecimentos: os trilhos urbanos são conturbados por seus espaços. Os itinerários demonstram que a lei simbólica falta em ordenar as relações entre os pares. Alguns acontecimentos fazem furo. No mundo contemporâneo, a lei que prevalece é a do mercado. Então, flutuamos todos.

Adolescer no século 21, nas grandes cidades, torna-se, assim, mais que delicada transição, uma arriscada travessia. Perigos de uma encruzilhada, entre impasses subjetivos e as ofertas das esquinas. A prática de atos infracionais surge nessa via, para muitos, como única possibilidade de vislumbrar

um pertencimento, encontrar “um lugar e uma fórmula”.

O Estatuto da Criança e do Adolescente, pautado em princípios, e não numa norma rígida, destina as medidas socioeducativas em meio aberto – aberto à cidade e à vida – aos adolescentes autores de atos infracionais. A responsabilização jurídica abre um campo de intervenção, em parceria com outros saberes, para oferecer aos sujeitos a possibilidade de construir uma resposta diferente das práticas de rupturas que desligam dos laços sociais e empurram ao pior. Considera-se, para isso, que, para todo ser falante, doente da linguagem, existe sempre um resto que o orienta e é fora da lei.

Para entender uma época ou saber sobre uma pátria, bastaria debruçar-se sobre os modos de vida dos seus adoles-

centes e o lugar reservado a eles, pois estes “costumam revelar o que uma civilização se empenha em dominar e esconder” (Nominé, Bernard, 2001).

Dos 25.030.700 adolescentes brasileiros, 39.578 estavam em cumprimento de medidas socioeducativas em 2004, 13.499 em unidades de internação (Oliveira, Carmem, 2006). Número alarmante, principalmente quando conjugado às informações que revelam o genocídio silencioso dos jovens nas periferias das grandes cidades. A violência urbana é a maior causa de danos e perdas irreversíveis de vidas adolescentes, tornando essencial interrogar sobre as ofertas e políticas destinadas aos jovens no Brasil.

Cabe aqui uma curiosa observação: São Paulo, que já correspondeu a 50% do sistema sócio-educativo brasileiro, conseguiu uma significativa redução para 39% (Oliveira, Carmem 2006), apontando para uma tendência de ampliação das medidas em meio aberto, em contraponto à internação – que conjuga custo elevado e barbáries. O alento com que esta informação fora transmitida explicitava a complexidade da situação desse Estado como um paradigma, também para reafirmar efetivas condições de mudanças.

Percorridos 18 anos, o Estatuto da Criança e do Adolescente tem como desafio atual verificar e validar as possibilidades do seu alcance.

QUADROS

Comentar o método QUADROS e os frutos do processo que se inaugurou nessa experiência com a avaliação das medidas socioeducativas em meio aberto no Estado de São Paulo, apesar de despertar entusiasmo, não isenta de embaraços. Alguns motivos destacam-se como razão aparente, se não principal, para as dificuldades, sendo o mais relevante deles a ausência de referências semelhantes nesse campo. Trata-se de algo novo, de uma invenção.

Contudo, encorajar sua aplicação passou por um registro dessa mesma ordem: por escutar, no seu esboço, o entusiasmo derivado, não apenas da acuidade da proposta, mas dos ecos da responsabilidade frente a uma invenção. Uma invenção responsável, portanto, onde o novo engendra o compromisso com uma posição ética: seguir adiante.

Avançar nessa interlocução teve como condição a possibilidade de pontuar uma crítica, explicitando o que, a meu ver, faria

dessa prática um engodo, uma experiência que pouco contribuiria com os adolescentes que a fariam existir, com os profissionais envolvidos no processo e com os Programas e parceiros empenhados na implementação das medidas socioeducativas, a saber: a construção de algo como “um novo teste”, com o objetivo de avaliar. Um instrumento que, na sua premissa, tomasse o sujeito como objeto de uma mensuração, e os signos do que ele vê e diz num aglomerado de interpretações prévias e enfadonhas. Almejando obter a garantia e a eficácia da verdade estática das respostas que, por isso mesmo, são inócuas. Processo calcado no auxílio de uma Psicologia pretensamente científica, quando nada mais é que desviar de um padrão razoável para se debruçar sobre o que de (des)humano comporta a linguagem e seus efeitos.

É preciso estar avisado de que a presença de um outro - um mediador, um pesquisador – comporta necessariamente o campo da demanda e do desejo, assim como as circunstâncias em que se executa uma ação – política marcam o rumo das possibilidades e das intervenções.

Qualquer trabalho inaugural no entorno da violência das grandes cidades, com adolescentes que, com seus atos, infracio-

nam, em situação constante de risco e morte - assombro de vida e migalhas de ofertas - causa impacto. Impacto, que pode ou não produzir e reverberar. Estilhaços, de vida.

Da crítica inicial, a afirmação de que seria outra a direção apontada, o que já era um confortável indício. Mas a aposta de que algo inédito poderia advir ratificou-se quando a questão da particularidade, do singular de cada adolescente, entrou em foco na metodologia, com destaque. Não se tratava da construção de um protocolo indiferente a seu campo de ação, reservado às aplicações automatizadas, nem de uma técnica estanque, que não permitiria explorar pressupostos e conseqüências. Era a invenção de um “disparador” de conversa!

Propiciar o encontro de uma equipe com profissionais de formações diversas, enquanto pesquisadores, com adolescentes que cumpriram medidas de liberdade assistida ou prestação de serviço à comunidade, utilizando, para isso, um “jeito novo de fazer”. O aplicador, um operador circunstancial, apresentaria ao adolescente desenhos de algumas cenas – “pranchas” tamanho A3 com ilustrações em preto e branco. Quadros. Os jovens deveriam escolher, apontando e destacando do conjunto alguns dos quadros, correlacionando-os com passagens de

sua vida. Ao final, inventariam um título, nomeação. Uma criação endereçada.

Fez saltar aos olhos o interesse do projeto no universo particular que se constituiria ao fazer com que cada adolescente se apropriasse da fala. Tomasse a palavra. Quem estava do lado de lá? Como se desenhavam no percurso? Do que sofrem e como vivem? Perguntas rondam o espaço, permeando o pensamento e o fazer, balizadas por um pontual objetivo: compreender o impacto que as medidas socioeducativas podem produzir na vida de um adolescente. Como construir - ora barreiras, ora saídas - capazes de possibilitar, e não de impedir, a circulação? Portas e janelas. Ruelas e becos. Avenidas e pontes. Amontoados, aglomerados. Paredes. Construções urbanas. Qual quadro emoldura as cidades?

Dos quadros e traço: alguns recortes

Restou inaugurar as conversas com os jovens a partir de um peculiar ensaio, no qual, de certa forma, a arte foi utilizada como recurso. Artifício. Algumas cenas foram escolhidas e o artista emprestou seu traço. Não qualquer artista, e isto é fecundo.

Alexandre de Mayo é ilustrador, engajado no movimento hip hop, com experiência de trabalho junto a adolescentes na FEBEM. Freqüentador das redondezas das grandes cidades. São Paulo e suas cenas, em quadros, é rasgo puro de um estilo hiperrealista.

Os adolescentes foram sensíveis à sua estética, os desenhos comentados. Mais de uma vez, lê-se nas histórias de vida: “São lindos esses quadros!”, exclamou Hugo, que se preocupou em arrumá-los em prateleiras, para que ficassem bonitos e bem visíveis. Wesley gostou bastante dos quadros, afirma o aplicador. Ele os via, admirava-os, antes da tarefa de selecioná-los ser solicitada. “Quadro bonito...”, disse Gil, o menino do nada e do não.

Isso demonstra, a meu ver, que o recurso dos quadros como facilitador do “início de conversa”, dispositivo “detonador de um diálogo”, não se restringia à identificação com o conteúdo dos desenhos. Reconheceu-se ali, mais além, uma linguagem, um traço compartilhado, bom componente do acolhimento. Um convite legitimava-se.

Semelhante a esse efeito, observa-se, por exemplo, o interesse dos jovens em diversos programas e movimentos espalhados pelo Brasil, e quão bem sucedidas são as oficinas de grafite, hip hop, rap! Pois tudo o

que envolve o surgimento e a ascensão dessas produções da cultura pertence ao campo das boas invenções dos jovens, como resposta ao mal-estar contemporâneo de viver.

Aqui, para fazer um intercâmbio de notas e cenas entre as cidades e para demonstrar que *Estilhaços* podem atingir uma distância significativa, recorro a passagem de um adolescente, ao visitar o mais importante Teatro de Belo Horizonte – o Palácio das Artes – para ver uma exposição do Basquiat¹. Boquiaberto, decide. Capturado pelo olhar do artista, constata que suas pichações pela cidade não tinham mais para ele apenas o valor do desafio: era a arte que já cruzava seus muros. Os muros da cidade, nos quais ele marcava pertencimento em lugares altos, visíveis e cobiçados, onde, na calada da noite, ele, não se fazendo ver, registrava-se em letras. Queria, desde o encontro com Basquiat, outro espaço, aperfeiçoar seu fazer e assinar seu nome.

Vale lembrar que fazer surgir e possibilitar o acesso de um traço particular, um desejo inédito, de uma saída singular construída por cada adolescente em direção ao universal, dando lugar no mundo às produções, é tarefa crucial dos programas de medidas socioeducativas em meio aberto. Trata-se de enlaçar, ofertar ancoragem no

universo da cidade, validar, extraindo consequências do que cada caso ensina ao contínuo desenho a ser traçado.

Na aplicação de Quadros, apresenta-se um trabalho artístico, o que provoca uma indagação sobre um fazer. Quem fez esses desenhos?

Os desenhos, introduzindo cenas do mundo em imagens despregadas do campo da guerra cotidiana, apontam para um tratamento diferenciado, outra forma de fazer com a violência. Desenhá-la, esquadrinhar realidades. As cenas, nos quadros que podem ser de muitos, convocam a fala, cumprindo função semelhante ao encontro com a obra de arte, diante da qual somos contempladores ativos: se nos colocamos a falar do quadro, nada mais é do que o quadro que fala em nós. Nesse sentido, a arte interpreta.

Aponto essa vertente para destacar algo que me causou forte impressão e parece ser um aspecto, além de favorável, adorável dessa vivência dos operadores com quadros e adolescentes. Trata-se do surgimento de várias falas sobre as cenas marcantes, traumáticas, da vida desses sujeitos. A morte do pai que se conjuga com a morte do namorado; a tentativa de suicídio e o jato de sangue do irmão; o nascimento concomi-

¹ Jean-Michel Basquiat é considerado “um meteoro” no mundo das artes plásticas (final da década de 70, início de 80). Os muros de Nova York receberam o nascimento da sua obra, que rapidamente ganhou o mundo. Aos 16 anos, começou a fazer grafites em vagões do metrô, paredes e muros de Manhattan. Em parceria com Al Diaz, assinavam Samo - abreviatura de “Same Old Shit” - e grafitavam signos, marcas e frases. Negro de origem caribenha, nascido e criado no Brooklyn, dizia que o tema do seu trabalho era “realeza, heroísmo e as ruas”. Criou um estilo de vigor. Morreu aos 27 anos.

tante de três sobrinhos; a mãe que comunica o desejo de jogar um bebê no córrego, marca da moça que até hoje não sabe nadar; os socos do avô, ocasionados por um comentário “suave” (...). Cenas que jamais poderiam ser desenhadas a partir dos estudos documentais, reuniões com educadores etc. Essas sim, revelam resultados duros, conseqüências na subjetividade e no modo de viver. O método, que inclui a posição de cada operador, possibilita a fala e o resto. Esta é a operação fundamental realizada pela metodologia..

Emoldurando uma cena: palavras

A escolha das cenas não é aleatória. Foi permeada pelo saber dos que trabalham na linha de frente, em função do que contam os adolescentes, os laudos e o que se testemunha. Essa seleção destaca a crueza, o impacto da violência, os lugares-comuns do percurso pelos trâmites da lei. Cenas recorrentes, passíveis de serem compartilhadas entre os que têm uma nomeação dada pelo Outro da lei: adolescente infrator.

O método QUADROS condensa a lógica e os princípios norteadores da execução

das medidas socioeducativas: propicia ao adolescente um tempo de ver, elaborar e, num só encontro, concluir. Verificamos a sustentação de uma “elaboração provocada”.

Ora, uma sentença judicial, a determinação de uma medida socioeducativa, é a tentativa de fazer com que, a partir de uma medida imposta, o adolescente possa ser auxiliado na construção de uma borda, implicando-se em seu ato e querendo saber sobre seu modo de viver. Viabiliza-se construir um saber sobre as cenas petrificadas. Provoca-se uma elaboração. Por outro lado, os programas se fazem imprescindíveis para um acompanhamento que não se estabelece apenas na dimensão do caso a caso, posto que se realiza com assistência, garantias inerentes aos direitos básicos e sociais e criações de parcerias com a cidade, seus eventos e feitos.

QUADROS não é uma proposta de atendimento, certamente, mas, nas aplicações, oferta uma interlocução pontual, implicada em não recuar diante das questões trazidas pelos adolescentes, questões que são passíveis de serem escutadas e minimamente tratadas. Algumas narrativas ilustram, inclusive, condições para realizar encaminhamentos aos programas de origem.

Linhas divisoras se destacam para delimitar o trajeto, ao mesmo tempo em que o ampliam. Balões de diálogos, espaços vazios, ausência de cor, frases picotadas. Recortar palavras, alinhar remendos. Inevitável a alusão à confecção de quadri-nhos. Nesse contexto, falar provoca um deslocamento, num recontar, onde os adolescentes são ilustradores da própria história. De falados pelo Outro da lei, pelo campo social, a sujeitos que se apropriam da fala, podendo apresentar uma versão peculiar.

O manejo de cada aplicador é determinante. Trata-se de manter uma posição investigativa, que se abre para o novo. Forma de se responsabilizar por recolher o que, do acaso, pode emergir numa conversa.

Nas narrativas, os adolescentes não se restringiram ao relato do ato infracional, dizendo também sobre como estavam se virando para viver. Falavam do tempo presente, de sua posição subjetiva e de seus impasses. Palavras emolduraram cenas, que serviram para a construção de narrativas.

Quadros. E do que mais é feito a vida? Movimentos.

Reflexos, furos, estilhaços: plano em detalhe e plano em perspectiva

Recolher das histórias matéria para a construção de pequenas “vinhetas”, bricolagem de comentários breves e salteados, na tentativa de circunscrever algumas indagações. Os estilhaços atingem, isso é certo. O que ilustram as narrativas dos encontros entre os aplicadores de QUADROS e os adolescentes em conflito com a lei? Como recolher, daí, questões paradigmáticas da adolescência contemporânea e sua dor de existir?

Disponer os quadros, uma galeria. Quadro também é palavra usada para definir a situação específica de uma pessoa ou coisa em relação à vida, à clínica, à justiça. A língua permite que seja assim. Falamos, então, do “quadro difícil da economia”, “do quadro grave de um doente”, “do quadro lastimável...”. Assim, o quadro, no contexto das narrativas, adquire outro significado: não mais desenhos, mas acontecimentos de palavras, não sem corpos – a conversa e seus impactos.

Lacan (1998), em uma das suas interlocuções com a Criminologia, afirma que “nem o crime nem o criminoso são objetos que se possam conceber fora de sua referência sociológica”. Adverte, com sua con-

cepção sociológica da lei e do delito, que cada sistema de justiça constrói um tipo de infrator.

A prática de atos infracionais, bem como o envolvimento com a criminalidade, pode estar relacionada a uma série de embaraços que se solidificam na adolescência. Percebe-se, na leitura das narrativas, versões que demonstram passagens das cenas típicas do circuito da violência e das formas com que os jovens se colocam em risco, que apontam para um mesmo roteiro, mas também apresentam as invenções construídas por cada um, à sua maneira, como forma inédita para lidar com isso.

Alexandre escolhe começar pelo “fim de tudo”. É ele quem inaugura as ‘Narrativas’. Relata com dramaticidade a cena de sua “quase morte” e o momento em que escapa, literalmente, “rolando no meio do mato”. Ele era mesmo do “movimento”, do tráfico e da presença de muitas mortes, do mato e do morro. O escuro que ajuda sua fuga, a decisão por viver, é o mesmo que se faz presente em seu medo de morrer e no tempo em que não enxergava nada. Como muitos adolescentes, está ameaçado de morte. Em sua questão subjetiva, diz do pensamento na mãe e de seu sofrimento como aspectos decisivos para querer esca-

par da morte, mas é por encontrar refúgio no pai que sobrevive. “Porque tem mais coisas na vida que valem mais a pena”, repete, e diz da sua prisão, estado de sítio, exílio. Sobra um resto de vida, longo, talvez, se ele conseguir começar de outro ponto, começar do fim. Sustentar os giros que deu e as marcas impressas em seu corpo para construir as coisas que a vida tem a mais, e que ele insiste em dizer que “valem a pena”, em outro lugar. Faz-se imprescindível criar uma “fixação”, ficção que nos fixe em algum ponto, causa ou lugar, para não seguirmos errantes, à mercê de uma satisfação desvairada.

Já Nilson nunca teve pai, e sofreu do abandono “suave”, pois lento e não menos cruel, da mãe. Aos 10 anos – e ele escolheu começar daí – um acontecimento bruto, seu fragmento de dor de uma cena familiar, deixa lastro: perde o respeito pelo avô após ter apanhado de “soco com a mão”. Briga de tirar sangue. Se a saída de alguns é não lembrar, a dele é não esquecer. O episódio tem início quando Nilson chama de “porquinha” uma prima que não queria tomar banho. A questão do respeito vai permear todo o seu percurso.

Chama atenção, em seu caso, a brutalidade dos acontecimentos e o fato de Nilson nomear os lugares, palcos dessas vivências,

de “suaves”. É o relato mais contundente das cenas das prisões. Um ensinamento dele, o “proceder do ladrão” – “falar menos e ouvir mais, (...), ter jeito de bandido, fazer os outros te respeitarem”- demonstra, além dos códigos da violência prisional e a entrada dessa linguagem, o fato de que os adolescentes têm razões inúmeras para dizerem da existência de uma escola do crime, processo “socioeducativo” inerente ao encarceramento. No caso de Nilson, o “chuveiro da cela” desencadeia um episódio violento contra um colega: ele bate, humilha, e, claro, dá um “soco na cara” que derruba o moço. Repetições pelo avesso. Cenas toscas seguem entre truculências policiais, tumultos, transferências que iniciam e reiniciam os circuitos, e o encontro com o desrespeito que se faz notar nos rituais de chegada, entre os colegas de cela e na recepção da psicologia. Um curioso ritual, nomeado por eles de “destaca”, merece ser comentado: se alguém se me-xesse, podia receber uma ordem para se “destacar”, o que significava ter que se encostar na parede e levar “porrada” dos funcionários. A prisão é, assim, um lugar onde ninguém pode se destacar, império da desumanização massificada.

Nilson vai se inventando no percurso. Ele se destaca aos poucos, para se fazer res-

peitar, não sem se servir de pequenas migalhas – a dica dada por um agente, por exemplo, sobre como agir para não se dar mal. São pequenos índices, mas que vão apontando para ele a possibilidade de confiar em alguns. E esta é a via aberta de uma saída.

O desenrolar da aplicação é, se não “suave”, ao menos fortemente marcado por uma espécie de doçura. Inusitado e de assombroso encanto é o seu relato sobre como havia “aprendido o crime”. Trabalhava em um lava-jato aos 12 anos (parece que a limpeza é uma questão para Nilson). De uma amizade, apoio e regulador crucial para ele, deriva uma parceria na prática de assaltos. O primeiro rende um MC Lanche Feliz! O último foi a uma doceria. Os objetos de consumo em um emaranhado de tramas.

Responde aos convites iniciais dizendo não ter “apetite pra roubar”, mas roubar parece ter despertado um apetite. Muitos e muitos chocolates. Aqui, embora a leitura das Narrativas produza mais deleites, importa chamar atenção para seu apetite por se fazer respeitar. Para a namorada, Diamante Negro e Prestígio – e um dizer orgulhoso. Para irmã, nada de bala, mas “doces e chocolates no recreio”. Genuína e bela a sua forma de equacionar a questão de ser um homem de respeito: conquistar

uma mulher, ter talento para desenvolver um ofício, liderar, prover a família.

O relato de Nilson serve, entre outras coisas, para ilustrar que certos cumprimentos de medida podem causar mais danos do que a prática de atos infracionais.

Em um quadro seguinte, um título como não houve outro: *Minha vida foi construída a cada minuto*. Experimentamos alguns desses minutos ao lado do sedutor Hugo. Ele conjuga o amor e o saber, e sabe dizer que “é por que é” quando é preciso ser exato para uma mulher. Ele diz que “(...) a vida tem tudo para ser uma merda, são feios, são pobres de doer, moram no mangue, vivem alagados, mas são felizes”. Do seu tempo da FEBEM, diz não saber de onde tirou força para não enlouquecer, mas fornece algumas pistas.

Na solução de Ivan, por sua vez, o uso abusivo de drogas tem relevo. Encontra-se entrincheirado, no “mais forte que eu”, via-se “fazendo coisas que sempre achou deslegantes”. Em sua história, o marco trágico de um legado materno: vive em um abrigo desde que a mãe, como ele interpreta, morreu de culpa e depressão, em função da morte prematura da irmã que nasceu com AIDS. Seu pai tem o vírus e mais quinze filhos. Ivan sabe que tem um filho que nas-

ceu de uma “história bem pornográfica”. Finaliza a aplicação escolhendo o quadro em branco, “liberdade”, pois pode “fazer o que quiser com ele”. Elege um título para a narrativa: *Eu*. É onde se instala um lugar de impasse que podemos mencionar a liberdade. Um ponto, mínimo que seja, para que Ivan possa percorrer sua travessia das aparências, crucial manobra na adolescência.

Habitamos um mundo, num tempo onde, se por um lado a dificuldade instalada nos laços sociais é aterradora, por outro, são múltiplas as soluções possíveis, as invenções de um modo de fazer com a vida.

Janaina quer chegar aos 19. Larissa não quer envelhecer.

Wesley diz uma frase sobre o pai: “Meu pai é um homem honesto, mas é desandado, porque é sem futuro”. Essa relação é nodal em seu trajeto – diz de um pai degradado em sua imagem e função, “gordão e tem hérnia”. Vigia noturno da madrugada. Um pai que “passou dos limites”. O que é um pai, quais são seus limites? O declínio da paternidade, equação do mundo contemporâneo, não é sem conseqüências na produção dos sintomas atuais. Um pai tem função de transmitir certo ‘saber fazer’ com o mundo, dar provas de como negocia com a vida sua questão de ser sexuado, e com isso demonstrar que

é digno de amor e respeito. Wesley lembra das caminhadas que fazia com o pai de madrugada. Ele tem uma filha, e apesar de não conviver com ela, quando pensa na maldade, lembra que não quer que ela cresça vendo um pai cheio de maldade.

Uma particularidade destacada nas narrativas é a intromissão de pequenos fragmentos decisivos, acontecimentos contingentes, atos que ultrapassam e escapam ao sujeito, instaurando, para alguns, uma série sem fim e, para outros, uma ruptura com a prática infracional. No caso de Ratinho, tais fragmentos promovem uma devastação. Ele diz não se reconhecer, “morri e tô tentando nascer de novo”. O menino, que tanto surpreende a mediadora, deixa no ar um enigma. Os meandros da vida que se organiza no campo da guerra particular instalada entre os jovens, provocada pelos encontros traumáticos com um mundo sem horizontes, são bem ilustrados nesse quadro, embora ele nunca tenha traficado. A vertente da identificação “petrificada” que alguns adolescentes sustentam pode ser percebida quando sofre um processo de desmontagem. Mandante de muitos assaltos, “chefe da galera”, Ratinho vê sua vida transformada por uma espécie de intriga acusatória, injusta. As marcas das acusações são drásticas, pois lhe

roubaram um lugar: era procurado por muitos que precisavam de ajuda, era mandante e, a partir das acusações, perde esse lugar. Ninguém mais acredita nele, como também não acreditam que ele não tenha praticado o crime pelo qual fora acusado. Completamente desalojado do seu campo social, ele se torna vítima de várias formas de exclusão: perde empregos, não consegue circular, deprime. Deixa de ser o que era e, com isto, perde seu valor na família, que reconhecia nele traços relevantes.

Curiosamente, esse sujeito que sofre uma injustiça apresenta-se como um inocente culpado, uma vez que não ter praticado o crime não o livra de ser solapado por uma culpa cruel. A saída pela religião é eficaz para Ratinho, que parece obedecer a essas regras como obedecia às do crime. Habita nele também outro estereótipo, do qual não consegue escapar: está sempre sendo expulso ou fugindo dos outros e de si mesmo, como um rato.

O encontro desse jovem com a mediadora provoca um movimento inédito. Por encontrar um crédito à sua fala, Ratinho esboça uma demanda. A dúvida sobre fazer ou não terapia diz, de mais relevante, que algo foi tocado durante a aplicação, apontando, para esse adolescente, que é possível

beneficiar-se da dúvida! A dúvida é um benefício se, ao percorrê-la, podemos interrogar o desejo, que margeia as palavras. Ratinho começa a duvidar se deve mesmo sucumbir, desistir de ser. Mais particularmente, indaga se deve se acovardar – como um ratinho. Quer saber se deve enfrentar o buraco de seu vazio.

As narrativas, nesse caso, fazem lembrar que devemos encontrar maneiras de comunicar aos adolescentes o fato de que, para cada ser falante, existe um ponto no mundo onde nem tudo já foi dito antecipadamente. Afirmar a existência de um ponto irreduzível às determinações do campo social e ao “comentário permanente” endereçado a eles sobre o que se é ou sobre um destino do qual não se pode escapar.

A adolescência: fazer um corpo

“Ele é grande, tem ombro de ossos largos, anda um pouco curvo: isso passa, é o peso da adolescência. (...) Ele dormirá bem com uma mulher. Se não se enrolar demais nos largos e fundos meandros e suas pesadas hesitações. Ele é calado, não sabe ainda o que se costuma falar e então

não diz. (...). É preciso ter paciência com ele. (...) Tanta paciência. Porque ele pode vir a ser esse silencioso desastrado a vida toda, e não passar disso. É um dos tipos de adolescência mais perigosos: aquele que muito cedo já é um homem um pouco curvo, e também já nele se sente a grandeza sem palavras”.

Clarice Lispector, Um adolescente: C.J.
in *A descoberta do mundo*

O traço ressaltado por Clarice é bem evidente em Gil: o fiapo de conversa faz audível seu silêncio. Além da inibição, porém, ele diz da vontade de aprender a lição.

Os adolescentes estão frente a um umbral que convoca a uma travessia. Setor fronteiro, de decisão, tempo de metamorfose linguageira, impasse com o corpo e com as novas exigências das relações e expectativas sociais.

Na atualidade, as palavras e suas inscrições têm uma forma peculiar de expressão. O adolescente sente-se “inapreensível para os outros e para si mesmo”, e inscreve sua experiência, freqüentemente indizível, na ambivalência, nos atos violentos, na provocação (Lacadée, 2007).

A adolescência é uma resposta, um sintoma estabelecido em decorrência da puberdade que irrompe, estabelecendo um momento lógico. Fracassam as velhas fórmulas, a palheta de palavras desbota e o apelo ao outro não atende mais. Freud (1905) constrói uma frase para ilustrar o que estaria em jogo nessa passagem: “É como a travessia de um túnel perfurado desde ambas as extremidades”.

Muitos atravessam momentos turbulentos, mas chegam ao final do túnel sem grandes acidentes. Outros tantos, cada vez mais numerosos, não hesitam em se lançar em movimentos arriscados, de “afrontar o mundo para se desembaraçar do mal de viver e colocar os limites necessários ao desdobramento de suas existências”. (LACADÉE, 2007). Mas, afinal, essas são maneiras de consistir o corpo, afugentar a sensação de inconsistência, de não ser nada para o outro, de nada significar no campo social - são “tentativas de existir, mais que de morrer”.

Num mundo sem sustentação dos ideais, onde se mesclam a nostalgia do que se foi e as incertezas quanto ao que virá, momentos delicados instalam-se. Tentativas sem futuro, de efêmera fragilidade, mas também o aparecimento das vocações ardentes, compromissos entusiasmados e

sem reservas. Das paixões, descobertas e obras que marcam não só os sujeitos, mas deixam legados preciosos à civilização. A adolescência traz como baliza a ruptura com uma lei! Em conflito com a lei estão todos os que não obedecem cegamente a um traçado pré-estabelecido e podem acreditar numa construção.

Do que se vê e faz falar: o que não se cala

O bem-sucedido de uma ação mede-se por seus efeitos. O método QUADROS remove, do contexto dos encontros, a conversação. Em minha leitura, dá provas de ser um “jeito de fazer” que não deixa passar ilesos os traços da presença de uma medida e dos arranjos dos adolescentes, fato que, por si, justifica sua transmissão.

Finalizo esta interlocução com QUADROS ressaltando a importância de não se contentar com fórmulas prontas, soluções universais, que servem para todos. É preciso, frente à luta armada que se constrói, seja na cena pública ou no enquadre deliciosamente particular, interessar-se pelo destino que cada um pode dar ao medo, resto, ódio, abandono, ao amor e à letra.

Por fim, escolho um dos quadros. Trata-se da tela em branco. Para dizer de minha aposta de que cada um, e muitos, possam aí “colocar algo de seu”. Essa escolha busca, também, ver refletido o desejo de que cada projeto sócio-educativo saiba escrever, não sem alegria, a construção cotidiana e árdua que devemos fazer persistir.

São esses os pontos de contribuição que endereço a um método que conseguiu, de fato, romper, espatifar, o discurso endure-

cido e esvaziado presente tanto na fala de alguns adolescentes, entrincheirados em um circuito mortificado e violento da segregação, quanto na sustentação de alguns projetos e processos de avaliação.

Uma conversa vivificada, mesmo quando no silêncio opaco de Gil, é apresentada nas narrativas de jovens em conflito com a lei. Para eles, tiveram um lugar: *O lá daqui*. Para nós, seqüelas. Imprescindível o olhar da cidade sobre o nosso percurso.

Cristiane Barreto

Psicanalista, membro da Seção Minas Gerais da Escola Brasileira de Psicanálise. Supervisora Clínica da Rede de Saúde Mental da Prefeitura de Belo Horizonte e do CAPS – Infantil de Contagem – MG. Coordenadora técnica do Programa de Proteção a Criança e Adolescentes Ameaçados de Morte de Minas Gerais. Coordenadora do Programa Liberdade Assistida de Belo Horizonte, de 1998 a 2006.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). Rio de Janeiro: Imago, 1969 (Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

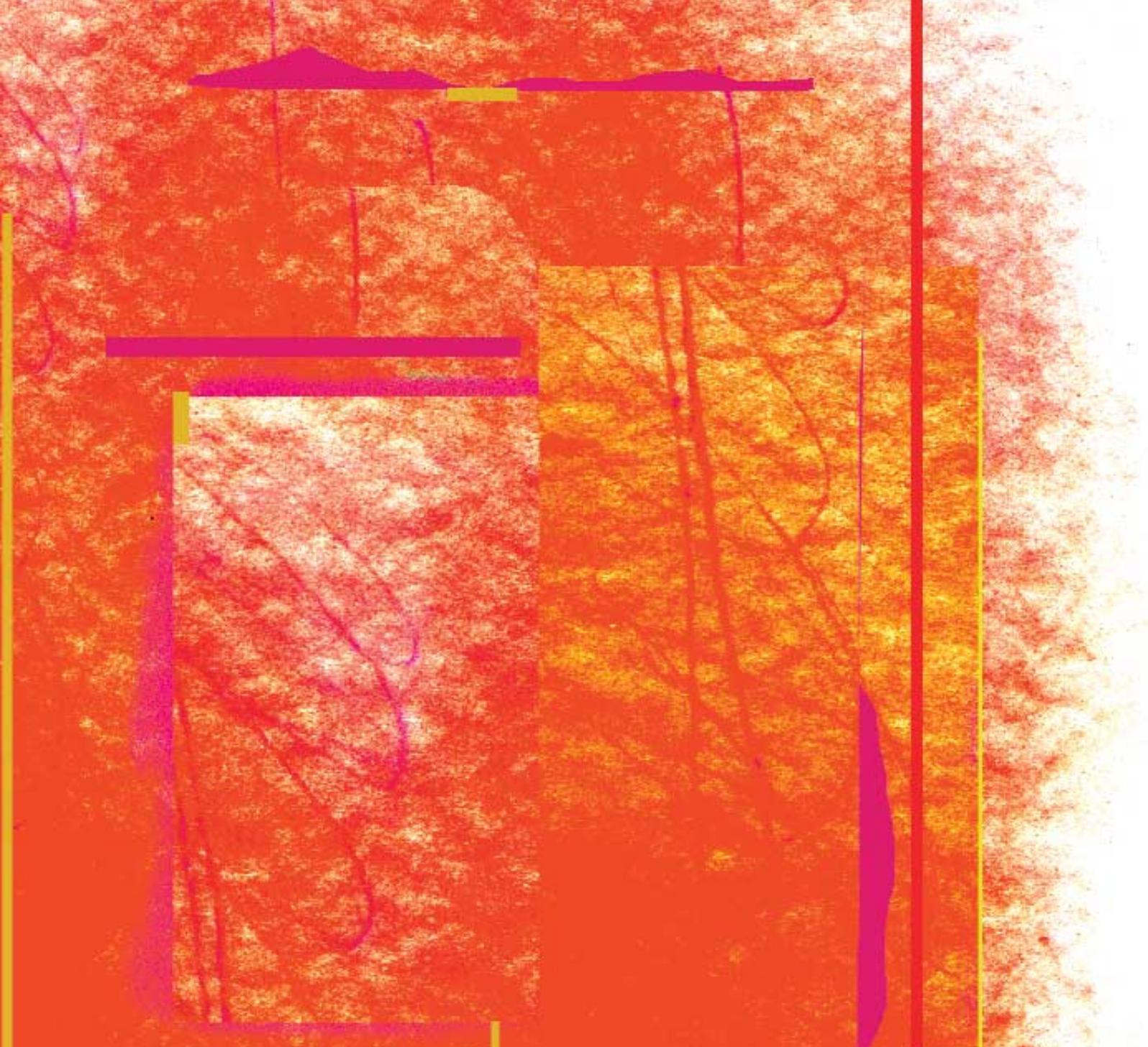
LACADÉE, Philippe. *O risco da adolescência*, publicado no Caderno Pensar do Jornal Estado de Minas do dia 16 de junho de 2007.

LACAN, Jacques. *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia* (1950). In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, editor. 1998.

NOMINÉ, Bernard. *A adolescência ou a queda do anjo*. In: Revista Marraio, número 1, Rio de Janeiro: formações Clínicas do Campo Lacaniano, 2001, p.35-44.

OLIVEIRA, Carmem. *Subsídios para construção de uma prática qualificada dos psicólogos no atendimento aos adolescentes em privação de liberdade*. In: Relatório do Seminário Nacional: A atuação dos psicólogos junto aos adolescentes privados de liberdade, Brasília-DF: Conselho Federal de Psicologia, 2006, p. 86-110.

Os números: situação atual de jovens que cumpriram medida socioeducativas em meio aberto



Novas vozes, outros olhares: o adolescente na equipe de avaliação

A avaliação participativa de projetos e programas sociais faz parte da matriz ideológica do Instituto Fonte e tem como foco o desenvolvimento dos sujeitos nela envolvidos. Sustentar uma abordagem desta natureza é tarefa desafiadora, pela densa demanda que exige de articulações políticas, de dedicação de tempo e de investimentos financeiros. Por outro lado, assumir a participação em uma avaliação é reconhecer que esse processo é também transformador de sujeitos e comunidades, caracterizando-se como uma intervenção social.

O cenário da avaliação do Programa Pró-Menino: Jovens em Conflito com a Lei era composto por quatro organizações (três da sociedade civil e uma governamental¹), sediadas em quatro municípios do Estado de São Paulo (Campinas, Guarujá, Gua-

arulhos e Jandira), todas financiadas pela Fundação Telefônica em 2005. Desde o princípio, a construção das perguntas de avaliação, com seus critérios e indicadores, deu-se a partir das necessidades e desejos da cada um desses atores sociais.

A partir desses diálogos, o foco da avaliação foi definido pela necessidade de conhecer a situação social e econômica (em 2007) dos adolescentes e jovens que cumpriram MSE-MA no ano de 2005, ou seja, dois anos depois da medida. Com esta intenção, que resultava em um universo de 1398 adolescentes dispersos por bairros periféricos dos quatro municípios, oito eixos de investigação passaram a orientar a avaliação: perfil, situação familiar, escola, trabalho, saúde, moradia, violência e inclusão digital.

Nesse cenário, mais uma vez se apresentava o desafio de romper a limitação que

¹ COMEC, AJAES, Projeto Gaia, Seção de MSE da PM Guarujá

as avaliações de natureza participativa encontram para incorporar os públicos beneficiados pelas intervenções sociais nas esferas de discussão de deliberação sobre a própria avaliação, que trará conseqüências sobre o projeto e conseqüentemente sobre o desenvolvimento de suas vidas. E como “a vida nos é imposta e temos a obrigação de sua conservação e desenvolvimento, o viver transforma-se em uma exigência ética: o dever viver” (Dussel, 2002: 141). Ao lidar com projetos que influem na vida humana, a avaliação atua no campo da ética por excelência. Reconhece-se que o sujeito excluído está, em algum grau, privado de suas necessidades materiais, ou simbólicas e, fundamentalmente, encontra-se alheio à participação na esfera discursiva que define as normas, as regras, os condicionantes institucionais que regem o sistema onde ele/ ela se insere. É sujeito não-argumentante, excluído da comunidade discursiva (Brandão, 2007). Assim reclama-se uma nova configuração ética onde esse sujeito, o outro, seja reconhecido e alcance inserção nos círculos deliberativos de aspectos que tocarão diretamente o seu desenvolvimento humano.

Associada ao desafio ético, estava uma questão de natureza técnica determinante para a qualidade dos resultados do traba-

lho. A avaliação exigia o encontro do público (adolescente com histórico de criminalidade) com um entrevistador, que lhe faria um conjunto expressivo de perguntas acerca de temas sensíveis. Tinha-se como hipótese que um entrevistador distante do universo do adolescente poderia reforçar a tendência a respostas que se esquivassem da verdade, para não expor o próprio respondente a uma situação delicada (como assumir que cometeu um novo crime após cumprir a MSE-MA). Ou seja, a diferença de mundos entre entrevistador e entrevistado poderia significar respostas desviantes e, por isso, fragilizar os dados alcançados.

A fim de lidar com essas questões na avaliação do Pró-Menino, a escolha foi incorporar adolescentes e jovens nos espaços de tomada de decisão e de operacionalização da avaliação, o que lhes permitiria influenciar um programa que lhes toca diretamente a vida. Esses sujeitos, marcados pela exclusão social e estigmatizados por seu envolvimento com a criminalidade, representavam a possibilidade de que a avaliação produzisse espaços de conversa e aprendizagem para os adolescentes e com isso permitisse que influenciassem os caminhos e escolhas a serem feitas no escopo do Programa Pró-Menino.

Ao mesmo tempo, no encontro entrevistador-entrevistado havia a possibilidade de construir uma relação quase-horizontal entre os universos culturais de ambos. Fortemente marcada por uma linguagem compartilhada e por histórias potencialmente articuladas em cumplicidade, o diálogo presente na entrevista permitia a produção de memórias, informações e sentimentos, com uma autenticidade pouco provável de outra maneira. Essa proposta trazia em si outra premissa: criar condições novas de trabalho para esses adolescentes e assim disputar menino a menino (Soares, Bill, Athaide, 2005) com a criminalidade. Portanto a experiência deveria ser balizadora, para o adolescente, da dinâmica do mercado de trabalho, ao mesmo tempo em que o preparava para enfrentá-lo com maior chance de competitividade.

O papel dos adolescentes-avaliadores

O papel protagonista de adolescentes e jovens beneficiários de projetos sociais em processos de avaliação é um assunto que tem interessado a prática e a literatura recente no campo (Whitmore & McKee,

2001; Walker, 2007; Gong & Wright, 2007; OJRPC, 2006). Atuar significava enfileirar-se com estratégias inovadoras que são pioneiramente desenvolvidas em avaliações realizadas em diferentes partes do globo.

A responsabilidade a ser assumida pelos adolescentes-avaliadores estava na condução da entrevistas, a serem orientadas por questionários fechados. De antemão, era clara a necessidade de estabelecer um rigoroso processo de seleção, uma vez que a qualidade da equipe seria um aspecto vital para a validade interna do estudo. Definiu-se que esse seria composto por quatro etapas: indicação de nomes pelos educadores das organizações parceiras, a partir de perfil sugerido pelo Instituto Fonte; envio de currículo pelos nomes indicados; entrevistas individuais com os candidatos e aplicação de testes simples de seleção de recursos humanos (o que foi feito com a orientação de uma empresa especializada no tema). Cabe observar que todo o procedimento foi realizado com forte preocupação pedagógica, pois se caracterizava como o marco inicial de inserção no mercado de trabalho. Foram realizadas 29 entrevistas para a seleção de 8 adolescentes. Para a equipe de avaliadores o desafio era manter-se distante, tendo como baliza apenas

os critérios de seleção anteriormente planejados. O encontro com as trajetórias de vida que os jovens apresentavam trazia inegavelmente uma inclinação a assumir as condições de exclusão como aspecto de validade para inseri-lo no trabalho e, como isso, dar-lhe outra chance de se relacionar com o mundo.

Os oito adolescentes selecionados para o trabalho foram contratados respeitando-se todas as condições da lei trabalhista, num contrato de vigência de 90 dias, remuneração líquida de aproximadamente 1,15 salário-mínimo por mês para carga semanal de 30 horas, levando em conta suas necessidades de se dedicarem à escola. Receberam também apoio para transporte, refeição e seguro de vida.

Esses adolescentes seriam acompanhados, em cada município, por um monitor que carregava dupla atribuição: exercer o papel do controle do trabalho (horários, comportamento, realização das tarefas e outros), e ao mesmo tempo em que atuavam como educadores (problematizar, convidar para reflexões, aprender a partir das experiências vividas).

Por ser essa a primeira experiência de trabalho desta natureza, os adolescentes-avaliadores exigiam adequado processo de

formação, o qual foi articulado por meio de três encontros presenciais. Inicialmente foi realizado um seminário de três dias de duração, para apresentar toda a proposta de trabalho, discutir as atribuições da equipe e exercitar a aplicação do questionário. Cabe observar que o próprio questionário sofreu grandes mudanças ao longo desse encontro, em função das sugestões de ajustes que os adolescentes-avaliadores fizeram, notadamente no que tocava à linguagem utilizada. Nesse momento, um pré-teste foi realizado com jovens de uma comunidade próxima, que viviam situação de exclusão social próxima àqueles que pretendíamos entrevistar. O segundo encontro, uma reunião de um dia de duração, foi realizado após o final da primeira fase de coleta de dados, descrita adiante, com o objetivo de avaliar o trabalho e aprender com a experiência. Ao final do trabalho, após três meses de atividades, um novo seminário foi realizado para sistematizar as aprendizagens e preparar o co-avaliador para o final de seu trabalho. Informalmente era realizado um processo de aprendizagem cotidiana, marcado pelas experiências da equipe no dia a dia do trabalho, tendo como instância de mediação os monitores da avaliação.

A coleta de informações

Alcançar um conjunto expressivo de adolescentes e jovens dentro do universo disponível para essa avaliação apresentava-se como enorme desafio. A qualidade das informações das listas fornecidas (telefones e endereços residenciais) pelas organizações e Fundação CASA² era muito precária. Para realizar os convites, utilizaram-se prioritariamente chamadas telefônicas. Entretanto foi também necessário lançar mão de telegramas e cartas. Tentou-se contato com todos os nomes da lista, mas só foi possível alcançar alguns dos adolescentes e jovens, quadro esse que configurou a natureza da amostra.

O momento dos convites já se mostrou uma etapa importante para a coleta de informações gerais sobre a situação do público que buscávamos investigar. Por meio desses contatos iniciais, foi levantada a situação de vida de 133 adolescentes e jovens que estavam impedidos de participar da avaliação por estarem presos (78%), mortos (13,5%), desaparecidos ou ameaçados de morte (8,3%). Aprofundar o trabalho e levar a pesquisa para os adolescentes presos era um aspecto inviável, no contexto deste trabalho. As demandas judiciais, organizacionais, logísticas, financeiras e temporais impediram avançar nessa

direção. Com isso, o recorte ficou restrito aos jovens que se encontravam em liberdade. Questões para o público encarcerado podem ser matéria prima para outros estudos.

A aplicação dos questionários deu-se em duas fases. Na primeira, os mesmos foram aplicados na organização onde o jovem cumpriu a MSE-MA. Com isso, era possível concentrar esforços em um único local e garantir maior controle sobre a ação dos adolescentes-avaliadores. Os jovens eram estimulados a participar da avaliação ao receberem recursos para pagar suas despesas com transporte para o local da aplicação dos questionários, ao mesmo tempo em que receberiam um brinde.

A segunda fase foi marcada pela busca dos jovens nos locais onde estes residiam (“entrada nas comunidades”)³. Ampliar a coleta de informação para essa nova etapa, que significava um maior risco de segurança física para a equipe, era importante pela necessidade de se aumentar o tamanho da amostra (na primeira fase, foram aplicados 176 questionários que representa 71% do total), buscando assim uma boa base para análise dos dados e, conseqüentemente, respaldando suas significâncias, ao mesmo tempo em que formulávamos a concepção de que o jovem que iria até a organização na

² As listagens são confidenciais e a autorização de seu uso foi feita ante consulta aos juizes das comarcas locais assumindo-se compromissos de se preservar o sigilo dos dados.

³ O texto *O lá daqui* apresentado no capítulo 1 traz uma crônica sobre essa experiência.

primeira fase tenderia a demonstrar uma relação de maior vínculo com esse espaço. Neste cenário, outros jovens, mais distantes dessas instituições e, talvez por isso, mais próximos de uma radicalidade em sua situação de risco social, tenderiam a não se apresentar. Assim corríamos o risco de “contaminar” a amostra, marginalizando os excluídos entre os excluídos. Durante essa fase, foram aplicados 73 questionários (29% do total) em ambientes diversos: na casa de jovens, acompanhados de amigos ou familiares, ou mesmo dentro de pontos de venda de drogas. Infelizmente não é possível afirmar a ocorrência dessa hipótese, pois a carga de trabalho, no decorrer da avaliação, impediu a realização de estudos comparativos entre as duas fases de coleta de informações.

Encerrada a coleta de informações no campo os dados, os adolescentes-avaliadores dedicaram-se a preencher o banco de dados para as análises estatísticas. O período de análise foi particularmente desafiador, pois caracterizou um momento onde o trabalho era terceirizado (uma consultora de estatística tinha a responsabilidade pelas análises), o que gerou uma falta de atividades no cotidiano do grupo. Buscou-se contornar o marasmo sugerindo-lhes a elaboração de relatórios (e mais uma vez o estímulo

à escrita), estudos sobre ECA ou outras temáticas que depois lhes dariam maior base para discutir os resultados. Essas propostas, entretanto, tiveram pouca repercussão entre os jovens. Buscou-se discutir com eles e elas alternativas, mas nada de profícuo foi alcançado. Era claro que o trabalho dinâmico de aplicar questionários os estimulava, enquanto a leitura, as reflexões tinham pouca reverberação no grupo.

Os dados, uma vez analisados, foram enviados às equipes de todos os municípios para que cada uma os trabalhasse e preparasse apresentações para as equipes de educadores das organizações locais. Esse passo era parte fundamental que visava prepará-los para os debates a serem realizados acerca dos resultados. Por razões diversas, entretanto, só foi possível realizar as apresentações em Campinas e Guarulhos. A autonomia dos adolescentes-avaliadores para preparar e implementar essas discussões era absoluta e a coordenação da avaliação contribuía com um ou outro comentário que pudesse dinamizar o debate. Esse foi, sem dúvida, o espaço onde mais se alcançou e com mais vigor (para além do espaço da equipe de avaliação) a construção de uma comunidade discursiva simétrica, que possibilitava a horizontalidade da discussão,

num lugar onde o outro excluído possuía poder de fala (Dussel, 2002). O encontro dos jovens com a Fundação Telefônica foi outro momento de importância semelhante.

Aprendizados

A experiência de trabalhar com a avaliação teve grande significado para os envolvidos. A oportunidade de enfrentar um novo desafio, tendo as condições de trabalho adequadas para tal, dentro de uma estrutura institucional, fazia parte deste significado. Os jovens avaliadores pareciam primariamente mobilizados pela possibilidade de terem trabalho e recursos; a equipe do Instituto Fonte tinha como expectativa sua aprendizagem. Diferentes motivações exigiram um constante alinhamento de expectativas, na busca sistemática de compreensão de ambos (coordenação e jovens avaliadores) para que os resultados do trabalho atendessem adequadamente a todos.

Nesse sentido, a construção de uma disponibilidade crítica para o debate foi um desafio intenso da equipe de coordenação, atendido parcialmente ao final do projeto. No fundo, tem-se a percepção de que as expectativas em relação à essa participação eram

demasiadas para a situação e o perfil da equipe de trabalho. De toda maneira, é notável o impacto que tal iniciativa teve sobre a vida desses jovens. A auto-estima foi alavancada, projetos de vida foram esboçados, a relação com as educadoras das organizações de atendimento amadureceu e até mesmo avanços em relações familiares foram observados.

A horizontalidade da conversa entre jovens-avaliadores entrevistados parece ter surtido efeitos. Um bom é a presença de dados delicados em níveis consistentes e até preocupantes, tal como o índice de jovens que assumiram ter cometido uma nova infração após cumpriram a MSE-ME (n=70; 28,1%). Evidentemente a comprovação de que os jovens-avaliadores acessaram informações mais precisas pela relação de proximidade que rapidamente estabeleciam só poderá ser realizada por meio de um estudo comparativo, com entrevistados de outra esfera cultural.

Sem dúvida o caminho adotado tornou a operacionalização da avaliação mais complexa e exigiu a constante reflexão estratégica sobre os caminhos a seguir. Seus resultados no campo da avaliação e no desenvolvimento dos jovens-avaliadores envolvidos sugerem que esse caminho é importante e necessário.

Resultados

Universo da avaliação

O foco desta avaliação está voltado para jovens¹ que cumpriram medidas socioeducativas em meio aberto durante o ano de 2005, em organizações não governamentais e governamentais apoiadas pela Fundação Telefônica, localizadas nas cidades de Campinas, Guarulhos, Guarujá e Jandira. O município de Jandira foi excluído deste trabalho, em função do baixo número de questionários lá aplicados (n=9), o que impedia qualquer análise consistente dos dados.

As listas de contatos do público desta avaliação, considerando-se os três municípios que permaneceram neste estudo, revelavam um universo de 1398 jovens, sendo 451 em Campinas, 603 em Guarulhos e 344 no Guarujá. A distribuição dos questionários (QT) aplicados em relação à listagem inicial é apresentada na tabela 1.

Os questionários foram aplicados em 249 jovens de medida socioeducativa em meio aberto, entretanto esta avaliação levantou informações sobre um grupo que abarca 382 jovens. Estas foram fornecidas por telefone, no momento em que eram feitos os convites para a participação na avaliação, ou presencialmente, por meio de mães que, ao receberem os telegramas endereçados aos filhos, apresentavam-se às organizações para informar sobre a situação do familiar. Esses 133 jovens sobre os quais recebemos algum tipo de informação não responderam aos questionários, mas se tornou possível uma tabulação geral sobre a situação em que se encontram, o que é apresentado na tabela 2. Observa-se que, ao considerarmos este grupo de 382 jovens, temos que 34,8% encontram-se em alguma situação de opressão pela violência.

¹ Esse texto adota a terminologia “jovem” para designar o público deste trabalho, uma vez que a faixa etária da população está entre 14 a 22 anos (tabela 4).

Tabela 1
Universo de jovens e tamanho da amostra

MUNICÍPIO	TOTAL DE EGRESSOS	QUESTIONÁRIOS APLICADOS	%
Campinas	451	90	20,0%
Guarulhos	603	68	11,3%
Guarujá	344	91	26,5%
N. Total	1398	249	17,8%

Tabela 2
Universo ampliado da pesquisa

DADOS	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	N	%
Questionários aplicados	90	68	91	249	65,2%
Egresso preso	45	25	34	104	27,2%
Egresso morto	10	3	5	18	4,7%
Egresso foragido ou sumido	3	3	3	9	2,4%
Egresso ameaçado de morte*	1	0	1	2	0,5%
N. Total	149	99	134	382	100%

* Neste caso, o jovem não podia sair de sua casa para responder à pesquisa.

Cabe ressaltar que é necessário cuidado ao observar os dados sobre os jovens presos, pois não existem informações precisas sobre as condições da “prisão”, uma vez que não é possível diferenciar se eles estão em unidades de internação da Fundação Casa ou em outras Unidades Penitenciárias, cumprindo pena de privação de liberdade, ou se estão detidos aguardando investigação ou julgamento.

A avaliação tinha como recorte temporal o ano de 2005, sendo que era a

esse período a que as listas recebidas das organizações e da FCASA, em tese, se referiam. Entretanto, os dados revelaram que, na percepção dos jovens entrevistados, as medidas socioeducativas em meio aberto foram cumpridas em 2004 (32,9%), 2005 (38,6%) e até 2006 (28,5%). A distribuição desses anos é razoavelmente simétrica. Considera-se que o período determinado para a pesquisa possibilitou acesso a jovens que iniciaram as medidas no final de 2004 (realizando-as integralmente no ano seguinte); no final de 2005 ou mesmo e no início de 2006.

Perfil dos Jovens

Os jovens são, majoritariamente, do sexo masculino. Campinas apresenta, entre os três municípios, a maior presença de mulheres na amostra.

Entre os entrevistados, a idade preponderante situa-se entre as faixas 17-18 anos e 19-22 anos, o que nos leva a considerar que os mesmos cumpriram medida socioeducativa com idade aproximada entre 15-17 anos. Em Guarulhos, os adolescentes cumpriram as medidas quando mais novos, em contraponto com Campinas.

Tabela 3
Distribuição dos jovens segundo gênero

GÊNERO	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Feminino	27,80%	4,40%	3,30%	12,40%
Masculino	72,20%	95,60%	96,70%	87,60%
N. Total	90	68	91	249

Tabela 4
Distribuição dos jovens segundo faixa etária

IDADE	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
14 a 16	8,80%	22,00%	6,60%	21,60%
17 e 18	35,60%	61,80%	42,90%	45,40%
19 a 22	55,50%	22,10%	50,60%	42,90%
N. Total	90	68	91	249

No que diz respeito à auto-declaração de cor, os pardos são os mais expressivos, seguidos por brancos e negros. Observa-se que os dados sobre a população que se declara indígena no município do Guarujá são discrepantes em relação aos outros municípios.

A escolaridade dos jovens entrevistados concentra-se entre a 4ª e 8ª série do ensino fundamental, com distribuição simétrica entre os três municípios. Entretanto, observa-se que aqueles completaram a oitava série são 18% em Campinas, 16,7% em

Guarulhos e 20,9% no Guarujá. Em relação ao Ensino Médio, os jovens que já completaram seus estudos são 11,2% em Campinas, 9,1% em Guarulhos e 3,3% no Guarujá

A escolaridade materna concentra-se no ensino fundamental (tabela 7), com distribuição homogênea entre as faixas de 1ª a 4ª série e de 5ª a 8ª série. Guarujá concentra a maior parcela de mães que não estudaram e Campinas é o único município com mães com ensino superior, ainda que o número seja muito pouco expressivo.

Tabela 5
Distribuição dos jovens segundo cor auto-declarada

COR	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Pardo	36,7%	45,6%	41,8%	41,0%
Negro	30,0%	26,5%	16,5%	24,1%
Branco	25,6%	20,6%	22,0%	22,9%
Indígena	1,1%	1,5%	18,7%	7,6%
Amarelo	3,3%	-	1,1%	1,6%
Outras	3,3%	5,9%	-	2,8%
N. Total	90	68	91	249

Tabela 6
Distribuição dos jovens segundo escolaridade

ESCOLARIDADE	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
1a a 4ª série do Ensino Fundamental	9,00%	10,60%	14,30%	11,40%
5a a 8a série do Ensino Fundamental	61,80%	63,60%	67,00%	64,20%
Ensino Médio	29,20%	25,80%	18,70%	24,40%
N. Total	89	66	91	246

Obs: O n total desta tabela é diferente do numero total de jovens. Isso se deve a “dados perdidos”, informações tais como “não lembro” ou “não sei”. Esse mesmo fato irá ocorrer em outras tabelas apresentadas mais adiante.

Tabela 7
Distribuição dos jovens segundo escolaridade materna

ESCOLARIDADE MATERNA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Não estudou	5,70%	5,90%	12,10%	8,10%
1ª - 4a série EF	27,60%	27,90%	28,60%	28,00%
5a - 8a série EF	35,60%	30,90%	29,70%	32,10%
Ensino Médio	8,00%	5,90%	15,40%	10,20%
Ensino Superior	1,10%	-	-	0,40%
Não sabe ou não respondeu	21,80%	29,40%	14,30%	21,10%
N. Total	87	68	91	246

A compreensão do espaço familiar foi elaborada a partir da estruturação de uma tipologia que agrupava as pessoas com quem o jovem vive (mora) atualmente. A presença de pai e mãe foi priorizada nesta classificação, em função de sua significância para a questão, bem como de sua marcada presença nas respostas. A tabela 8 apre-

senta os resultados desta análise, em que se observa a predominância de adolescentes que vivem apenas com a mãe.

Os jovens que afirmaram ter filhos perfazem 21,7% do total. Campinas apresenta maior presença de jovens pais e mães, quando comparada aos demais municípios.

Tabela 8
Distribuição dos jovens segundo a organização tipológica dos familiares com quem mora

TIPOLOGIA (COM QUEM O JOVEM MORA)	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Vive apenas com a mãe	32,2%	32,4%	37,4%	34,1%
Vive com pai e mãe	23,3%	35,3%	31,9%	29,7%
Não vive com cônjuge, nem com os pais	21,1%	11,8%	5,5%	12,9%
Vive com cônjuge e sem os pais	7,8%	5,9%	13,2%	9,2%
Vive com mãe e padrasto	10,0%	5,9%	7,7%	8,0%
Vive apenas com o pai	4,4%	8,8%	3,3%	5,2%
Vive com pai e madrasta	1,1%		1,1%	0,8%
N. Total	90	68	91	249

Tabela 9
Distribuição dos jovens segundo ser pai/mãe

FILHOS	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	27,8%	16,2%	19,8%	21,7%
Não	72,2%	83,8%	80,2%	78,3%
N. Total	90	68	91	249

Medidas socioeducativas em meio aberto e ato infracional

As medidas cumpridas pelos jovens que participaram desta avaliação são prioritariamente de Liberdade Assistida (L.A.), as quais perfazem 77,7% do total. A aplicação da L.A. juntamente com a medida de Prestação de Serviços à Comunidade (PSC) caracteriza a medida denominada “acumulada”. Observa-se que tal prática é mais recorrente no município do Guarujá, em contraponto com Campinas, onde não houve registro desses casos. As organizações de atendimento de Campinas e Guarulhos que participaram deste estudo atuam somente com liberdade assistida, o que justifica a não ocorrência de P.S.C. nesses municípios no âmbito desse estudo.

Medidas acumuladas, entretanto, poderiam estar presentes, uma vez que estas poderiam ter sido cumpridas em outras entidades que não o COMEC ou o GAIA.

As medidas realizadas em meio aberto, em contraponto com medidas de restrição de liberdade (internação), permitem que sejam preservados laços familiares e comunitários, direitos básicos estabelecidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Além dos responsáveis pelo adolescente serem comunicados imediatamente, no caso de apreensão (art. 106, parágrafo único do ECA), os familiares são chamados pelas organizações executoras das medidas a participar e acompanhar os adolescentes em suas atividades. Nesse sentido, foi perguntado aos jovens sobre a participação de familiares na medida, dado apresentado na tabela 11.

Tabela 10
Distribuição dos jovens segundo
natureza da medida cumprida

MEDIDA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
PSC	0,00%	0,00%	5,60%	2,00%
LA	100,00%	95,60%	41,60%	77,70%
PSC e LA	0,00%	4,40%	52,80%	20,20%
N. Total	90	68	89	247

Tabela 11
Distribuição dos jovens pela participação
da família na medida

PARTICIPAÇÃO FAMILIAR	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	73,3%	69,1%	81,3%	75,1%
Não	24,4%	30,9%	18,7%	24,1%
Não lembra	2,2%	-	-	0,8%
N. Total	90	68	91	249

Quadro 1
Distribuição de familiares que
participaram da medida

FAMILIAR	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Mãe	81,8%	97,9%	81,1%	85,6%
Pai	12,1%	8,5%	25,7%	16,6%
Irmão/irmã	13,6%	6,4%	13,5%	11,8%
Madrasta/ Padrasto	-	-	1,4%	0,5%
Tio/Tia	1,5%	-	6,8%	3,2%
Avó/Avô	7,6%	-	5,4%	4,8%
Outros	4,5%	-	2,7%	2,7%

Nota: Resposta múltipla, o percentual total pode ser superior a 100.

O quadro 1 mostra o familiar que costumava participar da medida, em complemento ao dado apresentado na tabela anterior. Há destaque para as mães, seguidas em muita distância pelos pais e, logo em seguida, pelos irmãos. Cabe observar que a percepção de que foi o irmão ou a irmã que participou da medida pode estar associada a uma confusão feita pelo jovem, em que sua irmã ou seu irmão também cumpre medida socioeducativa na mesma organização. Este fato foi observado pelas educadoras das organizações de atendimento, ao tomarem conhecimento dessa informação.

Em Campinas, entretanto, existe um programa que busca incluir os irmãos/irmãs nas atividades, o que faz com que sua participação nas medidas seja, de fato, relevante.

A forte participação das mães levou a um cruzamento de dados: buscava-se conhecer se o grau de escolaridade da mãe influenciava sua participação na medida. A Tabela 12 apresenta esse resultado e nela observamos que tal relação não pôde ser estabelecida. A presença da mãe na medida é uma variável independente de seu grau de escolarização.²

² A variação do percentual na tabela 12 se dá pelo baixo número de mães com escolaridade acima do ensino fundamental. Assim, alerta-se para o cuidado ao observar os dados, como, por exemplo, o de 100% que corresponde a apenas uma mãe.

Tabela 12
Escolaridade materna e participação da mãe na medida

PARTICIPAÇÃO DA MÃE	ESCOLARIDADE DA MÃE						Total
	Não estudou	1 ^a - 4 ^a série E.F.	5 ^a - 8 ^a série E. F.	Ensino Médio	Ensino Superior	Não sabe ou Não respondeu	
Sim	83,3%	83,90%	87,50%	95,50%	100%	78,40%	85,30%
Não	16,70%	16,10%	12,50%	4,50%	0,00%	21,60%	14,70%
Total	100	100	100	100	100	100	100
N. Total	12	56	56	22	1	37	184

Tabela 13
Distribuição dos jovens segundo importância
que atribuíram à participação familiar na medida

GRAU DE IMPORTÂNCIA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Muito importante	81,8%	87,2%	86,5%	85,0%
Pouco importante	4,5%	10,6%	8,1%	7,5%
Não fez diferença	13,6%	2,1%	5,4%	7,5%
N. Total	66	47	74	187

Tabela 14
Distribuição dos jovens segundo percepção da relação
familiar após cumprir a medida

RELAÇÃO COM FAMÍLIA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Melhorou	78,8%	76,6%	63,5%	72,2%
Continuou igual era antes	21,2%	19,1%	35,1%	26,2%
Piorou	-	4,3%	1,4%	1,6%
N. Total	66	47	74	187

A participação familiar no cumprimento da medida é considerada muito importante por 85% dos jovens, sendo que os demais 15% são indiferentes a ela ou a avaliam como pouco importante, como pode ser observado na tabela 13.

A relação com as próprias famílias recebe uma percepção de melhora após o cumprimento da medida, conforma aponta a tabela 14.

Uma situação que ocorre em medidas socioeducativas em meio aberto é a chamada “quebra”, que se refere ao fato do adolescente, por algum motivo, interromper o cumprimento da medida. Observa-se uma frequência de 31% de jovens que “quebraram” a medida, com destaque para a ocorrência desse fato no Guarujá.

Tabela 15
Distribuição dos jovens que
“quebraram” a medida

QUEBROU MEDIDA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	31,10%	22,40%	37,40%	31,00%
Não	68,90%	77,60%	62,60%	69,00%
N. Total	90	67	91	248

Existem duas formas de classificar a “quebra” da medida. Uma diz respeito ao fato do adolescente simplesmente parar de freqüentar a associação que faz seu atendimento, situação em que ele pode ser reencaminhado à medida por ordem judicial; outra forma dá-se durante o cumprimento da medida, quando o adolescente comete um outro ato infracional e, evidentemente, é “pego” nessa ação. A tabela 16 apresenta as formas como as medidas foram quebradas dentro do universo de adolescentes que admitiram ter vivido esse processo. Observa-se que a forma mais recorrente de “quebra” está ligada a parar de freqüentar a

organização, com 68,8% das respostas. Chamam a atenção os dados de Campinas, com incidência mais forte de “quebras” pelo cometimento de outros atos infracionais.

As informações de adolescentes que “quebraram” as medidas socioeducativas em meio aberto foram cruzadas com a participação familiar nessas medidas. Os dados, presentes na tabela 17, mostram que não há relação entre a participação familiar e a quebra de medidas, sendo que, para 31% dos jovens que quebraram as medidas, houve participação familiar e, para 32,2 % de jovens que quebraram a medida, não houve essa participação.

Tabela 16
Distribuição dos jovens segundo a forma como a medida foi “quebrada”

FORMA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Parou de freqüentar a medida	39,30%	86,70%	85,30%	68,80%
Cometeu outro ato infracional	60,70%	13,30%	14,70%	31,20%
N. Total	28	15	34	77

Tabela 17
Relação entre “quebra” de medida e participação familiar

“QUEBROU” A MEDIDA	PARTICIPAÇÃO DA FAMILIA		
	Sim	Não	Total
Sim	31,00%	32,20%	31,00%
Não	69,00%	67,80%	69,00%
N. Total	100	100	100

Os jovens foram questionados se já haviam sido presos. Essa expressão costuma designar a ação da apreensão e internação e foi, inclusive, esse o termo que constou da questão formulada no questionário³. Com isso, buscávamos saber se o adolescente já tinha vivido alguma experiência de contenção física. Entretanto cabe aqui fazer a diferenciação de alguns termos jurídicos. Conforme o art. 172 do ECA, o adolescente apreendido em flagrante será encaminhado à autoridade policial competente, podendo ser liberado mediante a presença de seus responsáveis ou permanecer detido em uma entidade de atendimento (art. 175,

ECA). Nesses casos, ainda não há uma sentença judicial que declare o adolescente como autor de ato infracional. Nesta situação, optou-se por utilizar o termo apreensão na titulação da tabela 18, por se tratar de uma terminologia técnica, uma vez que pode ser também entendida como contenção física do adolescente, sem que tenha havido a sua condenação. Somente quando houver uma sentença do juiz determinando a medida de privação de liberdade, é que o adolescente será encaminhado a uma unidade de internação. A tabela 18 mostra que praticamente 86% dos jovens já tiveram alguma experiência de contenção física.

Tabela 18
Distribuição dos jovens que já foram
apreendidos ou receberam medida de
privação de liberdade (internação)

JÁ FOI PRESO	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	85,60%	82,40%	89,00%	85,90%
Não	14,40%	17,60%	11,00%	14,10%
N. Total	90	68	91	249

³ Questão G8: “Você já foi preso?”

Do universo de jovens que viveram essa experiência (n=214), 39,7% ficaram internados em uma unidade da antiga FEBEM, atual Fundação CASA, 46,7% estiveram na UIP (Unidade de Internação Provisória), 25,7% na UAI (Unidade de Atendimento Inicial)⁴ e 52,3% em delegacias. Há ainda 9,3% que afirmam ter ficado em outro local, o qual pode ser, por exemplo, uma penitenciária onde os adolescentes podem ter permanecido provisoriamente, mesmo não sendo esse o procedimento legal. Observe-se que esta questão era de resposta múltipla, o que dá um percentual total maior do que 100.

Sobre a questão da prisão, foi perguntado aos jovens se tinham, no momento da entrevista, algum familiar preso. A tabela 19 mostra que 34,1% dos jovens tinham um familiar nessa situação. Note-se que o número mais expressivo é o de Campinas. Ao descreverem quais familiares estão presos, os números mais relevantes referem-se a irmãos(as) e primos(as), ambos com 32,9%, seguidos de tios(a) com 23,5% e finalmente pais/mães, com 10,6%. Em Guarulhos, registra-se um índice de pais e mães presos de 33%.

Tabela 19
Distribuição dos jovens com familiares presos

FAMILIAR PRESO	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	42,20%	22,10%	35,20%	34,10%
Não	57,80%	77,90%	64,80%	65,90
N. Total	90	68	91	24

⁴ UAI e UIP são entidades responsáveis por atender os adolescentes antes do processo judicial, ainda em fase investigativa e durante o processo judicial, respectivamente.

Dos jovens que cumpriram medidas socioeducativas em meio aberto, 24,5% presenciaram cenas de violência familiar em sua casa. Observe-se na tabela 20 que, em Guarulhos, esse índice cai para 8,8% e, em Campinas, sobe para 33,3%.

A tabela 21 apresenta os dados sobre jovens que assumiram ter cometido atos infracionais após terem cumprido a medida socioeducativa em meio aberto. Cabe apontar que esta informação não pode ser categorizada como um índice de reincidência, uma vez que só pode ser declarada quando o adolescente praticou novamente o mesmo ato, foi identificado por autoridade policial e sentenciado com nova medida. Considerando-se os três municípios, 28,1% dos jovens assumem ter cometido atos infracionais após a medida,

sendo que este valor sobe em Campinas para 35,6% e se mantém simétrico em Guarulhos e Guarujá, próximo aos 25%.

Os atos infracionais cometidos são apresentados no quadro 2 e concentram-se em roubo (mais expressivo em Campinas), tráfico de drogas (mais expressivo em Guarulhos) e furto. A estes atos, estão associados o porte de drogas e o porte de armas, também assumidos pelos jovens. Cabe observar que o índice de homicídio pode estar associado ao de latrocínio (roubo seguido de morte), uma vez que este último pressupõe o homicídio, ao mesmo tempo os valores entre ambos são próximos, e pode-se também observar que o município de Guarulhos concentra estes crimes e tem valores idênticos entre os dois.

Tabela 20
Distribuição de jovens segundo presença de cenas de violência familiar em casa

OBSERVARAM CENAS DE VIOLÊNCIA EM CASA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	33,3%	8,8%	27,5%	24,5%
Não	66,7%	91,2%	72,5%	75,5%
N. Total	90	68	91	249

Tabela 21
Jovens que cometeram ato(s) infracional(ais) após cumprir a medida

COMETEU ATO INFRACIONAL	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	35,60%	25,00%	23,10%	28,10%
Não	64,40%	75,00%	76,90%	71,90%
N. Total	90	68	91	249

Quadro 2
Distribuição dos jovens segundo ato infracional cometido pelo jovem após cumprir a medida

Ato	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Roubo	89,70%	73,30%	33,30%	67,70%
Tráfico de drogas	58,60%	72,70%	50,00%	58,30%
Furto	43,50%	30,80%	36,80%	38,20%
Porte de drogas	31,80%	25,00%	10,00%	22,20%
Porte de armas	34,80%	9,10%	15,00%	22,20%
Homicídio	4,30%	18,20%	5,00%	7,40%
Sequestro	0,00%	27,30%	0,00%	5,60%
Agressão física	4,30%	9,10%	5,00%	5,60%
Vandalismo	4,30%	18,20%	0,00%	5,60%
Latrocínio	4,30%	18,20%	0,00%	5,60%
Outro	0,00%	0,00%	5,00%	1,90%

Tabela 22
Freqüência com que comete ato infracional para ganhar dinheiro

FREQÜÊNCIA DO ATO INFRACIONAL	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Direto (sempre)	7,80%	2,90%	--	3,60%
De vez em quando	11,10%	17,60%	12,10%	13,30%
Muito raramente	8,90%	4,40%	2,20%	5,20%
Nunca	72,20%	75,00%	85,70%	77,90%
N. Total	90	68	91	249

A pergunta que originou a tabela 21 (jovens que cometeram atos infracionais após cumprir a medida) foi submetida a uma investigação estatística denominada análise de risco⁵, que tem como objetivo conhecer possíveis relações entre esta questão e outras perguntas presentes no questionário. Algumas observações interessantes advieram deste estudo. No escopo desta avaliação, não foi encontrada relação entre o fato de o jovem ter um familiar preso e cometer atos infracionais após a medida; do mesmo modo, a tipologia da organização dos familiares com quem mora (tabela 8)

também não apresentou nenhuma relação com o fato do jovem cometer atos infracionais após a medida. O fato de o jovem estar estudando também não influencia este aspecto. Já os jovens que observaram cenas de violência familiar em sua casa têm 66% a mais de chances de cometer o ato infracional depois da medida (RRR=1,659 com significância estatística de 5%). O fato de o jovem ser de Campinas eleva sua chance de cometer atos infracionais após cumprir a medida em 41% (RRR=1,411 com significância estatística de 5%). Outro aspecto é que os jovens que se auto-declararam dependentes de

⁵ Relative Risk Ratious (RRR).

alguma droga (ver tabela 39) têm 82% mais chances de cometer atos infracionais após a medida (RRR=1,821 com significância estatística de 5%). Por outro lado, observa-se que a participação familiar na medida contribui para diminuir em 11% as chances do jovem cometer o ato infracional (RRR=0,891 com significância estatística de 10%).

A tabela 22 apresenta uma nova questão sobre esse tema, que inquiri se o jovem comete atos infracionais para ganhar dinheiro e com que frequência. Do total da amostra, 22,1 % assumem essa situação, com preponderância de frequência eventual (13,3%).

Em questão aberta, os jovens foram convidados a falar sobre o que os motivou a cometerem atos infracionais. O maior número de respostas concentra-se em torno do motivo “falta de dinheiro”, desemprego e situação familiar (“A família tava precisando”). Encontra-se também um número expressivo de respostas em que os jovens são motivados pela “curiosidade, vontade, coisa de momento”. A “influência das amizades” também se apresentou com certa intensidade, seguida por “drogas”, “falta de diálogo na família” e, ainda que com pouca força, “ser laranja de um crime”.

Tabela 23
Distribuição dos jovens que estão
estudando atualmente

ESTÁ ESTUDANDO	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	31,10%	39,70%	34,10%	34,50%
Não	68,90%	60,30%	65,90%	65,50%
N. Total	90	68	91	249

Jovens que cumpriram medida socioeducativa em meio aberto e a escola

Os jovens que estão atualmente estudando constituem 34,5% do total (tabela 23)⁶. É interessante confrontar esse dado com a tabela 24, que mostra a quantidade de jovens que estavam na escola enquanto cumpriam as medidas. As proporções praticamente se invertem, ou seja: atualmente 65,5% dos jovens não estão na escola e 67,5% estavam, quando cumpriam a medida. Esta situação chama a atenção se considerarmos que, entre os adolescentes que não estão na escola, muitos ainda não com-

pletaram seu ciclo de estudos, como pode ser deduzido a partir da análise da segmentação apresentada após a tabela 6, em que se observa que a quantidade de jovens que terminaram o ensino fundamental ou médio é ainda pouco expressiva.

Observa-se a influência da organização de atendimento para a inserção e/ou manutenção do jovem na escola, tendo em vista que 92,1% dos jovens afirmam que a organização onde cumpriram a medida socioeducativa em meio aberto ajudou-os a se manterem na escola e 85,9% afirmam que a mesma organização os ajudou a voltar para a escola no período em que cumpriam a medida. No entanto, os dados pare-

⁶ Esses dados aproximam-se de informações fornecidas por uma pesquisa realizada pela UFMG, em Belo Horizonte, onde foram entrevistados 98 jovens, sendo 2/3 da amostra (n=62) composta por adolescentes que já tinham cumprido liberdade assistida e os demais (n=36) estavam cumprindo essa medida. Neste estudo se observou que 39,3% dos jovens estava freqüentando a escola e 60,70% estava fora desse espaço de educação formal.

Tabela 24
Distribuição dos jovens que estavam estudando quando cumpriam a medida

ESTAVA ESTUDANDO	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	69,40%	64,70%	68,10%	67,50%
Não	30,60%	35,30%	31,90%	32,50%
N. Total	72	68	91	231

Tabela 25
Distribuição dos jovens que enfrentam dificuldades para freqüentar a escola

ENFRENTAM DIFICULDADES PARA FREQUËNTAR A ESCOLA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	33,30%	20,60%	25,30%	26,90%
Não	66,70%	79,40%	74,70%	73,10%
N. Total	90	68	91	249

cem indicar que, quando os adolescentes saem das medidas e da supervisão organizacional, tendem a se evadir da escola.

A tabela 25 mostra, do total de jovens

pesquisados, aqueles que afirmaram encontrar alguma dificuldade para freqüentar a escola. Estes perfazem 26,9% dos entrevistados.

Tabela 26
Distribuição dos jovens quanto à percepção de estímulo da medida para buscar outros cursos

	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	76,70%	75,00%	62,60%	71,10%
Não	23,30%	25,00%	37,40%	8,90%
N. Total	90	68	91	249

Dos jovens que apontaram ter dificuldades para freqüentar a escola, 19,4% afirmam trabalhar no mesmo horário da escola; 16,4% alegam dificuldade de encontrar vagas nas escolas; 13,4% afirmaram ter vivido problemas com professores, direção e funcionários da escola e 11,9% alegam trabalhar e ficam cansados para freqüentá-la. Cabe observar que 35% afirmaram serem outras as dificuldades enfrentadas para freqüentar a escola, categoria essa que não foi aprofundada, o que sugere a necessidade de uma investigação mais cuidadosa ao redor dessa questão. A outra face da mesma questão, ou seja, o olhar da escola sobre o jovem em conflito com a lei, foi explorada num estudo qualitativo realizado nos três muni-

cípios que compõem esta avaliação e gerou um texto analítico⁷ que se encontra disponível no portal do programa Pró-Menino (www.promenino.org.br).

Quando perguntados sobre os aspectos positivos da escola (questão aberta), os jovens apontaram, com maior expressão, para “ensino, educação e aprendizagem”; seguido de “amizades, meninas e relacionamentos”; “atividades esportivas e lazer”; “diretores e professores”; e com menos densidade, mas nem por isso menos importante, os itens “alimentação” e “perspectiva de futuro”. Com relação a aspectos negativos da escola, foram abordados com maior recorrência os temas “professores e diretores”; seguidos por “aulas e outras ativida-

⁷ *Uma relação delicada: a escola e o adolescente* de Maria de Lourdes Trassi Teixeira. São Paulo, 2007.

des”; “violência e drogas”; “indisciplina”; “brigas e desentendimentos” e “estrutura física”, todos estes com menor força.

A medida socioeducativa contribui para que o jovem sintam-se estimulado a buscar outros cursos (tabela 26), aspecto afirmado por 71,1% dos entrevistados.

Os cursos que os jovens sentiram-se mais estimulados a buscar são: 78% informática/computação e 19,2% cursos pro-

fissionalizantes, seguidos por cursos de arte, com 17,5% e de línguas estrangeiras, com 10,2%; alguns sentiram-se estimulados a cursar uma universidade (0,6% dos jovens). É pertinente ponderar que a natureza dos cursos em que os jovens se sentem estimulados a buscar está muito relacionada com o repertório de atividades que a organização de atendimento tem para lhes oferecer.

Jovens que cumpriram medida socioeducativa em meio aberto e o mundo do trabalho

Do total dos entrevistados, 35,3% afirmaram estar trabalhando atualmente, mesmo que eventualmente ou por conta própria (tabela 27). Este dado precisa ser lido com cuidado, uma vez que a pesquisa foi realizada durante os dias úteis da semana, no horário comercial, ou seja: os jovens que estavam trabalhando teriam dificuldades de participar deste estudo. Ao mesmo tempo, a avaliação encontrou objetivamente uma situação em que um jovem foi entrevistado dentro da “biqueira” (ponto de

venda de drogas), traficando, e afirmou estar trabalhando. Isso indica que, entre as respostas afirmativas sobre a questão do trabalho, podem ser encontradas também atividades ilícitas. A tabela 32, apresentada adiante, oferece novos elementos para essa discussão.

Entre os jovens que trabalham, 64,8% afirmam estar satisfeitos com sua atividade. Uma comparação com a pesquisa já citada, realizada em Belo Horizonte, é pertinente. Nela, 43,9% dos entrevistados disseram estar trabalhando. Ao mesmo tempo, um estudo feito pelo ILANUD no município de Santos, em 2002⁸, tanto com adolescentes que ainda cumpriam como com os que já haviam encerrado a medida socioeducativa

Tabela 27
Distribuição dos jovens que afirmaram estar trabalhando atualmente

TRABALHA	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	31,10%	26,50%	46,20%	35,30%
Não	68,90%	73,50%	53,80%	64,70%
N. Total	90	68	91	249

⁸ *Medida Sócio-Educativa em Meio Aberto no Município de Santos: Diagnóstico, Capacitação e Supervisão.* ILANUD. Santos, 2002. Mimeografado.

Tabela 28
Distribuição de jovens segundo relação
entre gênero e trabalho

TRABALHANDO	SEXO		
	Feminino	Masculino	Total
Sim	12,90%	38,50%	35,30%
Não	87,10%	61,50%	64,70%
Total	100	100	100
N. Total	31	218	249

em meio aberto (numa amostra que alcançou 30 entrevistas), apontou que 43,3% do universo pesquisado estavam trabalhando. Tais dados guardam certa proximidade com as informações encontradas no escopo deste estudo.

Sobre as condições do trabalho dos jovens, verifica-se que 74,1% recebem salário, mas não têm carteira assinada; 18,8%

recebem salário e têm carteira assinada; 4,7% trabalham por conta própria ou têm um negócio; 1,2% auxiliam parentes ou conhecidos e não ganham nada.

A relação entre gênero e trabalho é apontada na tabela 28, na qual se pode observar que 38,5% dos jovens do sexo masculino trabalham, enquanto 12,9% do sexo feminino também o fazem.

Tabela 29
Percepção de que as atividades que desenvolveu durante a medida ajudam no trabalho

AJUDA NA ATIVIDADE ATUAL	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	53,60%	55,60%	45,20%	50,00%
Não	46,40%	44,40%	54,80%	50,00%
N. Total	28	18	42	88

Entre os jovens entrevistados que estão trabalhando, 50% disseram que as atividades realizadas durante a medida os ajudam em sua atividade atual (tabela 29).

Entre os entrevistados, 33,3% afirmam que a organização onde cumpriram a medida socioeducativa em meio aberto ajudou-os a encontrar trabalho (tabela 30), com destaque para Guarulhos (47,1%). Tal dado também exige cuidado na leitura, uma vez que é possível encontrar casos em que a idade que o adolescente tinha ao cumprir a medida o impedia de ingressar no mercado formal. Outro complicador freqüentemente encontrado para a inserção de jovens do sexo masculino no mundo do trabalho, quando estes têm 17 anos, refere-se às res-

trições que empregadores impõem aos jovens, em função da necessidade de alistamento militar.

A percepção da influência negativa da medida sobre o jovem para que este conseguisse algum trabalho é apresentada na tabela 31, onde 22,9% afirmaram reconhecer esta situação. Cabe apontar que a informação sobre o cumprimento de medida é sigilosa, ou seja, não se torna público que o adolescente cometeu um ato infracional e recebeu uma sentença judicial por fazê-lo. Entretanto, as restrições de horário que a medida lhe impõe, ao cobrar dele obrigatoriedade de presença, podem ser reconhecidas como um possível fator que contribuiu para essa percepção negativa.

Tabela 30
Percepção de que organização onde cumpriu MSE-MA ajudou a encontrar trabalho

AJUDA DA ORGANIZAÇÃO	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	28,90%	47,10%	27,50%	33,30%
Não	71,10%	52,90%	72,50%	66,70%
N. Total	90	68	91	249

Tabela 31
Percepção sobre se cumprir a medida atrapalhou para conseguir trabalho

	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	16,70%	20,60%	30,80%	22,90%
Não	83,30%	79,40%	69,20%	77,10%
N. Total	90	68	91	249

Tabela 32
Distribuição dos jovens por renda individual
por jovens que trabalham

RENDA INDIVIDUAL	TRABALHANDO		
	Sim	Não	Total
Menos de R\$ 350,00	29,10%	41,30%	35,70%
Entre R\$ 351,00 e R\$ 700,00	58,20%	39,10%	48,00%
Entre R\$ 701,00 e R\$ 1050,00	10,10%	8,70%	9,40%
Entre R\$ 1051,00 e R\$ 1400,00	0,00%	2,20%	1,20%
Entre R\$ 1401,00 e R\$ 1750,00	0,00%	1,10%	0,60%
Mais de R\$ 1751,00	2,50%	7,60%	5,30%
Total	100	100	100
N. total	79	92	171

Este estudo buscou explorar alguns aspectos relativos à renda, tanto individual quanto familiar dos entrevistados. Para tal, foram estabelecidas faixas, tendo como orientação o valor do salário mínimo em maio de 2007 (R\$ 350,00). Essas faixas de renda foram cruzadas com a informação sobre jovens que afirmaram estar trabalhando, o que é apresentado na tabela 32.

As informações dessa tabela são de leitura desafiadora. Chama a atenção a presença de jovens com renda individual em todas as faixas apresentadas. A partir da faixa acima de R\$ 1.051,00, apenas jovens que não estão trabalhando declararam ter tais rendas. Uma hipótese possível é a realização de atos infracionais para obtê-la. A análise de risco (RRR) demonstra que, ao aumentar a faixa de renda, aumentam as

possibilidades de o jovem ter cometido atos infracionais após a medida; entretanto, esses valores não têm significância estatística, à exceção da faixa de valor acima de R\$ 1.751,00, em que se encontram jovens que têm 41% mais chances de ter cometido atos infracionais após as medidas socioedu-

cativas em meio aberto (RRR=5,114), com significância estatística de 5%.

A percepção do uso dos próprios recursos financeiros foi explorada, considerando-se um gradiente de distribuição que se situava entre muito e nada (quadro 3). Esta não é uma análise econômica, uma vez que

Quadro 3
Distribuição dos jovens por percepção do uso dos próprios recursos financeiros

ITEM	GASTA MUITO	GASTA RAZOÁVEL	GASTA POUCO	GASTA NADA
Beleza/ estética (cabelo, roupa, etc)	31,30%	33,30%	22,50%	12,90%
Balada/ diversão	26,10%	19,30%	17,70%	36,90%
Em casa	24,90%	26,50%	16,10%	32,50%
Transporte	15,30%	21,30%	24,10%	39,40%
Prestações de móveis, eletrodomésticos.	11,20%	7,60%	13,30%	67,90%
Saúde (médico, remédios)	7,20%	14,50%	14,90%	63,50%
Drogas	6,40%	9,20%	16,10%	68,30%
Pagamento de automóvel ou motocicleta.	6,00%	5,20%	2,80%	85,90%
Curso / estudo	3,20%	6,80%	6,40%	83,50%
Aplicações/ poupança	2,00%	5,20%	5,60%	87,10%
Igreja	2,00%	5,20%	12,90%	79,90%

não há monetarização dos gastos, mesmo que em faixas. É apenas uma forma de observar como o jovem entende que realiza a destinação de seus recursos. Neste caso, a segmentação por municípios dificultaria a leitura e, por isso, foi excluída.

O item onde há predominância de gastos é em beleza / estética, seguido por balada / diversão e colaboração em casa. Observa-se também que os investimentos em cursos e estudos é baixo, o que pode ser contraposto com a tabela 26, onde 71% dos entrevistados afirmam que a medida os estimulou a buscar novos cursos. Neste caso, tratar-se-ia de cursos sem custos, ou com custos muito reduzidos.

Jovens que cumpriram medida socioeducativa em meio aberto e a inclusão digital

O estudo da inclusão digital dos jovens foi realizado por constituir o cerne dos investimentos da Fundação Telefônica nas organizações de atendimento, ao mesmo tempo em que essa competência configura-se, nos dias de hoje, como determinante para o necessário desenvolvimento dos jovens nos campos da educação e do trabalho. Entre os entrevistados, 41,4% afirmaram que usam computador. Destes, 86,4% consideram que a medida socioeducativa em meio aberto contribui para o uso de computador (tabela 33).

Tabela 33
Distribuição dos jovens segundo uso de computador

USO DE COMPUTADOR	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	40,00%	52,90%	34,10%	41,40%
Não	60,00%	47,10%	65,90%	58,60%
N. Total	90	68	91	249

Tabela 34
Distribuição dos jovens segundo a percepção da contribuição da medida

CONTRIBUIU	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	80,60%	97,20%	80,60%	86,40%
Não	19,40%	2,80%	19,40%	13,60%
N. Total	36	36	31	103

Quadro 4
Distribuição dos jovens segundo local e frequência de uso de computador

LOCAIS	NUNCA	MENOS DE UMA VEZ POR MÊS	PELO MENOS UMA VEZ POR MÊS	PELO MENOS UMA VEZ POR SEMANA	PELO MENOS UMA VEZ POR DIA
Em casa	68,90%	-	1,00%	7,80%	22,30%
Em lugares que você paga (lan houses, cyber-cafés)	42,70%	5,80%	6,80%	29,10%	15,50%
No trabalho	86,40%	1,00%	1,00%	3,90%	7,80%
Na casa de amigos	77,70%	3,90%	3,90%	9,70%	4,90%
Em centros comunitários e telecentros	81,60%	1,90%	1,90%	12,60%	1,90%
Na escola	90,30%	-	6,80%	6,80%	1,00%

No quadro 4 temos a frequência de uso de computador de acordo com o local. Dentre as possibilidades observa-se maior frequência (com uso pelo menos uma vez por dia) em casa e em locais pagos, em contraponto com locais como a escola e centros comunitários. Cabe ressaltar que o uso em locais pagos é, entre todas as alternativas, o mais comum. A tabela 34 mostra que a medida sócio educativa em meio aberto contribuiu para que o jovem utilizasse mais o computador.

Os jovens que usam computador apontam como motivos desse uso: comunicação com outras pessoas (85,4%), atividades de lazer (64,1%), educação e aprendizado (54,4%) e atividades de trabalho (35,9%).

Observa-se que o jovem que está estudando tem 70,8% mais chances de utilizar o computador (RRR=1,708 com significância estatística de 5%); se os jovens sentem-se estimulados a buscar novos cursos, as possibilidades são 19% maiores (RRR=1,196 com significância estatística de 5%). Há uma tendência a maior chance de uso do computador em 60%, caso o jovem resida em Guarulhos (e, neste caso, tenha realizado atividades junto ao Projeto Gaia; RRR=1,595, com significância estatística de 5%). A renda familiar também tem influência; quando esta oscila entre R\$ 1.400,00 e R\$ 1.750,00, o jovem tem 230% mais chances de usar o computador (RRR=3,307 com significância estatística de 5%).

Tabela 35
Distribuição de jovens pelo acesso a médicos

ACESSO A MÉDICOS	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Igual a hoje	67,80%	82,40%	75,60%	74,60%
Tinha mais acesso/ era mais fácil	16,70%	17,60%	21,10%	18,50%
Tinha menos acesso	15,60%	-	3,30%	6,90%
N. Total	90	68	90	248

Jovens que cumpriram medida socioeducativa em meio aberto e a saúde

O jovem foi questionado sobre sua percepção em relação ao seu acesso a médicos, isto é, se observava diferenças entre o período

em que cumpriu a medida e o atual. Para 74,6% dos entrevistados, seu acesso a médicos à época da medida é igual ao que tem atualmente (tabela 35).

O uso de drogas pelos entrevistados foi também mapeado e associado à sua frequência, conforme apresentado no quadro

Quadro 5
Distribuição dos jovens segundo uso de drogas

TIPO DE DROGA	USA TODO DIA	USA PELO MENOS UMA VEZ POR SEMANA	USA PELO MENOS UMA VEZ POR MÊS	USA MENOS DE UMA VEZ POR MÊS	NÃO USA
Cigarro	54,60%	7,20%	-	-	38,20%
Maconha	26,50%	13,30%	2,80%	-	57,40%
Álcool	4,40%	37,90%	5,20%	3,60%	48,80%
Cocaína	4,00%	11,60%	-	1,60%	82,70%
Lança perfume	1,60%	3,60%	1,60%	0,80%	92,40%
Ecstasy	1,20%	2,00%	2,40%	0,80%	93,20%
Cola de sapateiro ou solvente	0,80%	-	-	0,40%	98,40%
Crack	0,40%	-	-	-	99,60%
Heroína	-	-	-	-	100,00%
Outros	0,40%	-	-	0,40%	92,20%

5. O cigarro destaca-se, com maior frequência de uso cotidiano, seguido pela maconha. Em relação a usos semanais, estão presentes o álcool, a maconha e a cocaína.

Os jovens que utilizam alguma droga foram questionados se consideram dependentes. A auto-declaração de vício não é o critério clínico para tal, mas apenas um indicativo da percepção que o jovem tem sobre sua relação com a droga. A tabela 36 aponta que 38,6% se auto-declaram viciados.

A relação com o uso de drogas é explorada na tabela 37, onde se observa que 52,7% dos jovens afirmam que, após cumprirem a medida socioeducativa em meio aberto, houve diminuição nessa utilização, no

entanto, 38,2% afirmam continuarem os mesmos, índice muito semelhante ao observado na tabela 36, em que 38,6% consideram-se viciados,

Jovens que cumpriram medida socioeducativa em meio aberto e moradia

Dentre os eixos selecionados para entender a situação de vida dos jovens atualmente, optou-se por trabalhar com informações sobre moradia. As questões formuladas buscavam abranger alguns dos pontos centrais da formação do direito à moradia: segurança jurídica da pos-

Tabela 36
Distribuição dos jovens por auto-declaração de vício em drogas

DECLARAÇÃO DE VÍCIO	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Sim	45,90%	31,60%	36,10%	38,60%
Não	54,10%	68,40%	63,90%	61,40%
N. Total	61	38	72	171

Tabela 37
Distribuição dos jovens por uso de drogas após MSE

Uso	CAMPINAS	GUARULHOS	GUARUJÁ	TOTAL
Diminuiu	50,80%	62,90%	49,30%	52,70%
Conitnuou o mesmo	33,90%	31,40%	45,10%	38,20%
Aumentou	15,30%	5,70%	5,60%	9,10%
N. Total	59	35	71	165

se, disponibilidade de serviços e infraestrutura, localização, acessibilidade e habitabilidade⁹.

Os dados mostram que 19% dos jovens afirmam que, em seu local de moradia, não têm fácil acesso a transporte público. Cabe atenção aos dados do Guarujá, onde esse valor sobe para 30,8%.

A totalidade dos entrevistados afirma ter luz elétrica em suas residências, sendo que 26,3% afirmam haver instalação irregular da mesma (“gato”). Grande parte dos jovens (91,9%) afirma existir iluminação pública em seu local de moradia. Ao mesmo tempo, 40% dos jovens afirmam que não moram em ruas pavimentadas, valor

que aumenta para 52,7%, no município do Guarujá.

A existência de esgoto ao ar livre, o que corresponde a córregos e fossas de dejetos humanos, é observada por 45,2% dos jovens em seus locais de moradia. No Guarujá, esse índice sobe para 58,2%.

Quanto à segurança da posse, os dados variam de acordo com o município, sendo que 21,1% dos jovens de Campinas afirmam existir risco de serem despejados¹⁰ do local onde moram, dado que se aproxima do Guarujá, onde 18,7% afirmam o mesmo, em contraponto com Guarulhos, onde 7,5% estão em situação semelhante.

⁹ Saule e Cardoso. *O direito à moradia no Brasil*. São Paulo, Instituto POLIS. 2005. P.22

¹⁰ O termo “despejo” foi adotado nessa pesquisa com o significado de risco de perda da posse, insegurança por qualquer motivo, como falta de pagamento de aluguel ou irregularidade do imóvel. Não foi adotado no sentido estrito técnico-jurídico do termo,

Lista de tabelas e quadros

Universo da avaliação

Tabela 1. Universo de adolescentes e tamanho da amostra

Tabela 2. Universo ampliado da pesquisa

Perfil dos adolescentes e jovens

Tabela 3. Distribuição dos jovens segundo gênero

Tabela 4. Distribuição dos adolescentes / jovens segundo faixa etária

Tabela 5. Distribuição dos jovens segundo cor auto-declarada

Tabela 6. Distribuição dos jovens segundo escolaridade

Tabela 7. Distribuição dos jovens segundo escolaridade materna

Tabela 8. Distribuição dos jovens segundo a organização tipológica dos familiares com quem mora

Tabela 9. Distribuição dos jovens segundo ser pai / mãe

Medidas socioeducativas em meio aberto e ato infracional

Tabela 10. Distribuição de jovens segundo medida cumprida

Tabela 11. Distribuição de jovens pela participação da família na MSE-MA

Quadro 1. Distribuição de familiares que participaram da medida

Tabela 12. Escolaridade materna e participação da mãe na medida

Tabela 13. Distribuição de jovens segundo importância que atribuíram à participação familiar na medida

Tabela 14. Distribuição dos jovens segundo percepção de relação familiar após cumprir a medida

Tabela 15. Distribuição dos jovens que quebraram a medida.

Tabela 16. Forma como medida foi quebrada

Tabela 17. Quebra de medida e participação familiar na medidas

Tabela 18. Distribuição dos jovens que já foram apreendidos ou receberam medida de privação de liberdade (internação)

Tabela 19. Distribuição de jovens com familiares presos.

Tabela 20. Presenciou cenas de violência familiar em casa.

Tabela 21. Jovens que cometeram atos infracionais após terem cumprido a medida.

Quadro 2. Ato infracional cometido pelo jovem após cumprir a medida

Tabela 22. Comete ato para ganhar dinheiro com frequência do ato

Jovens que cumpriram medida socioeducativa em meio aberto e:

Escola

Tabela 23. Distribuição de jovens que estão estudando atualmente (escola)

Tabela 24. Distribuição de jovens que estavam estudando quando cumpriam a medida

Tabela 25. Distribuição de jovens que enfrentam dificuldades para frequentar a escola

Tabela 26. Distribuição de jovens quanto à percepção de estímulo da medida para buscar outros cursos

Trabalho

Tabela 27. Distribuição dos jovens que afirmaram estar trabalhando atualmente

Tabela 28. Relação entre gênero e trabalho

Tabela 29. Atividades que desenvolveu durante a medida ajudam no trabalho atual

Tabela 30. Organização ajudou a encontrar trabalho

Tabela 31. Percepção dos jovens sobre se cumprir a medida atrapalhou-os para conseguir trabalho

Tabela 32. Renda individual por adolescentes que trabalham

Quadro 3. Percepção do uso dos próprios recursos financeiros

Inclusão digital

Tabela 33. Distribuição dos jovens segundo uso de computador

Quadro 4. Local e frequência de uso de computador

Tabela 34. Distribuição de jovens segundo a percepção da contribuição da medida para usar mais o computador

Saúde

Tabela 35. Acesso a médicos

Quadro 5. Distribuição dos jovens segundo uso de drogas

Moradia

Tabela 36. Distribuição de jovens por auto-declaração de vício em drogas

Tabela 37. Uso de drogas após MSE

Adolescência e violência

Denis Mizne

Dentre os principais problemas sociais brasileiros, não há dúvida de que a violência urbana ocupa um lugar de destaque. Estampados nas páginas de jornais todos os dias, estão casos e mais casos de violência banal, brutalidade policial, guerra entre traficantes, entre outros. Mais do que casos isolados, os números mostram que os homicídios no Brasil atingiram patamares epidêmicos. De acordo com o SUS, em 2004, mais de 100 pessoas foram assassinadas com armas de fogo por dia, totalizando quase 39.000 vítimas. Isso coloca nosso país no topo do ranking mundial de violência armada, superando países em guerra civil e conflitos internacionais consagrados, como entre Israel e Palestina ou a guerra da Bósnia.

Níveis de violência tão alarmantes levariam um observador externo a imaginar

que a resposta pública a esse problema estaria na pauta principal de governantes e legisladores, e que o conhecimento mais aprofundado das causas e possíveis soluções seria debate corrente nos órgãos governamentais e acadêmicos. Infelizmente isto não é verdade. O debate público brasileiro tem sido marcado pela emoção e irracionalidade, privilegiando muitas vezes a vingança em detrimento da justiça e descartando qualquer solução que exija mais de um parágrafo para ser explicada ou de uma semana para ser implementada. Em meio ao caos concreto, causado pela violência, e ao grau de histeria associado à busca de respostas, a insegurança cresce e a vitimização também.

Como a maioria de nossas chagas sociais, a violência também é marcada pela desigualdade. Jovens, pobres, negros, mora-

dores de periferias e favelas de grandes centros urbanos constituem a população preferencial da criminalidade violenta. Hoje o homicídio é a principal causa de morte entre adolescentes e jovens, respondendo por assustadores 40% das ocorrências. A taxa de homicídios nessa faixa etária é quase o dobro da média nacional e a vitimização de jovens negros é 74% maior do que a de jovens brancos de acordo com o Mapa da Violência da UNESCO.

Apesar da predominância de adolescentes como vítimas, maior atenção tem sido dada, pelos meios de comunicação e por boa parte da classe política, aos casos de crimes cometidos por adolescentes. Segundo a UNICEF, cerca de 10% dos crimes cometidos no país são de autoria de adolescentes e a imensa maioria, quase 70%, são crimes contra o patrimônio. Não se trata de maneira nenhuma de defender que esses números são insuficientes para justificar atenção, mas apenas para contextualizar a predominância de adolescentes e jovens como vítimas e a distorção percebida pela população sobre a participação de adolescentes na criminalidade.

Análise dos dados: ambiente favorável

Um cotidiano marcado pela violência e exclusão aparece reiteradamente nos dados apresentados neste estudo. 34% dos adolescentes têm familiares presos. 85% já foram internados ou apreendidos. 40% se auto-declaram viciados em drogas. No universo mais amplo de egressos identificados, mas não entrevistados, 5% estão mortos e 27%, encarcerados. Quase 70% dos adolescentes estão fora da escola e 65%, sem trabalho. Um quarto foi exposto à violência doméstica. Este pequeno conjunto de informações ajuda a identificar a complexidade dos problemas que podem contribuir para uma conduta criminosa.

Estes dados parecem ser fundamentais para a análise dos demais dados apresentados, ligados mais diretamente ao “sucesso” da aplicação da medida socioeducativa em meio aberto. Vários dados obtidos durante a aplicação da medida mostram-se promissores, como a ampla participação familiar (75%), a reintegração ao ambiente escolar, o estímulo à busca de novos cursos e, em menor escala, a percepção de melhora das condições de empregabilidade. Por outro lado, a incidência de

“quebra” de medida (70%), o abandono da escola e a volta a prática de atos infracionais – ainda que por cerca de um quarto dos egressos (28%) – justificam importantes reflexões.

O debate público sobre violência juvenil, talvez até mais do que sobre segurança pública de um modo geral, tende a “simplificar” excessivamente problemas e soluções. Para boa parte dos defensores de medidas mais repressivas, não só as medidas de internação deveriam ser privilegiadas, mas preferencialmente ser substituídas pela redução da maioria e a inclusão no sistema prisional de adolescentes de 16, 14 ou até 11 anos, dependendo da proposta. Quanto mais complicado o quadro em que se encontra o adolescente, mais justificável a dureza da pena, como se a privação de liberdade fosse remédio necessário e suficiente para evitar a atividade criminosa. Considerando-se o alto custo, cerca de R\$2.000,00 mensais por interno, a maior reincidência (38% segundo estudo da UNIFESP 2006) e a quantidade de violações de direito fartamente documentadas, parece que há pouca racionalidade por trás dessa posição.

Por outro lado – talvez até em decorrência da enorme pressão repressiva exercida por amplos setores da sociedade - mui-

tos dos que militam na área da infância e adolescência limitam-se ao importante trabalho de defender o conceito das medidas socioeducativas e outras ações avançadas presentes no ECA, sem contudo atentar para a complexidade de sua implementação. Neste contexto, pouco se conseguiu avançar na avaliação do impacto efetivo das medidas em meio aberto e na superação dos desafios inerentes a sua aplicação.

Mais do que optar por um ou outro lado do debate, o desafio para os responsáveis pelo desenho e efetivação de políticas públicas de segurança nessa área é construir um modelo que possa dar conta da magnitude dos desafios apresentados pelo contexto sócio-econômico e cultural em que estão inseridos os adolescentes em conflito com a lei. Esses desafios demandam uma combinação balanceada entre medidas preventivas que possam ampliar os incentivos para o não envolvimento criminoso de adolescentes e jovens e a aplicação de todas as medidas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente, na proporção adequada do ato infracional cometido.

Cabe agora explorar quais os desafios para a aplicação prática dessas medidas, tanto para trazer o debate público para for-

mas mais construtivas, como para contribuir para a efetiva redução do envolvimento de adolescentes com o crime.

Recomendações para políticas públicas

O alto envolvimento proporcional de adolescentes e jovens com atividades criminosas não é apenas uma realidade brasileira. Ao contrário, em toda a América Latina e mesmo em países desenvolvidos, essa é a faixa etária mais vulnerável à criminalidade e, principalmente, a ser vítima de crimes.

Ainda que o número de autores de crimes seja relevante, é primordial, para bem atacar o problema, reconhecer que esses são uma imensa minoria dos adolescentes. Ou seja, não só 90% dos crimes não têm adolescentes envolvidos como autores mas, do total de adolescentes, uma porcentagem ínfima comete crimes. Essa premissa é fundamental para evitar a corrente estigmatização desse grupo e o preconceito puro, simples - e nefasto - que acaba pautando a conduta de setores repressivos no tratamento de adolescentes, especialmente adolescentes pobres. Lembremos que o número de adolescentes (12 a 18 anos) no Estado de

São Paulo é de cerca de 5 milhões. O número de adolescentes cumprindo medidas socioeducativas é de cerca de 20.000, menos de 0,4% do total!

O investimento mais eficiente, tanto pelo baixíssimo custo quanto pela alta efetividade, é aquele dirigido às políticas preventivas. Quando falamos em prevenção, falamos no valor agregado e raramente mensurado de evitar os crimes que poderiam ser cometidos e, portanto, o custo-benefício passa a ser ainda mais atraente. Boa parte das medidas que compõem o quadro mais amplo de prevenção nem deveriam ser discutidas no contexto da criminalidade, já que são a mera – e tão atrasada – aplicação de direitos garantidos a adolescentes e jovens em nossa Constituição. Condições básicas de ensino, saúde, moradia, acesso ao mercado de trabalho e, não menos importante, o respeito por parte da sociedade, na forma de não discriminação. O imperativo para a garantia de direitos deste grupo, portanto, é obrigação básica de todos os níveis de governos e não cabe aqui discuti-los.

Políticas de prevenção ao crime propriamente ditas podem ser aplicadas num universo curto de tempo e com alto grau de eficiência, como já foi observado em casos

consagrados como o do Jardim Ângela, em São Paulo, o da cidade de Diadema e tantos outros. Neste ponto, estamos falando de ações voltadas aos grupos que estão sob maior risco, nas áreas mais vulneráveis, que incorporem os jovens como atores efetivos de transformação de suas comunidades, que construam novas formas de resolução de conflitos que não pela violência, que estimulem a criação de exemplos fora do crime e que lidem com a enorme e tão ignorada dimensão cultural do crime, atuando para promover a cultura da paz em contraposição à cultura da violência. Se na década passada mencionar essas políticas parecia um discurso idealista, hoje há um sem número de exemplos concretos de medidas aplicadas, pelo Instituto Sou da Paz e tantos outros que mostram a viabilidade destas ações.

Um segundo grupo de medidas passa a ser necessário para lidar com adolescentes cumprindo medidas socioeducativas em meio aberto, o foco deste estudo. Para melhorar a qualidade de aplicação destas, sugiro um olhar cuidadoso para algumas dimensões, sem, de maneira nenhuma, querer esgotar nelas o debate.

Rede Social de Apoio

Ao mesmo tempo em que o envolvimento da família pode ser bastante benéfico para o adolescente cumprindo MSE, como atestam os dados do estudo, parece ser importante a criação de uma rede social de apoio, que possa oferecer novos contatos e novas oportunidades para os adolescentes, bem como recursos extremamente necessários, que podem não estar ao alcance da entidade responsável. Isso se aplica aos casos de drogadição, em que há necessidade de apoio para acompanhar as atividades escolares, lidar com traumas de violência doméstica ou para investir em potencialidades do adolescente, por meio das atividades que este desenvolveu no decorrer do cumprimento da medida. A existência de redes sociais de apoio nos distritos onde as medidas são cumpridas fortaleceriam a ação das entidades e, principalmente, ajudariam a criar novos laços sociais para os adolescentes, fora daqueles que foram criados na participação em atividades criminosas.

Geração de oportunidades de inserção pós-aplicação da medida

A grande quantidade de adolescentes que já têm suas próprias famílias (21%) e conseqüentemente suas responsabilidades,

bem como a idade já próxima dos 18, 19 anos, tudo isso aliado à baixa renda, são elementos que evidenciam a necessidade de geração de trabalho e renda. O tempo de cumprimento da medida não é suficiente, nem tem o objetivo de sustentar o adolescente, mas atividades podem ser planejadas, no sentido de abordar essa que é uma das principais preocupações deste grupo. Não só seria importante identificar as ações que foram percebidas por parte dos adolescentes como benéficas para o engajamento no mercado de trabalho, como seria fundamental que estas fossem estendidas nos demais programas e pensadas como uma preocupação constante daqueles que atuam na área. A pressão por recursos, ainda que para comprar o que parece supérfluo, é parte da agenda de adolescentes de todas as classes sociais (roupas, cosméticos, lazer) e tem de ser atacada de duas formas: tentando contribuir para uma rediscussão dos valores envolvidos e viabilizando o acesso a atividades não criminosas que possam gerar renda.

É importante salientar, evidentemente, que não é fácil atacar este problema sem políticas mais amplas de geração de emprego e renda, que necessariamente clamam por ação governamental. A escala do proble-

ma e os fatores que contribuem para ele estão diretamente ligados a políticas econômicas e trabalhistas que estão fora da esfera de ação de organizações não governamentais. O fracasso de políticas como o Primeiro Emprego não devem desestimular o governo federal a buscar ações melhor desenhadas nesta área.

Acompanhamento dos adolescentes após cumprimento da medida

O acompanhamento dos adolescentes após o fim da medida faz-se absolutamente necessário para evitar as mudanças dramáticas apontadas neste estudo, como por exemplo, em relação ao abandono da escola. Os valores associados a bons programas de MSE mostram que, durante o atendimento, os adolescentes tendem a voltar à escola, buscar novos cursos, reaproximar-se da família etc. Mas sem um sistema de acompanhamento periódico, que possa auxiliar o adolescente nos momentos críticos de pressão para a volta ao crime ou dos desincentivos gerados pela qualidade do ensino público ou pelos estigmas associados a adolescentes em conflito com a lei, muito do investimento na MSE se perderá e teremos a volta do adolescente ao sistema e, mais grave, à criminalidade.

Aumento do investimento para medidas em meio aberto

Nenhuma das medidas acima poderá ser efetivamente implementada se não houver um aumento do investimento nestas ações. Infelizmente, a maneira como o debate público valoriza a repressão e o altíssimo custo desta, faz com que a imensa maioria dos recursos seja direcionada para a construção e manutenção de unidades de cumprimento de internação. A falta de recursos adequados para o sistema de medidas em meio aberto acaba contribuindo para a eficiência apenas parcial destas e o conseqüente crescimento da necessidade de internação. O ciclo perverso gerado por esta equação apenas fortalece as ineficiências do sistema e inverte a prioridade das políticas públicas de segurança. Longe de defender o não investimento em unidades fechadas, o que proponho é apenas uma pequena mudança no balanço, que permita aumentar a eficiência do sistema aberto e, gradativamente, economizar recursos para o Estado e trazer maior segurança para a sociedade.

Conclusão: compromisso da sociedade com a recuperação de jovens em conflito com a lei.

A sociedade brasileira como um todo, mas principalmente os formuladores e aplicadores de políticas públicas, precisam encarar o debate sobre adolescência e violência com a prioridade e a racionalidade que este demanda. Urge abandonar a mera defesa de posições e passar à superação dos conflitos que tanto nos preocupam. O que precisamos não passa por mudanças legislativas ou discursos inflamados, mas por um compromisso em reconhecer e atacar a complexidade do problema global do envolvimento de adolescentes com o crime. Quando se fala em reconhecer a complexidade do problema, não se deseja estimular a sensação de que é impossível resolvê-lo. Problemas complexos só demandam respostas complexas. Complexas não por serem difíceis, mas por exigirem um conjunto de respostas desenhadas cuidadosamente para atacar cada uma das dimensões do problema. Trata-se de um conjunto de medidas racionais, possíveis e eficientes que, somadas, evoluirão para uma situação de redução da violência e promoção da paz.

Nós, que atuamos nesta área, temos também de estar dispostos e comprometidos a constantemente avaliar e aprimorar programas e a contribuir para além do debate das idéias, mostrando as eficiências e ineficiências de nossas ações. O aprendizado gerado pela avaliação de nossas políticas fortalecerá nossas ações e até a defesa de nossas idéias.

A gravidade dos atos de alguns não pode comprometer toda uma geração.

Milhões e milhões de adolescentes têm hoje seus direitos negligenciados e vivem em situação social lastimável. A imensa maioria não recorre ao crime. Ao contrário, muitos mais sofrem com o crime do que qualquer outro grupo de nossa sociedade. Este dado básico não pode ser esquecido. Assim como não pode ser abandonado o compromisso de todos nós com a garantia dos direitos dessa população.

Denis Mizne

É fundador e diretor-executivo do Instituto Sou da Paz. É formado em Direito pela Universidade de São Paulo, especializado em direito internacional dos direitos humanos pela Universidade de Columbia (NY) e mestre em Administração Pública e Governo pela Fundação Getúlio Vargas.

Referências

-
- Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) - Lei nº 8.069/1990
-
- BRANDÃO, D.B., *Avaliação com intencionalidade de aprendizagem: contribuições teóricas para o campo da avaliação de programas e projetos sociais*. Dissertação de mestrado em Educação/Currículo, PUC-SP, 2007
- Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP) – UFMG, *Avaliação do programa liberdade assistida*. Belo Horizonte, 2004/2005
- Disponível em:
http://www.crisp.ufmg.br/relat_liber_assistida_quali.pdf
- COSTA, A.C.G., *Aventura pedagógica – caminhos e descaminhos de uma ação educativa*. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 1999
- _____, *Pedagogia da presença – da solidão ao encontro*. 2ª ed. Belo Horizonte: Modus Faciendi, 2001
- DUSSEL, E., *Ética da libertação na idade da globalização e da exclusão*. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002
- GONG, J. & WRIGHT, D., *The context of power – young people as evaluators in American* Journal of Evaluation, n. 28 (3), pp. 327 – 333, 2007
- GUBA, E. & LINCOLN, Y., *Fourth generation evaluation*. Thousand Oaks, California: Sage, 1989
- FERREZ & DE MAYO, A., *Os inimigos não mandam flores*. São Paulo: Pixel Media., 2006
- Observatório de Jovens Real Panorama da Comunidade (OJRPC), *Uma metodologia para a formação de jovens pesquisadores*. São Paulo: ICE & Projeto Casulo, 2006
- Medida sócio-educativa em meio aberto no município de Santos: diagnóstico, capacitação e supervisão* (mimeografado). Santos: ILANUD, 2002
- NOGUCHI, N.F.C., *Seguro na FEBEM – SP: universo moral e relações de poder entre adolescentes internos*. Dissertação de mestrado, Instituto de Psicologia da USP, 2006
- SOARES, L.E., MV Bill & ATHAYDE, C., *Cabeça de porco*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005
- SAULE Jr., N. & CARDOSO, P. M., *O direito à moradia no Brasil*. São Paulo: Instituto POLIS, 2005
- TEIXEIRA, M.L.T., *As histórias de Ana e Ivan: boas experiências em liberdade assistida*. São Paulo: Fundação Abrinq, 2003
- _____, *Uma relação delicada: a escola e o adolescente*. São Paulo: Programa Pró-Menino, 2007
- Disponível no portal Pró-menino: www.promenino.org.br
- _____, *Adolescência violência: desperdício de vidas*. São Paulo: Cortez, 2006
- VOLPI, M., *O adolescente e o ato infracional*. São Paulo: Cortez, 2002
- SILVA, F.S., *Futebol libertário: um jeito novo de jogar na medida*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007
- WALKER, K., *Youth empowerment evaluation – learning voice*, in American Journal of Evaluation, n. 28 (3), pp. 321 – 326, 2007
- WHITMORE, E. & MC KEE, C., *Six Street Youth Who Could...* in Handbook of action research. Thousand Oaks, California: 2001
- Exilados do mundo*, documentário do Projeto Quixote, TV UNIFESP, Instituto Imagem Viva. São Paulo, 2005



Vozes e olhares: uma geração nas cidades em conflito apresenta uma profunda investigação sobre a situação de adolescentes e jovens que cumpriram medidas socioeducativas em meio aberto em três municípios do Estado de São Paulo. O trabalho foi realizado no escopo do Programa Pró-Menino: Jovens em Conflito com a Lei, desenvolvido pela Fundação Telefônica. Utilizando metodologias inovadoras, o estudo realizado pelo Instituto Fonte para o Desenvolvimento Social alcança dados impressionantes por sua amplitude e significado, que são analisados por especialistas em temas sobre adolescência e violência. *Vozes e olhares: uma geração nas cidades em conflito* é uma obra fundamental para a atual reflexão e desenvolvimento das medidas socioeducativas em meio aberto no Brasil.

Iniciativa



prómenino
Um programa da Fundação Telefônica

Parceria



instituto fonte
para o desenvolvimento social